Programa de Educação Afetivo-Sexual - PEAS

PROGRAMA

AFETIVO - SEXUAL

um novo olhar

Guia de Oficinas

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
Escolas-Referência
Escola Viva, Comunidade Ativa

Belo Horizonte - 2005

Governador:

Aécio Neves da Cunha

Secretária de Estado de Educação:

Vanessa Guimarães Pinto

Secretário-Adjunto de Educação:

João Antônio Filocre Saraiva

Chefe de Gabinete:

Felipe Estábile Morais

Subsecretária de Desenvolvimento da Educação:

Maria Eliana Novaes

Subsecretário de Administração do Sistema de Educação

Gilberto José Rezende dos Santos

Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Humanos

Syene Maria Coelho de Toledo

Superintendência de Desenvolvimento da Educação

Raquel Elizabete de Souza Santos

Diretoria de Capacitação de Recursos Humanos

Maria Célia Basques Moura

Cordenador-Executivo do Projeto Escolas-Referência

Joaquim Antônio Gonçalves

Coordenadora-Executiva o PEAS

Kátia Liliane Alves Cangucú

SUMÁRIO

I. Introdução 7

II. Sugestão de oficinas de acordo com os módulos 8

III. Oficinas:. 9

1 - Eu, tu, eles 9

2 - Desejos e necessidades. 13

3 - Participar e cooperar 17

4 - Prazer e saúde 21

5 - Voluntários? Para quê? 25

6 - Formando parcerias e redes 29

7 - Sexo, sexualidade e afetividade 33

8 - Sexo e gênero. 37

9 - Corpo de homem, corpo de mulher 42

10 - Namorar e ficar 46

11 - Gravidez na adolescência 49

12 - Cuidar da vida 52

13 - Identidade sexual e orientação de desejo 56

14 - Métodos contraceptivos 60

15 - Projeto de trabalho 64

16 - Plano de ação 68

17 - Vulnerabilidade e *empoderamento* 71

18 - Paradeiro. 75

19 - Drogas... como lidamos com isso?. 79

20 - Prevenção de DST/Aids 82

21 - Projeto de vida 87

22 - Direitos humanos e cidadania 91

23 - Direitos da criança e do adolescente 95

24 - Conviver, viver com 99

25 - Compreendendo processos, avaliando resultados 102

IV - Anexo: 105

1 - Atividades de integração 105

2 - Letras de músicas 112

- Comida 112
- Paradeiro 113

3 - Textos de apoio 114

- O que é voluntariado?. 114
- Autonomia,protagonismo e educação para cidadania. 115
- Etapas de uma ação protagonista 118
- Capital social e desenvolvimento 119
- Algumas informações sobre drogas. 120
- Mitos e verdades sobre DST/Aids 122
- Águia e a galinha 123
- Casamento de Sir. Gawain 135
- Os cinco macacos 130
- Declaração universal dos direitos humanos 130
- O que é violência? 131

4 - Sugestões de situações para desenvolvimento de atividades 131

- Pensando nas justificativas 131
- Métodos contraceptivos 132
- Conversa entre gerações 134
- Direitos e deveres 135

V - Bibliografia 137

I - Introdução:

Prezados Educadores,

Este Guia de Oficinas compõe o acervo de materiais pedagógicos do Programa de Educação Afetivo-Sexual *um novo olhar* - PEAS e tem como objetivo subsidiar as oficinas a serem desenvolvidas com os Adolescentes Protagonistas do PEAS – APPeas.

As oficinas que estão contidas neste Guia foram selecionadas de acordo com os conteúdos dos módulos do Guia de Estudos da Formação Continuada. Para cada tema há várias sugestões de oficinas que devem ser escolhidas conforme o perfil dos adolescentes do APPeas.

Cada oficina tem carga horária de cinco horas. Como as sugestões contidas neste Guia têm duração média de três a quatro horas, poderão ser fundidas com outras de acordo com o tema afim ficando assim mais completa e gerando resultados mais efetivos.

Esperamos que, com este material formativo, o seu trabalho com os adolescentes seja gratificante e os adolescentes do APPeas consigam apreender o conteúdo e repassá-lo aos outros adolescentes e educadores da sua escola e comunidade, que sejam realmente protagonistas de seu conhecimento e ações, e realizem assim o objetivo maior do PEAS – formar cidadãos críticos e participativos.

Bom trabalho e sucesso!

Equipe de coordenação do PEAS/SEE

II - Sugestão de oficinas de acordo com os módulos

Módulo	Tema	Oficina
1	Uma nova escola	• Eu, tu,nós • Desejos e necessidades • Participar e cooperar • Projeto de vida
2	Adolescência e relações de gênero	• Sexo e gênero
3	Afetividade e sexualidade	• Sexualidade e relações de intimidade • Identidade sexual e orientação de desejo
4	Afetividade e sexualidade	• Sexo, sexualidade e afetividade • Namorar e ficar
5	Corpo, saúde e sexualidade	• Saúde e prazer • Corpo de homem, corpo de mulher • Gravidez na adolescência • Cuidar da vida • Prevenção de DST/Aids • Métodos contraceptivos
6	Identidade, cidadania e protagonismo	• Voluntariado? Para que? • Formando parcerias • Direitos humanos e cidadania • Direitos da criança e do adolescente • Conviver, viver com
7	Projeto de trabalho	• Projeto de trabalho • Plano de ação • Compreendendo processos, avaliando resultados

8	Corpo, saúde e sexualidade	• Vulnerabilidade e *empoderamento* • Drogas... como lidamos com isto? • Paradeiro

III - Oficinas

Oficina 1 - Eu, tu, nós

Objetivos

- Expressar-se, verbal e corporalmente, diante do grupo.
- Desenvolver a percepção de si mesmo e dos outros.
- Reconhecer o grupo como espaço de troca e aprendizagem coletiva.
- Estabelecer um contrato inicial de convivência.
- Conhecer a proposta do Programa de Formação e Atuação do APPeas.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Papel A4 (1 folha por participante).
- Lápis preto, canetas hidrocor, lápis de cor, lápis cera.
- *Flipchart* e folhas de *flip*.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Lâminas ou cartazes com apresentação do APPeas.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Roda de nomes e Acróstico (nome e qualidades)*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Caminhada com encontros a dois

1. Convidar os participantes a se descontrair e a se conhecer um pouco mais.
2. Dar as seguintes instruções gerais:
   - Assim que for colocada uma música, todos vão caminhar livremente ao ritmo, em todas as direções, procurando ocupar o espaço da sala.
   - Quando a música parar, cada um deverá procurar a pessoa mais próxima e parar em frente a ela.
   - A cada parada, serão dadas instruções do que as duplas deverão fazer.
   - Quando a música recomeçar, todos devem se despedir do par e voltar a caminhar.
   - A cada nova interrupção da música, todos vão proceder da mesma forma, mas procurando sempre um novo par.

Sugestões para as atividades em dupla: dizer o nome, uma qualidade que reconhece em si, um lugar que gostaria de conhecer, algo que quer mudar em sua vida, uma coisa que adora fazer, uma pessoa que admira, falar o nome bem baixinho no ouvido do outro, fazer uma careta, dar um abraço...

Vivência

Jogo da construção coletiva

1. Dizer que, para aprender em grupo, as pessoas devem desenvolver certos comportamentos e atitudes. Por exemplo: ouvir, procurando compreender de fato o que a pessoa que está falando pensa e sente. Trata-se de criar coletivamente um ambiente favorável à convivência e à troca de idéias sobre afetividade, sexualidade e direitos humanos.
2. Fazer uma "chuva de idéias" (*brainstorming*), registrando as repostas espontâneas dos participantes à seguinte pergunta: *O que é importante para a criação coletiva? (O que é preciso para que este grupo de aprendizagem dê certo?)*.
3. Terminados os registros, levar o grupo a eliminar repetições, explicitar o significado de palavras ou expressões, agrupar idéias semelhantes e, finalmente, a escolher 5 palavras-chave para a criação coletiva e o trabalho em equipe.
4. Organizar os participantes em círculo e nomear cada um deles, usando uma das palavras selecionadas.
5. Convidar um participante para ficar no centro do círculo e retirar da roda a cadeira em

que ele estava assentado. Explicar que quem está no centro deverá falar uma das palavras, e todas as pessoas que foram "batizadas" com essa palavra deverão se levantar e trocar rapidamente de cadeira com outra pessoa. Vai para o centro e passa a dar os comandos quem ficar sem cadeira. Explicar, ainda, que quem está no centro tem a possibilidade de falar, além das palavras escolhidas, a expressão *criação coletiva*. Nesse caso, todos deverão trocar de lugar.

6. Terminado o jogo, conduzir o grupo a elaborar os combinados que irão compor o Contrato de Convivência do Grupo, provocando os participantes a traduzir termos de sentido abstrato ou genéricos usados no jogo em atitudes e ações observáveis: uma palavra como solidariedade, por exemplo, pode ser traduzida como *Ajudar os companheiros a alcançar objetivos e a realizar ações*.

Observações — (1) *É mais seguro que os participantes tirem os sapatos durante a corrida para a troca de lugares.* ***(2)*** *Ao final da atividade, o facilitador terá um conjunto de normas de convivência, que será impresso em uma folha e distribuído para cada participante. É importante registrar também os combinados em um painel e colocá-lo em local visível.*

Informação

Proposta de trabalho

1. Expor, com o apoio de transparências, a proposta do APPeas: criar um espaço de promoção e prevenção em saúde e cidadania com os jovens participantes do grupo e também para e com os que não são membros do grupo, mas fazem parte da comunidade.
2. Explicar que, nas oficinas, serão discutidos diferentes temas e que, a partir dessas discussões, o próprio grupo deverá definir que ações irá promover com e para os jovens da comunidade da escola ou da vizinhança.
3. Ressaltar que o grupo terá de definir participativamente o que fazer, por que, como, quando e onde fazer suas ações de multiplicação.
4. Retomar o nome da Proposta — *Adolescente Protagonista do PEAS* —, enfatizando que os membros do grupo estarão se formando para atuar como jovens protagonistas, multiplicadores de ações educativas.

Observação *— É importante abrir espaço para que os participantes se manifestem, dêem idéias, mostrem o que pensam da proposta e o que entendem por protagonismo.*

Aplicação

De que precisamos?

1. Provocar os participantes a dizerem do que precisam para ter uma vida de qualidade no presente e uma perspectiva de futuro. Perguntar também o que imaginam que os jovens de sua comunidade precisam, do que sentem falta.
2. Registrar as respostas de todos em um folha de *flip* ou painel de papel pardo e combinar que cada participante vai fazer a mesma pergunta para, pelo menos, um jovem ou uma jovem de sua comunidade, trazendo a resposta anotada para o encontro seguinte.

Avaliação

Pare, olhe e siga

1. Distribuir cartões coloridos — um vermelho, um amarelo e um verde — para cada participante.
2. Solicitar que avaliem o encontro, de acordo com o seguinte código:
   - Cartão vermelho – pare: o que não pode se repetir.
   - Cartão amarelo – olhe: o que pode ser melhorado.
   - Cartão verde – siga: o que foi bom e pode continuar.
3. Colar em um painel um cartão de cada cor e registrar, na coluna correspondente, as avaliações dos participantes.

Metacognição

O que fizemos? Para que fizemos?

1. Solicitar que cada participante registre sua resposta pessoal para as seguintes perguntas:
   - O que fizemos no encontro de hoje?
   - Para que fizemos?
2. Recomendar que todos tragam para o encontro seguinte o acróstico com o nome e as qualidades, assim como as respostas registradas para as perguntas acima.

Oficina 2

1. Desejos e necessidades

Objetivos

- Fortalecer a auto-estima e a autodeterminação.
- Diminuir o nível de ansiedade em relação a críticas e erros.
- Desenvolver os potenciais de expressão e criação.
- Reconhecer as próprias necessidades e desejos pessoais, assim como os de outros jovens da comunidade.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Papel A4 (1 folha por participante).
- Lápis preto, canetas hidrocor, lápis de cor, lápis cera.
- *Flipchart* e folhas de *flip* (ou papel pardo).
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Tesouras sem ponta.
- Cola branca.
- Canção *Comida*, na interpretação de Marisa Monte (letra e música).
- Cartaz com desenhos de “carinhas”.
- Cadernos brochurão (1 para cada participante).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Roda entrelaçada.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Caminhar com confiança e objetivo

1. Falar da importância de cada pessoa saber caminhar pela vida com liberdade e segurança, em meio aos outros, sem perder a própria identidade, sem se perder na multidão. Convidar os participantes a caminhar firme, com os braços soltos, o olhar na altura do horizonte, ao ritmo de música de ritmo forte e rápido.
2. Ressaltar a importância de ter metas, sonhos, objetivos e determinação para buscar esses objetivos. Convidar os participantes a fazer uma nova caminhada, agora escolhendo um ponto da sala, fixando o olhar nele e caminhando com firmeza e determinação até esse ponto. Ao chegar ao ponto escolhido, escolher outro e caminhar novamente, e assim sucessivamente.

Vivência

De que você precisa?

1. Convidar os participantes a formar uma roda, de pé, para receber as seguintes instruções: cada par vai caminhar, em silêncio, ao som de uma música suave e, quando a música parar, uma das pessoas do par fará a seguinte pergunta para a outra: *De que você precisa?* Assim que o outro der uma primeira resposta, a pergunta deverá ser repetida e quem está respondendo deve dar uma nova resposta, diferente da anterior e, assim, sucessivamente, até que a música recomece. Quando a música recomeçar, as pessoas voltam a caminhar, e o mesmo procedimento é repetido com um novo par.
2. Antes de começar a atividade, dividir o grupo em dois subgrupos e entregar à metade dos participantes um cartão colorido para identificar as pessoas que farão a pergunta. Ressaltar que quem está perguntando não deve dizer mais nada além da pergunta e que quem está respondendo deverá dar uma resposta diferente a cada vez que lhe for feita novamente a pergunta *De que você precisa?*
3. Depois que a metade do grupo tiver respondido várias vezes a pelo menos duas pessoas, inverter os papéis — quem estava perguntando passa a responder.

Reflexão dialógica

De que os adolescentes de sua comunidade precisam?

1. Dividir o grupo em três subgrupos, usando cartões coloridos. Solicitar que os subgrupos discutam a resposta para a seguinte pergunta: *De que os jovens de sua comunidade precisam?*
2. Lembrar que os membros dos subgrupos deverão compartilhar as respostas que obtiveram ao fazer essa mesma pergunta para outros jovens da comunidade.
3. Explicar que cada subgrupo deverá escolher uma forma criativa de apresentar o resultado das discussões em plenário: paródia de música, *rap*, dramatização, poema, mímica (representação corporal muda), passeata, etc. A apresentação deverá durar, no máximo, 10 minutos. O grupo deve também se preparar para explicar o sentido da apresentação, caso ela não seja verbal.
4. Distribuir uma folha para os participantes e solicitar que, após a apresentação de cada grupo, registrem sentimentos e percepções.
5. Após as apresentações, os participantes comentarão cada apresentação *(O que compreendi da apresentação?)* Depois, o grupo que fez a apresentação explicará qual foi sua intenção.
6. Levar o grupo a identificar os pontos principais de cada apresentação e registrá-los em um painel. Reproduzir as conclusões para distribuição ao grupo na oficina seguinte.

Aplicação

O que podemos fazer?

1. Colocar para o grupo a canção *Comida,* na interpretação de Marisa Monte, e solicitar que o grupo ouça a letra com atenção.
2. Apresentar o painel com as necessidades e desejos dos jovens identificados nas entrevistas, discussões e representações, e propor ao plenário a seguinte pergunta: *De que forma nós, Adolescentes Agentes Voluntários de Saúde, podemos contribuir para atender às nossas necessidades e desejos e às necessidades e desejos dos jovens da comunidade?*
3. Incentivar os participantes a se manifestarem e registrar as sugestões dadas. Ressaltar que faz parte da tarefa do Grupo de Formação e Atuação construir respostas ativas para essa questão.

Observação — Necessidades e desejos de qualquer natureza — por ex., dinheiro, opções de lazer, oportunidade de trabalho, acesso a atividades esportivas e culturais, etc. — podem e devem ser acolhidas nesse levantamento. É importante que os membros do grupo percebam que ações de promoção em saúde e cidadania se relacionam à melhoria da qualidade de vida em geral.

Metacognição

Aprender a registrar, registrar para aprender

1. Entregar um caderno para cada participante e solicitar que colem na capa o acróstico (nome e qualidades) feito no primeiro encontro.
2. Explicar *como, por que* e *para que* o caderno será usado ao longo do Programa: registrar percepções e sentimentos pessoais após as vivências; anotar temas e idéias importantes; descrever técnicas que poderão ser reutilizadas no trabalho de multiplicação; colecionar material impresso distribuído; acompanhar o processo para compreendê-lo melhor e saber reeditá-lo com outros adolescentes; colecionar textos, nomes de livros ou filmes que cada um relacionar com os temas discutidos e queira compartilhar com o grupo para enriquecer o trabalho.
3. Propor que cada um pense em um nome para o caderno de registro. Anotar as sugestões e escolher, por meio de votação, o nome coletivo, que será escrito na primeira página. Sugerir que cada um dê um sobrenome pessoal ao caderno.
4. Entregar cópias impressas dos materiais já produzidos coletivamente na primeira oficina (contrato de convivência; necessidades dos adolescentes; painel de avaliação) para que sejam coladas no caderno. Recomendar que colem também os registros pessoais sobre as atividades elaborados a partir das perguntas *O que fizemos?* e *Para que fizemos?*
5. Solicitar que cada um faça um registro livre sobre as atividades do dia.
6. Compartilhar no grupo as impressões e percepções.

Avaliação

Emotions

1. Apresentar ao grupo um painel com três colunas, identificadas pelo desenho de uma carinha representando uma das seguintes expressões fisionômicas: *gostei; fiquei indiferente; não gostei.*

2. Solicitar que cada participante registre, na coluna correspondente, com letra grande e legível, uma palavra ou frase que expresse sua avaliação da oficina na coluna correspondente.

Oficina 3

Participar e cooperar

Objetivos

- Aprender a trabalhar em equipe.
- Reconhecer a importância da comunicação e da negociação de significados.
- Responsabilizar-se pelo progresso do grupo.
- Desenvolver a iniciativa e a autonomia.
- Aprender a monitorar o desenvolvimento do grupo.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- 4 envelopes de papel pardo com instruções impressas.
- 4 folhas de papel pardo.
- 4 tesouras sem ponta.
- Cola branca.
- Dois painéis de papel pardo com cerca de 1,5 m de comprimento.
- Transparências ou cartazes com funções das equipes de trabalho.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- “Caixinha de Grilos”.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Caminhar a dois.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Vivência e reflexão

Construção do corpo

1. Dividir os participantes em quatro subgrupos.
2. Entregar a cada subgrupo uma folha de papel pardo, um envelope com o material e as instruções necessárias à realização da tarefa. Explicar que cada subgrupo deve ir para outra sala e executar o trabalho de acordo com as instruções, sem fazer perguntas e sem trocar idéias com os outros grupos. Cada envelope deve conter as seguintes instruções:

   Grupo 1 – Desenhe uma cabeça e recorte.

   Grupo 2 – Desenhe um tronco e recorte.

   Grupo 3 – Desenhe os membros superiores e recorte.

   Grupo 4 – Desenhe os membros superiores e recorte.
3. Reunir os subgrupos após a execução das tarefas e solicitar que montem, com os recortes, a representação de um corpo humano.
4. Levar o grupo a avaliar o resultado obtido e a refletir sobre as razões que teriam levado àquele resultado.
5. Provocar a reflexão dos participantes sobre a importância da comunicação e da negociação de significados para a aprendizagem e o trabalho em equipe.

Aplicação

Compartilhando responsabilidades

1. Esclarecer que o Grupo de Formação e Atuação precisa oferecer oportunidade para que todos os participantes desenvolvam, de forma gradativa, a autonomia e a iniciativa. Relembrar que o objetivo do APPeas é formar multiplicadores de ações educativas.
2. Considerando o objetivo do grupo, propor que se formem equipes para planejar e executar, junto com o facilitador, as seguintes tarefas nos encontros seguintes:

Comunicação - Fazer circular informações; reproduzir para os participantes textos que tenham sido produzidos durante o trabalho ou que sejam necessários ao trabalho; fazer pesquisas sobre determinado tema.

Apoio - Organização do local de trabalho, dos materiais e equipamentos, antes e depois das oficinas.

Síntese - Fazer a síntese do encontro anterior para apresentar no encontro seguinte. A síntese deve incluir, além de fatos, sentimentos e percepções pessoais.

Integração - Preparar uma técnica de integração para iniciar as atividades de um período de trabalho.

Avaliação - Preparar uma técnica de avaliação para encerrar um período de trabalho.

3. Registrar o nome de cada equipe de trabalho em um painel e solicitar que cada participante se inscreva em uma das equipes, registrando seu nome no painel correspondente. Explicar que haverá rodízio de funções ao longo do Programa.
4. Certificar-se de que cada equipe compreendeu a tarefa pela qual será responsável nas oficinas seguintes.

Metacognição

Aprender a aprender

1. Explicar aos participantes a importância de todos compreenderem e compartilharem o sentido de cada atividade que está sendo desenvolvida no grupo. Mostrar que ter consciência do que sentimos e fazemos nos dá maiores possibilidades de enxergar outras formas de sentir, pensar e agir, de mudar o que desejamos.
2. Abrir no chão um caminho de papel pardo dividido em quatro etapas, cada uma das quais correspondendo a um dos módulos do Programa. Explicar, em linhas gerais, o que se pretende trabalhar em cada módulo.
3. Solicitar que cada participante registre no papel pardo temas ou problemas que gostaria de ver incluídos nas oficinas de Formação e Atuação.
4. Abrir espaço para os participantes compartilharem, em plenário, as escolhas feitas e as razões dessas escolhas.
5. Apresentar ao grupo a “Caixinha de Grilos”, que será mantida na sala durante as oficinas, para coleta de perguntas pessoais sobre os temas, apresentação de críticas e sugestões. Esclarecer que os autores não precisam se identificar.

Avaliação

O que e para que avaliar?

1. Explicar o que é avaliar, o que será avaliado e para que vamos avaliar. Ressaltar o sentido formativo da avaliação: trata-se de acompanhar o desenvolvimento do Programa, procurando melhorá-lo sob todos os aspectos: a compreensão dos temas, o interesse das pessoas, a capacidade de cada um se expressar e se comunicar, o funcionamento e dinâmica do grupo, os resultados obtidos, etc.
2. Esclarecer o que é uma técnica de avaliação e por que costumamos usar técnicas para fazer as avaliações do trabalho de grupo. Tomando como exemplo a técnica usada na primeira oficina *(pare, olhe, siga)*, explicar que a técnica é um *modo de fazer* a avaliação, uma estratégia que visa a facilitar a focalização do que interessa, o aproveitamento do tempo e a participação de todos.
3. Acrescentar que avaliamos de acordo com os objetivos propostos para o trabalho e com o processo vivido pelo grupo.
4. Apresentar os objetivos em um cartaz e solicitar que cada participante dê uma nota de 1 a 10 para o desempenho do grupo na consecução do objetivo.
5. Combinar que, em cada oficina, serão apresentados os objetivos das atividades, no início ou após a vivência.

Aplicação

Próximos passos

Abrir espaço para que as equipes se reúnam e planejem as atividades e técnicas a serem usadas na oficina seguinte. Apoiar as equipes na compreensão da tarefa e, se necessário, sugerir técnicas para a Integração e a Avaliação.

Oficina 4

Prazer e saúde

Objetivos

- Expressar-se diante do grupo sem medo de críticas.
- Ampliar o conceito de saúde.
- Estabelecer relações entre prazer e saúde.
- Aprender a monitorar o próprio desenvolvimento.

Material necessário

Tempo previsto: Entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Canetas hidrocor, lápis de cor e lápis cera.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Lâminas com apresentação do APPeas.
- Painel de papel pardo com cerca de 1,5m de comprimento, dividido em três colunas.
- Recortes de ícones para representar graus de facilidade de acesso, de duração, de risco (36 de cada tipo).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Dançar tocando partes do corpo.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Observar e criar

Todos os participantes se colocam em um lado da sala e, a cada momento, um voluntário vai à frente, inventa um jeito de dançar ao ritmo de uma música e é imitado pelos demais. Falar da coragem de inventar, de criar o próprio movimento e de saber observar e seguir o movimento do outro.

Vivência

Prazer e saúde

1. Preparar antecipadamente um painel de papel pardo com três colunas. Na primeira, escrever em letras grandes a seguinte pergunta: *O que dá prazer às pessoas?* Estimular o grupo a responder espontânea e honestamente, sem omitir o que acham que não ficaria bem dizer. Registrar entre 9 e 12 respostas diferentes para a questão. Se o grupo, por inibição, omitir atividades prazerosas consideradas "proibidas" (por exemplo, usar droga ou fazer sexo) perguntar por atividades desse tipo e provocar o grupo a incluir na lista algumas delas.
2. Escrever, na segunda coluna do painel, as palavras *Sensações e Experiências*. Propor que o grupo descreva as sensações e experiências que cada uma das atividades provoca.
3. Subdividir a terceira coluna em três colunas menores e propor ao grupo que as sensações de prazer sejam classificadas quanto (1) *à duração*, (2) *à facilidade de acesso*, e (3) *ao grau de risco*. Dar um exemplo para explicar o que significa cada categoria e colar, na coluna correspondente, o recorte de um ícone para representar a categoria. Por exemplo: um relógio para representar a duração da sensação.
4. Combinar com o grupo convenções para o uso dos ícones. Por exemplo: 1 relógio, para prazeres de pouca duração; 2, para os de média; 3, para os de longa duração; pesos pequenos, médios e grandes para classificar a facilidade de acesso; 1 granada para baixo grau de risco, 2 para médio e 3 para alto.
5. Subdividir o grupo em três subgrupos e solicitar que cada subgrupo discuta e faça a classificação das atividades e sensações de acordo com os critérios combinados e que se prepare para apresentar e justificar suas conclusões em plenário.
6. Após a apresentação de cada grupo, discutir e negociar, em plenário, a classificação feita. Provocar a reflexão do grupo a partir da apresentação de questões: *O que é prazer? O que é saúde? Existe relação entre saúde e prazer? Uma atividade pode ser prazerosa, em certas circunstâncias, e não prazerosa em outras? Pode oferecer risco em certas circunstâncias, mas não em outras? Qual a relação entre prazer, saúde e qualidade de vida? O que é uma vida de qualidade? Quais são as características de uma pessoa saudável?*

7. Introduzir o “Banco de Perguntas” como uma estratégia permanente de trabalho. Registrar em um painel de papel pardo as perguntas acima e outras que tiverem ou forem surgindo no grupo durante o trabalho. Explicar que o grupo terá oportunidade de selecionar, posteriormente, algumas das questões para investigar e discutir.

Reflexão dialógica

Com prazer e saúde

1. Dividir novamente o grupo em dois subgrupos (ou quatro subgrupos, se necessário), distribuir folhas de papel A4 de duas cores diferentes aos participantes e propor que os membros de cada subgrupo completem uma das seguintes frases: (1) *Prazer é...* (2) *Saúde é...* Cada pessoa deverá escrever, na folha, com letra grande, uma palavra ou expressão que complete a frase e colar a folha no peito com fita crepe.
2. Solicitar que todos circulem pela sala ao som de uma música, observando as palavras que os companheiros de subgrupo escreveram. Explicar que, quando a música for interrompida, cada pessoa deverá formar uma dupla com outra de seu subgrupo, cuja palavra considere que tenha mais afinidade com a sua. Durante o tempo de interrupção da música, as duas pessoas vão conversar sobre as relações entre as duas palavras ou expressões. Assim que a música recomeçar, a dupla caminha e, a uma nova interrupção, forma um grupo com outra dupla, segundo o mesmo critério de afinidade. As quatro pessoas conversam sobre suas idéias e caminham juntas. O procedimento se repete até que se formem grupos de oito pessoas, cada um dos quais elabora e registra, em uma tarja de papel, sua definição de saúde ou de prazer.
3. Apresentar, comparar e discutir em plenário as frases elaboradas. Terminar a discussão apresentando o conceito de saúde da OMS, levando o grupo a confrontá-lo com os conceitos de prazer e saúde elaborados e a pensar em alternativas para a seguinte questão: *De que forma podemos ter prazer e saúde?*

Observação — *Se for oportuno, o facilitador poderá introduzir e trabalhar os termos vulnerabilidade e empoderamento.*

Aplicação

Cuidar de si e do outro

1. Dizer ao grupo que cada pessoa pode aprender a relaxar, a cuidar de si mesmo e a se dar prazeres que são fáceis de obter, alimentam a vida, a saúde física, emocional e mental.
2. Propor que se coloquem de pé, com os braços soltos, os olhos fechados, os joelhos destravados, os pés paralelos, ligeiramente afastados um do outro, e que façam a rotação de pescoço, da direita para a esquerda, lenta e suavemente.
3. Depois que os participantes tiverem feito o movimento individualmente por cerca de dois minutos, propor que façam o mesmo movimento em dupla: uma pessoa se coloca atrás da outra e apóia suavemente o movimento daquela que está à frente. Depois de cerca de dois minutos, trocam-se os papéis na dupla.
4. Terminar a atividade trocando um abraço com o par.
5. Solicitar que cada participante registre no "Caderno de Registro" os sentimentos e percepções pessoais acerca da atividade: *Como me senti? O que aconteceu no grupo?*
6. Dar oportunidade para que aqueles que quiserem compartilhem os registros.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser proposta pela equipe

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Observação — Cabe ao facilitador apoiar o grupo na preparação prévia da técnica de avaliação até que a equipe ganhe autonomia.

Metacognição

O que aprendi de significativo?

1. Solicitar que cada um registre, no caderno, as atividades realizadas na oficina a partir das seguintes perguntas:
   - O que fizemos?
   - Para que fizemos?
   - O que aprendi de significativo para minha vida?
2. Compartilhar no coletivo os registros individuais e fazer uma apreciação pessoal sobre o progresso do grupo.

Oficina 5

Voluntários? Para quê?

Objetivos

- Compreender o voluntariado como forma de exercício da cidadania.
- Responsabilizar-se pela solução dos próprios problemas e dos problemas da comunidade.
- Compreender o que significa ser protagonista.
- Relacionar protagonismo e voluntariado.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Colchonetes.
- Painel de papel pardo com cerca de 1,80m de comprimento.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Cartaz ou transparência com os conceitos de *voluntariado*, *capital social* e *protagonismo*.
- 3 folhas de papel pardo.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Lâminas com apresentação do *APPeas*.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Caminhada de inclusão.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Relaxamento dirigido

1. Fazer uma roda inicial de integração ao som de uma música suave.
2. Convidar os participantes a se deitar para fazer um relaxamento e uma visualização

dirigida. Sugerir que comecem espreguiçando, respirando fundo, fechando os olhos e procurando uma posição relaxada e confortável.

3. Ao som de música suave, ir dando as instruções para o relaxamento, com voz pausada e suave:

- Contraia o pé direito e, em seguida, relaxe-o, voltando à posição inicial... Repita o mesmo movimento três vezes. Mantenha o ritmo natural de sua respiração.
- Contraia o pé esquerdo e, em seguida, relaxe-o, voltando à posição inicial. Mantenha o ritmo natural de sua respiração.
- Volte agora ao pé direito e estique-o; depois, deixe-o ficar relaxado. Repita o mesmo movimento três vezes.

Observação — *Repetir as mesmas instruções para o pé esquerdo, a mão direita e esquerda, braço direito e esquerdo, ombros, quadris, rosto.*

Vivência

Visualização

1. Terminado o relaxamento, solicitar que os participantes permaneçam deitados, de olhos fechados e convidá-los a imaginar uma pessoa solidária, que trabalha voluntariamente em favor de uma causa de interesse comum. Pode ser uma pessoa real, que eles tenham efetivamente conhecido, de que tenham notícia, ou uma personagem imaginária, que eles vão criar e visualizar.
2. Com voz pausada e suave, sugerir que os participantes visualizem a pessoa, as características dela, suas atitudes, como age, o que costuma fazer.
3. Deixar que cada um crie suas imagens em silêncio. Depois de 5 minutos, conduzir o grupo de volta da viagem imaginária, devagar, fazendo-os espreguiçar-se, virar-se de lado para se sentar, abrir os olhos.
4. Solicitar que cada participante registre em uma folha previamente colocada a seu lado o que visualizou.

Reflexão dialógica

Perfil de uma pessoa solidária

1. Preparar previamente o contorno de um corpo humano em tamanho natural em um painel de papel pardo.

2. Convidar os participantes a compartilhar seus registros e ir escrevendo no contorno do corpo as características de uma pessoa solidária, localizando as características de acordo com o seguinte simbolismo:
   - próximo aos pés e pernas, para onde a pessoa quer ir, quais são suas metas e projetos de vida;
   - próximo às mãos, como ela age no dia-a-dia;
   - na região do coração, os sentimentos em relação a si mesmo, aos outros, à natureza;
   - na região da cabeça, o que ela pensa.
3. Ir negociando com cada participante o significado do que diz, provocando a explicitação de idéias e a construção coletiva do perfil.

Informação

Solidariedade, voluntariado e protagonismo juvenil

1. Fazer uma exposição sobre o sentido contemporâneo do voluntariado e sobre o que significa ser voluntário no contexto das organizações do Terceiro Setor. Localizar as instituições não governamentais em relação às instituições governamentais e às empresas privadas. Mostrar que essas organizações (Associações, Organizações não-governamentais — ONGs, Organizações da Sociedade Civil — OSCIPs) contribuem para a geração de capital social e que podem ter um papel político importante na transformação social, na defesa dos direitos humanos, na ajuda humanitária em momentos de crise, na preservação ambiental. Exemplificar com entidades internacionais, que sejam de conhecimento geral, como o *Green Peace* ou a organização *Médicos sem Fronteiras*. Mostrar que existe atualmente uma tendência das empresas privadas a assumir responsabilidades sociais e que há interesse e incentivo do governo para que isso aconteça. A C&A, por exemplo, incentiva o voluntariado de seus funcionários e permite que eles dediquem parte de seu tempo de trabalho atuando como voluntários em entidades do Terceiro Setor. Há também empresas que levam em conta o fato de um candidato a uma função remunerada realizar ou ter realizado trabalhos voluntários.
2. Apresentar, em cartazes ou transparências, o conceito de *voluntariado, protagonismo* e *capital social*, mostrando que o APPeas é um grupo que trabalha nessa linha: tem como objetivo atuar na escola e na comunidade para defender os interesses e promover a qualidade de vida da juventude. Precisa, portanto, da iniciativa, da competência e da atuação voluntária e solidária de todos os participantes.

Aplicação

Forças propulsoras e restritivas

1. Retomar as necessidades (problemas e desejos) dos jovens levantados na segunda oficina e, junto com o grupo, priorizar três, por meio de votação e negociação de pontos de vista.
2. Dividir a turma em três equipes e responsabilizar cada uma delas pela análise de uma necessidade (problema ou desejo), a partir das seguintes perguntas:
   - *Qual a causa da necessidade (falta, problema ou desejo)?*
   - *O que poderá acontecer se a necessidade (falta, problema ou desejo) não for satisfeita?*
   - *Que forças restritivas (limitações, desafios, dificuldades) podem dificultar a satisfação da necessidade ou a solução do problema?*
   - *Com que forças propulsoras (motivações, apoios, facilidade, recursos) podemos contar para alcançar a satisfação da necessidade ou a resolução do problema?*
3. Esclarecer que cada equipe deve registrar suas conclusões em letra grande e legível em um cartaz ou transparência e preparar-se para explicar suas conclusões em plenário.
4. Coordenar as apresentações e a discussão em plenário com o objetivo de escolher uma das necessidades (problemas ou desejos) como foco inicial para a atuação do grupo.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Metacognição

O que fizemos? Para que fizemos?

1. Solicitar que cada participante registre no “Caderno de Registro” sua resposta pessoal para as seguintes perguntas:
   - *O que fizemos no encontro de hoje?*
   - *Para que fizemos?*
2. Dar oportunidade para que os participantes compartilhem no grupo seus registros.

Oficina 6

Formando parcerias e redes

Objetivos

- Identificar pessoas de referência significativas para o desenvolvimento da própria identidade.
- Reconhecer o papel das parcerias e das redes afetivas e sociais para o *empoderamento* das pessoas.
- Desenvolver a capacidade de reconhecer e expressar sentimentos e percepções pessoais.
- Fortalecer os vínculos de confiança mútua e reciprocidade entre os participantes.
- Definir os papéis de adultos e adolescentes dentro do grupo.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Aventais de papel pardo (1 para cada participante).
- Papeizinhos com os nomes dos participantes.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Hidrocor, lápis preto, lápis cera, tinta, pincel, recortes de papel coloridos, revistas velhas, tesoura, cola.
- Cartazes ou transparências com os conceitos de redes afetivas e sociais, capital social, parceria e *empoderamento*.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Dançar de forma diferente.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Roda de positivação

1. Explicar que, em geral, fomos educados para ver o que falta, os problemas, os defeitos, em nós mesmos e nos outros. Falar sobre a importância de ter olhos para o que temos, para nossas forças e pontos positivos, assim como também para os pontos positivos dos demais. Observar que à medida que somos capazes de ver o que o outro tem de positivo, nós nos tornamos mais generosos com nós próprios. Ver e valorizar o que somos e temos faz bem para a auto-estima.
2. Fazer uma roda com os participantes de pé e solicitar que cada um sorteie um papelzinho dobrado onde estará escrito o nome de um de seus colegas de grupo. No verso desse papel, cada um vai escrever uma força ou qualidade que vê no colega e colocar no centro da roda o papel com nome para cima. Lembrar que não vale colocar a qualidade seguida de mas ou só que, nem dar conselhos para o colega melhorar naquilo que você acha que ele precisa. Trata-se de uma ação de qualificação.
3. A cada momento uma pessoa vai ao centro, pega o papel que tem seu nome e lê em voz alta na roda a qualidade ou força positiva que lhe foi atribuída pelo colega, usando a primeira pessoa (Por exemplo: *Você joga futebol muito bem* será lido como *Eu jogo futebol muito bem).*

Observação — *Se houver possibilidade, o facilitador deve tirar uma foto individual de corpo inteiro de cada participante, no momento da atividade de integração (dançar de forma diferente) ou da roda de positivação. A foto vai compor o centro do Passaporte Criativo.*

Vivência

Passaporte criativo

1. Preparar previamente, para cada participante, um avental de papel pardo de tamanho suficiente para cobrir-lhe o peito e as costas. Colocar os aventais recortados no centro da roda e dizer que o material será usado na confecção de uma atividade denominada *Passaporte Criativo.*
2. Explicar a razão do nome *Passaporte Criativo*. Dizer que cada pessoa entra para a comunidade humana quando recebe um nome, um sobrenome, é cuidada por adultos, sem os quais não sobreviveria. É na família, nosso primeiro grupo de convivência, que aprendemos a linguagem, os hábitos e valores de nossa cultura. Formamos a primeira

imagem de quem somos, tendo como referência as pessoas que olham para nós e por nós e nos dizem, com gestos e palavras, quem somos. Precisamos dos outros para nos construir. Eles são nosso primeiro *passaporte* para o mundo. Depois, a "bola" vai sendo passada para nós. À medida que crescemos, vamos nos tornando mais e mais autônomos; portanto, mais capazes de nos expressar, de criar nossa própria vida. Mas sempre em grupo, em parceria (às vezes, também em oposição) com outras pessoas, que formam o que vamos chamar de *redes afetivas* e *sociais*. Bem perto, como parceiros próximos, temos familiares, amigos, colegas de escola; um pouco mais longe, pessoas que admiramos, escritores, artistas, líderes políticos ou religiosos, ídolos popularizados pela mídia, etc. Lá longe, do outro lado de nosso "muro" particular, estão os outros, aqueles que não consideramos parte do nosso grupo, mas que, de alguma forma, também nos dizem quem somos.

3. Dar as instruções para a execução da atividade:
   - Escolha um "avental" que seja adequado à sua estatura.
   - Reserve o centro da parte da frente para colar a foto.
   - Escreva, de forma criativa e legível, o nome abaixo do local reservado para a foto.
   - Desenhe um símbolo (ícone) para identificar-se.
   - Em torno da foto e do nome, represente, com palavras, desenhos ou símbolos, as pessoas que estão próximas, as ligações entre você e elas, a importância que têm para você (pessoas que o apóiam, que são parceiras, solidárias).
   - Represente no círculo externo pessoas que não convivem com você no dia-a-dia, mas que você admira, que representam um ideal de vida para você.
   - Nas costas do "avental", represente "os outros", aqueles que você sente como opositores, os grupos dos quais você não participa nem quer participar.
4. Oferecer material para a confecção do passaporte: lápis de cor, lápis cera, hidrocor, tinta, pincel, recortes de papel coloridos, revistas velhas, tesoura, cola, etc.
5. Terminada a tarefa, solicitar que todos vistam o avental e caminhem pela sala, mostrando o seu próprio passaporte e observando os passaportes dos demais.

Reflexão dialógica

Compartilhando quem somos

1. Solicitar que cada participante mostre seu passaporte e compartilhe com os colegas as escolhas que fez para se representar.

2. Trabalhar com o grupo a questão da identidade e da diferença, a necessidade de reconhecer e respeitar as diferenças.
3. Terminar o compartilhamento com uma troca de abraços entre todos.

Observações — *(1) Se algum participante não quiser falar sobre o passaporte (muitos ficam emocionados, estão ainda inibidos ou têm vergonha de falar dos próprios sentimentos), tente fazê-lo caminhar por dentro da roda mostrando o passaporte ou, se não for possível, pelo menos ficar de pé e mostrar o passaporte para o grupo. (2) Procure fazer aventais de tamanhos variados em número suficiente para os mais altos e os mais baixos.*

Informação

Parcerias e redes

1. Apresentar e comentar, com o apoio de cartazes ou transparências, os conceitos de redes afetivas e sociais e de parceria e explicar sua importância para a geração de capital social.
2. Trabalhar também o conceito de *empoderamento*, distinguindo-o de poder. Mostrar que o poder advém de uma relação hierárquica, que é dada e independe do que a pessoa seja ou faça. Junto com o grupo, identificar fatores que fazem com que determinadas pessoas ou grupos tenham mais poder que outros na sociedade: força física ou militar, idade, sexo e gênero, saber, classe social, cargo, dinheiro, etc. Mostrar que o *empoderamento* pode ser construído por qualquer pessoa, independentemente dessas condições dadas e apesar delas, mas que dificilmente as pessoas se empoderam sozinhas. Elas precisam de parceiros e alianças estratégias, de redes sociais para que seu "poder" tenha legitimidade. Por exemplo: um professor tem, em princípio, mais poder que os alunos por causa de sua função e de sua idade; porém, ele só será empoderado, se liderar sua turma, se os alunos o respeitarem e o reconhecerem como alguém de valor.

Aplicação

Parceria adulto-adolescente

1. Conduzir uma discussão dialógica (debate regulado) para que o grupo responda às seguintes perguntas:

- *Como os adultos e adolescentes deste grupo podem se tornar parceiros?*

- *Que atitudes e ações de cada um podem contribuir para uma parceria eficaz?*

2. Antes de começar a discussão, explicar em que consiste a discussão dialógica, consensar com o grupo os critérios para realizá-la adequadamente, escolher um voluntário para controlar ordem das falas (inscrições) e outro para marcar o tempo de duração do debate.
3. Ao final do tempo estabelecido para o debate, levar os participantes a fazer uma síntese pessoal dos principais pontos e, em seguida, a avaliar o debate, de acordo com os critérios previamente estabelecidos pelo grupo.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Metacognição

O que fizemos? Para que fizemos?

1. Solicitar que cada participante faça um registro livre sobre as atividades da oficina no caderno.
2. Dar oportunidade para que os participantes compartilhem seus registros no plenário.

Oficina 7

Sexo, sexualidade e afetividade

Objetivos

- Aprender a construir idéias coletivamente por meio do diálogo (debate regulado).
- Conscientizar-se das próprias representações acerca do sexo, da sexualidade e da afetividade.
- Avaliar criticamente as representações do sexo, da sexualidade e da afetividade veiculadas pela mídia.
- Planejar e coordenar atividades no grupo.

- Desenvolver a iniciativa e a autonomia.
- Aprender a monitorar o próprio desenvolvimento e o desenvolvimento do grupo.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Folhas de *flip* ou de papel pardo (3 folhas).
- Anúncios publicitários impressos ou gravados em fitas de vídeo.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Hidrocor, lápis preto, lápis cera, tinta, pincel, recortes de papel coloridos, revistas velhas, tesoura, cola.
- Cartazes ou transparências com os conceitos de *sexo, sexualidade* e *afetividade*.
- Cartazes ou transparências com o conceito e a caracterização da discussão dialógica.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Ocupar o lugar do outro na roda.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Vivência

O jogo das representações

1. Fazer uma "chuva de idéias" (brainstorming) em torno das palavras *sexo, sexualidade* e *afetividade*. Escrever as palavras em painéis e incentivar os participantes a dizer espontaneamente o que associam a cada uma delas. Registrar, nos painéis, as expressões exatas dos membros do grupo. Sintetizar e organizar os conceitos com o apoio em transparências ou cartazes.
2. Provocar o grupo a pensar como se formam, em nossa mente, as representações e os significados e como esses significados influenciam nossas atitudes e comportamentos. Falar da arte e da mídia como instâncias de produção e circulação de imagens e representações.

3. Selecionar previamente anúncios publicitários de revistas (em especial os dirigidos ao público jovem), que explorem associações entre beleza, sexo, amor, sucesso, poder, etc.
4. Colocar os anúncios no centro da roda e pedir que cada membro do grupo escolha um que lhe chame a atenção. Abrir espaço para que alguns dos participantes comentem a escolha feita.
5. Dividir o grupo em três subgrupos e propor que os participantes façam a leitura crítica de um dos anúncios. O objetivo é descobrir as estratégias usadas pelo anunciante: *O que as imagens, as cores, as palavras, as situações representadas sugerem? Que tipo de necessidade ou aspiração o anúncio procura explorar? A que tipo de público ele se dirige? Que valores teria esse público — ou deveria ter — segundo o anúncio?* Esclarecer que as conclusões do grupo deverão ser apresentadas em plenário por um representante.
6. Organizar as apresentações dos subgrupos no plenário. Provocar o aprofundamento das reflexões e a elaboração de perguntas polêmicas para as quais o grupo não tenha respostas prontas. Ir registrando essas perguntas no painel *Banco de Perguntas*.

Reflexão dialógica

Participando do diálogo

1. Propor que o grupo desenvolva a capacidade de pensar coletivamente, participando de uma discussão dialógica ou debate regulado.
2. Retomar as perguntas surgidas durante a apresentação e levar o grupo, por meio de um diálogo investigativo, a explicitar o que as perguntas, de fato, estão perguntando e os pressupostos que, eventualmente, encubram. Se necessário, conduzir o grupo a desdobrar as perguntas que contenham pressupostos que precisem ser questionados. Procurar também agrupar as perguntas por semelhanças, eliminar repetições e ter clareza dos pontos que estão sendo questionados ou polemizados.
3. Numerar as perguntas e solicitar que cada participante indique, em voz alta no plenário, o número daquela que gostaria de discutir no grupo.
4. Dar oportunidade para que os que não se sentirem satisfeitos com a escolha argumentem a favor de seu ponto de vista e tentem convencer os demais. O objetivo é chegar a um acordo negociado com base em argumentos.
5. Caracterizar a discussão dialógica, com o apoio de cartazes ou transparências, distinguindo-a da polêmica e da conversação espontânea, informal. Situá-la como um pro-

cesso investigativo de construção coletiva de idéias e de respostas para questões polêmicas. Apresentar esquema visual para fixar as distinções. Esclarecer que o facilitador(a) terá o papel de coordenador — distribuirá as falas por ordem de inscrição, ajudará o grupo a organizar as idéias, mas não emitirá nenhuma opinião ou juízo de valor.

6. Solicitar que o grupo defina critérios para a realização de uma discussão dialógica produtiva. Registrar os critérios sugeridos no flipchart, com o cuidado de pedir aos participantes que explicitem, quando necessário, o que querem dizer, que traduzam palavras ou expressões abstratas ou genéricas (por exemplo: respeitar o outro) em comportamentos observáveis.
7. Organizar a discussão, definindo o tempo de duração (no máximo, 30 minutos), focalizando a pergunta escolhida pelo grupo e identificando dois voluntários: um, para avisar ao coordenador quando faltarem 5 minutos para terminar o tempo combinado; e outro, para controlar as inscrições, anotando, por ordem, os nomes dos participantes que pedirem a palavra.
8. Desenvolver a discussão e, quando faltarem 5 minutos para terminar o tempo, interromper os pedidos de intervenção e levar os participantes a elaborar, individualmente, uma idéia significativa que lhes tenha ficado da discussão. Não se trata necessariamente de consenso ou de conclusão fechada, mas de uma idéia, percepção ou sentimento novo que tenha sido acrescentado ao que cada um já sabia.
9. Levar o grupo a avaliar a discussão com base nos critérios previamente estabelecidos. Ao final, criar oportunidade para que os participantes revejam os critérios e os modifiquem, caso julguem necessário (acréscimo, explicitação, etc.).

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Aplicação e metacognição

Aprender para aplicar

1. Solicitar que cada participante registre no caderno o que aprendeu sobre discussão dialógica e de que forma essa técnica poderá ajudá-lo como multiplicador de ações educativas com outros adolescentes.

2. Abrir espaço para que os membros do grupo comentem os registros no plenário. Retificar ou ratificar e complementar as idéias apresentadas.
3. Incentivar aqueles que se mostrarem mais autônomos a planejar e realizar com um grupo de jovens da escola uma oficina semelhante à que foi realizada com eles.

Oficina 8

Sexo e gênero

Objetivos

- Desenvolver a confiança no outro.
- Aprender a cuidar e a ser cuidado.
- Distinguir sexo e gênero.
- Reconhecer e avaliar as próprias representações acerca dos papéis sexuais e das relações de gênero.
- Relacionar eqüidade de gênero e realização dos ideais democráticos de dignidade, liberdade e justiça social.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Vendas de tecido preto para metade dos participantes.
- Adereços diversos (opcional).
- Espelho grande (opcional).
- Objetos diversos de uso cotidiano (ver sugestões na atividade).
- Folhas de *flip* ou de papel pardo (3 folhas).
- Cartazes ou transparências com os conceitos de sexo, gênero e orientação sexual.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.

- Impresso com a história *O casamento de Sir Gawain* (1 para cada participante).
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: Roda de embalo.

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Preparar para a festa

1. Sensibilizar o grupo para a atividade, propondo um movimento de fluidez dirigido ao som de música: de olhos fechados, cada um vai mover os dois braços paralelamente para frente e para o alto, e depois para baixo e para trás, de forma lenta e contínua, sem dobrar o tronco, mas flexionando ligeiramente os joelhos. Depois, fazer o mesmo movimento, mas com os braços alternados. Finalmente, mover-se pela sala com leveza, como se estivesse caminhando em câmara lenta, sem gravidade.
2. Solicitar que os participantes formem uma roda, de pé, e que fechem os olhos. Explicar que a metade do grupo vai ter os olhos vendados e que a outra metade, quando for solicitada, deve abrir os olhos e escolher um ou uma colega que esteja de olhos vendados.
3. Explicar que será colocada uma música e, enquanto ela estiver tocando, quem está de olhos abertos preparará o colega ou a colega para uma festa de gala. Deverá ajeitar-lhe o cabelo e as roupas com toques suaves, colocar nele ou nela adereços imaginários, preparando-a para um baile de gala, como se ele ou ela fosse um príncipe ou uma princesa. Quando a música terminar, retirar a venda do companheiro ou companheira e recebê-la com um abraço. Repetir a atividade, com troca de papéis dentro da dupla.
4. Solicitar que os participantes façam registros pessoais sobre o que sentiram e observaram: *Foi difícil? Como me senti? Senti-me à vontade para aprontar meu companheiro ou companheira? Aprontar os homens foi diferente de aprontar as mulheres?*
5. Dar oportunidade para que o grupo compartilhe os registros e trabalhar as questões que surgirem no grupo.

Observação *— Podem ser oferecidos adereços reais ao grupo e, antes da troca de papéis, a oportunidade de cada um se olhar em um espelho grande.*

Vivência

Feminino e masculino

1. Selecionar antecipadamente diferentes objetos que, pela forma, textura ou uso no cotidiano, tendam a ser associados a homens ou mulheres.
2. Explicar ao grupo que será desenvolvido um jogo de associações e em que consistirá esse jogo: 10 voluntários terão os olhos vendados e formarão um círculo no centro da sala; os demais permanecerão em um círculo externo, como observadores. Na mão de cada pessoa que está de olhos vendados, será colocado um objeto, que ela deverá apalpar, cheirar e cujas qualidades ela vai descrever, quando o(a) facilitador(a) tocar seu ombro.
3. Organizar os dois círculos, vendar os olhos dos participantes do círculo de dentro e colocar nas mãos deles os objetos selecionados.
4. Ir tocando no ombro de cada pessoa do círculo interno e pedir que ela diga, em voz alta, as características do objeto e se o associa ao feminino ou ao masculino. Ir anotando em uma folha de *flip* ou painel a identificação do objeto, as características atribuídas a ele e a associação feita. Explicar ao grupo que não tem grande importância descobrir de que objeto se trata.
5. Depois que os dez participantes tiverem se manifestado, solicitar que tirem a venda e olhem o objeto.
6. Em plenário, levar o grupo a rever e analisar as associações feitas com o masculino e com feminino e o que teria motivado tais associações: *As características do objeto e as características anatômicas do corpo do homem ou da mulher? As características dos objetos e as idéias que temos de como os homens e as mulheres sentem? O uso ou a função do objeto no cotidiano?*
7. Levar o grupo a perceber que temos uma imagem de masculino e de feminino e que essa imagem tem componentes sensoriais, inconscientes, alguns derivados de analogias com as características anatômicas do corpo do homem e da mulher ou com papéis, qualidades e valores atribuídos pela cultura ao feminino ou ao masculino.
8. Explicitar os conceitos de *sexo, gênero, papéis sexuais* ou de *gênero*, orientação sexual (orientação do desejo) com o apoio de cartazes ou transparências e levar o grupo a discutir o que constitui diferença biológica entre o homem e a mulher e o que constitui diferença cultural. Mostrar que as diferenças não têm, necessariamente, de ser transformadas em desigualdades, em distribuição desigual de poder entre os sexos.

Observações *— **(1)** Como o ser humano não existe fora da cultura, é impossível precisar rigorosamente o que é da natureza e o que é da cultura. O mais importante é questionar esses limites e levar o grupo a perceber que o ser humano se constrói e se transforma dentro da cultura que ele mesmo cria.* ***(2) Sugestões de objetos:*** *carrinho de brinquedo, caminha de brinquedo, boneca, boneco guerreiro ou super-herói, martelo, cristal com arestas, flocos de algodão, sabonete perfumado, preservativo masculino, revólver de brinquedo, modelo de pênis, fralda de bebê, fogãozinho, talco infantil, chave de fenda, etc.*

Reflexão dialógica

O que um quer dizer ao outro?

1. Dividir o grupo em dois subgrupos por sexo e propor que rapazes e moças conversem sobre o que lhes agrada ou não sobre as atitudes e comportamentos do outro sexo.
2. Propor que se preparem para dizer ao outro sexo o que pensam, não sob a forma de crítica ou acusação, mas como expressão de sentimentos pessoais. Para isso, cada grupo só poderá utilizar fórmulas do tipo *Eu gosto quando.... porque.... Eu me sinto..... quando.... porque.. Eu não gosto quando .... porque....* Orientar os participantes para completar as frases com o que pensam, sentem e observam, de fato, no cotidiano. Pedir que cada complementação seja registrada em um tira de papel e distribuída entre os componentes do subgrupo.
3. Organizar os subgrupos em duas filas, com os rapazes assentados de frente para as moças. Solicitar que, alternadamente, ora um rapaz, ora uma moça, como porta-voz do grupo, leia em voz alta a complementação registrada em um dos papéis.
4. Abrir espaço para que os participantes registrem o que sentiram e aprenderam com a atividade e para que aqueles que quiserem compartilhem no grupo percepções e sentimentos.

Aplicação

O que mais deseja uma mulher?

1. Convidar os participantes a se colocar numa posição confortável para ouvirem uma história, a história de Sir Gawain.
2. Ler ou contar a história de forma expressiva e interromper a narração no momento em que o cavaleiro do Rei Arthur está prestes a morrer por não ter conseguido decifrar o enigma que lhe fora proposto pelo gigante: *O que mais deseja uma mulher?*

3. Perguntar aos ouvintes a resposta do enigma e, depois de criar algum suspense, contar o restante da história.
4. Criar oportunidade para que o grupo compartilhe o entendimento da história e as implicações da resposta dada ao enigma *O que mais deseja uma mulher?* Provocar os rapazes a responder a mesma pergunta em relação aos homens: *O que mais deseja um homem? A resposta dada ao que mais deseja uma mulher valeria também para os homens?*

Avaliação

Técnica a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Metacognição

O que aprendi de significativo?

1. Solicitar que cada participante escreva no Caderno de Registro sua resposta pessoal para as seguintes perguntas:
   - *O que quer dizer diferença de sexo?*
   - *E diferença de gênero?*
   - *O que acontece na vida das pessoas e grupos quando as diferenças de gêneros se tornam desigualdades de poder?*
   - *Qual a importância de discutirmos esses temas?*
2. Estimular os participantes a compartilhar os registros individuais e a fazer uma apreciação pessoal sobre o progresso do grupo.

Oficina 9

Corpo de Homem, corpo de mulher

Objetivos

- Retificar, ratificar e ampliar os conhecimentos do grupo acerca dos órgãos genitais do homem e da mulher.
- Incentivar o grupo a explicitar e questionar preconceitos e mitos acerca da reprodução e do prazer sexual de homens e mulheres.
- Sensibilizar os participantes para cuidar do próprio corpo reprodutivo e erótico e do corpo de seus parceiros ou parceiras sexuais.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Canção *Ensaboa* (letra e música).
- Cartões com palavras escritas em letras grandes (ver sugestões de palavras na atividade de Nomes e Apelidos).
- Desenho do contorno do corpo masculino em papel pardo.
- Desenho do contorno do corpo feminino em papel pardo.
- Três conjuntos de fichas: o primeiro, com o nome dos órgãos sexuais e reprodutores masculinos e femininos; o segundo, com a descrição desses órgãos; o terceiro, com os desenhos correspondentes.
- Desenhos em tamanho grande ou modelos tridimensionais dos órgãos e estruturas dos aparelhos genitais masculino e feminino.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Caminhar a dois com trocas.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável

Aquecimento para o tema

Tanquinho

1. Dividir o grupo em trios.
2. Ao som da música *Ensaboa* (interpretação de Marisa Monte), dois dos integrantes do trio vão "lavar" a terceira pessoa, seguindo os comandos do coordenador: *jogar a água; colocar o sabão; ensaboar; jogar água novamente; torcer; secar; dobrar e guardar.*
3. Trocar as pessoas de papel dentro do trio e reiniciar os comandos até que as três tenham sido "lavadas".

Vivência

Nomes e apelidos

1. Distribuir entre os participantes cartões com palavras escritas (uma em cada cartão): mar, viagem, pau, carro, etc.
2. Pedir a cada pessoa que vá dizendo o que a sua palavra lhe lembra, numa livre associação de idéias.
3. Facilitar a relação também com sexo e sexualidade, e em seguida, fomentar uma discussão sobre estas associações, refletindo sobre como as palavras são carregadas de valores, como elas podem ser positivas ou negativas, delicadas ou agressivas, pejorativas ou agressivas.
4. Escrever no topo de folhas de papel pardo os nomes técnicos dos órgãos genitais e de vivências sexuais (um em cada folha): *pênis, testículos, vagina, vulva, clitóris, relação sexual, ânus, seio, masturbação, coito.*
5. Solicitar aos participantes que escrevam em cada folha todos os nomes e expressões populares ou familiares que se refiram ao nome técnico colocado no topo da folha.
6. Deixar que se expressem livremente, que riam à vontade.
7. Pedir a um participante do grupo que leia em voz alta todos os "apelidos" listados.
8. Voltar para a plenária e abrir a discussão: *Como você se sentiu fazendo a atividade? Por que as pessoas riem tanto? Por que será que existem tantos nomes populares e familiares para os órgãos e funções sexuais? Que nomes são mais pejorativos ou agressivos?Por que usamos tantas palavras ligadas ao sexo para xingar e agredir? Qual a importância de conhecer tanto os nomes técnicos quanto os apelidos? Vocês acham que existem nomes mais certos? Por quê? Que nomes usaremos aqui?*

Observações — ***(1)*** *Selecionar tanto palavras mais neutras, quanto palavras com conotação positiva e negativa e, dentre estas últimas, colocar termos que tenham duplo significado, um deles com conotação sexual. O objetivo é mostrar que as palavras têm o poder de acariciar ou agredir, porque são carregadas de julgamentos de valor.* ***(2) Sugestões de palavras:*** *mar, viagem, pau, carro, flor, aranha, mão, botão, perereca, leite, bola, veado, cama, árvore, nuvem, grilo, laranja, banana, pinto, pistola,sangue, casa, quarto, sapato, verde, estrela, sol, livro, cachorro, barata, cadela.*

Informação, discussão e reflexão

Corpo erótico e reprodutivo do homem e da mulher

1. Levar, previamente desenhados em duas folhas de papel pardo, dois contornos da figura humana (um em cada folha): um representando o corpo de um homem; o outro, o corpo de uma mulher.
2. Dividir o grupo em dois subgrupos (um de meninos e outro de meninas).
3. Pedir a cada subgrupo que complete o desenho representando o corpo erótico e reprodutivo do outro sexo (estruturas e órgãos do corpo e, em especial, do aparelho genital do outro sexo), com seus nomes (técnicos e/ou populares conforme tenha sido combinado anteriormente). Os rapazes vão completar o desenho do corpo feminino; e as moças, o do corpo masculino.
4. Esclarecer que cada grupo deverá escolher um relator para apresentar o trabalho e que a apresentação deverá conter a explicação das características e a função de cada órgão ou estrutura (1) na relação sexual e no prazer (resposta sexual) e (2) na reprodução.
5. Organizar a apresentação dos grupos e abrir espaço para que, após a apresentação, os membros do outro grupo esclareçam dúvidas ou corrijam equívocos.
6. Avaliar com o grupo as apresentações, verificando a correção das informações, a clareza da explicação e a referência tanto ao papel dos órgãos e estruturas na resposta sexual quanto na reprodução. Ressaltar que, além dos órgãos genitais, outros órgãos, partes e funções do corpo participam do erotismo e do prazer sexual.
7. Levar desenhos ou modelos tridimensionais dos órgãos e estruturas do aparelho genital para retificar e complementar as explicações.

Aplicação

Revendo o que aprendi

1. Preparar previamente três conjuntos de fichas: um com o nome de órgãos (partes ou funções do corpo) que participam do prazer sexual e da reprodução; outro, com a descrição desses órgãos; e um terceiro, com desenhos.
2. Distribuir aleatoriamente os nomes e os desenhos entre os participantes das duas equipes.
3. Desenvolver o seguinte jogo: ler uma ficha descritiva retirada aleatoriamente do conjunto e combinar que o participante que estiver com o nome ou o desenho correspondente à ficha levantará imediatamente a mão. Ganhará ponto a equipe que conseguir associar, corretamente e mais rapidamente, o nome ou o desenho à descrição da ficha.
4. Anotar os pontos de cada equipe no quadro e terminar o jogo quando todas as fichas tiverem sido retiradas.

Metacognição

Aprender para quê?

1. Solicitar que cada participante registre no caderno sua resposta pessoal para as seguintes perguntas:
   - *Para você, o que significa conhecer o próprio corpo?*
   - *É importante que homens e mulheres conheçam o próprio corpo? Por quê?*
   - *Existem diferença entre o erotismo do homem e da mulher? Explique.*
   - *Que tipo de cuidado o homem deve ter com seu corpo erótico e reprodutivo?*
   - *E a mulher?*
2. Abrir espaço para o compartilhamento dos registros e lembrar que outras perguntas poderão se colocadas na “Caixinha de Grilos”.
3. Entregar a Caixinha de Grilos para a equipe de pesquisa e comunicação para que prepare previamente informações e planeje a troca de idéias sobre as perguntas na oficina seguinte.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 10

Namorar e ficar

Objetivos

- Refletir sobre as relações entre sexo e afetividade nas relações de intimidade entre jovens.
- Discutir as representações das relações eróticas, da paixão e do amor veiculadas pela arte e pela mídia.
- Compreender que a subjetividade e as relações de intimidade são construídas socialmente e, portanto, podem se transformar.

Material necessário

Tempo previsto: Entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Canções populares sobre namoro (ver sugestões na atividade ***Cantando o namoro***: letra e música).
- Sugestões de perguntas para a atividade ***Compreendendo o imaginário*.**
- Roteiro de entrevista para a atividade ***Conversa entre gerações***.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Dançar expressivamente no centro da roda.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável

Aquecimento para o tema

- Convidar os participantes a dançar em roda, aos pares, ou em pequenos grupos ao som de três canções populares que falem de namoro, amor e paixão.

Sugestões de canções: Já sei namorar, de *Arnaldo Antunes* e *Carlinhos Brown;* Minha namo-

rada, de Carlos Lyra e Vinicius de Morais; Xote das meninas, de *Luiz Gonzaga, Zé Dantas e José Roberto Molina.*

Discussão e reflexão

Compreendendo o imaginário

1. Dividir a turma em três subgrupos e entregar a cada um deles a letra de uma das canções.
2. Explicar que cada subgrupo vai discutir a letra da canção para inferir
   - de quem poderia ser a voz que fala na letra da canção;
   - como essa voz fala do namoro, do amor ou da paixão;
   - se a representação do namoro, do amor ou da paixão se parece com o que acontece na realidade.
3. Combinar que cada subgrupo terá de encontrar uma forma criativa de apresentar o resultado da discussão para os colegas.
4. Após as apresentações, provocar o grupo a se manifestar sobre o sentido do *ficar*, do *namoro* e das *relações de intimidade* entre os jovens, usando a seguinte técnica:
   - O grupo vai se organizar em duas rodas, uma dentro da outra, com as pessoas de frente umas para as outras, formando pares.
   - As duas rodas vão girar para a direita ao som de uma música.
   - Quando a música parar, o facilitador fará uma pergunta que deverá ser discutida pelo par que se formar.
   - Assim que a música recomeçar, as rodas voltarão a girar até que a música pare novamente e cada um esteja em frente de uma outra pessoa.
   - O facilitador fará, então, outra pergunta que será discutida pelo par e, assim, sucessivamente.

Sugestões de perguntas

- *Você acredita em amor à primeira vista?*
- *O que faz uma pessoa "ficar" com outra?*
- *Quais são os sentimentos e emoções relacionados ao "ficar"?*
- *O "ficar" para os meninos tem o mesmo significado que para as meninas?*
- *Há medos envolvidos no ato de "ficar"? Quais?*
- *O que vocês pensam do menino que "fica" com várias parceiras?*
- *O que vocês pensam da menina que "fica" com vários parceiros?*

- *O que seus pais pensam sobre "ficar"?*
- *O "ficar" inclui intimidade afetiva?*
- *Quando é que o "ficar" pode se transformar em namoro?*
- *Namorar é um compromisso sério?*
- *O que é namoro para você?*
- *Tem de existir amizade entre namorados? Por quê?*
- *Tem de existir paixão entre os namorados?*
- *Para você, o que é um namoro que dá certo?*
- *Duas pessoas do mesmo sexo podem namorar?*
- *Para você, existe diferença e amor?*
- *Crie um pedido de namoro diferente, inédito, original.*

5. Refazer o grande círculo e dar oportunidade para que os participantes comentem o que ouviram dos colegas.
6. Incentivar os participantes a apresentar alguns dos pedidos de namoro que ouviram na roda.

Aplicação

Conversa entre gerações

1. Solicitar que os participantes pesquisem com seus pais e avós como era a maneira de agir, vestir-se, comportar-se, namorar, etc., na época em que eram adolescentes. Solicitar também que completem o quadro apresentado na folha que irão receber, preenchendo a primeira e a segunda coluna com as informações obtidas e a última coluna, com sua maneira (e a de seus conhecidos e amigos) se comportarem.
2. Explicar que os dados obtidos devem ser registrados e trazidos para a oficina seguinte.

Observação *— A tarefa pode ser atribuída apenas à equipe de Pesquisa e Comunicação, que fará a pesquisa, apresentará os resultados e coordenará o debate na oficina seguinte.*

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Metacognição

O que aprendi de significativo?

1. Solicitar que os participantes façam registros livres sobre o que aprenderam de significativo na oficina.
2. Dar oportunidade para o grupo compartilhar sentimentos e percepções.

Oficina 11

Gravidez na adolescência

Objetivos

- Investigar as motivações conscientes e inconscientes para a gravidez não planejada na adolescência.
- Reforçar a auto-estima e a assertividade.
- Desenvolver a consciência crítica em relação a estratégias de pressão e desenvolver táticas de fazer frente a elas.
- Compreender o que significa vulnerabilidade.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Aparelho de vídeo.
- Fita *Segredos de Adolescente* (SEEMG, FEO, SSV).
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: Cumprimentos originais.

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Diferenças entre gerações

1. Em lugar de ser apresentada a síntese da oficina anterior, propor que a equipe de Pesquisa e Comunicação apresente os resultados da pesquisa.
2. Orientar previamente a equipe de Pesquisa e Comunicação para, após a apresentação dos resultados, coordenar o debate sobre as transformações de comportamento, a partir das seguintes perguntas:

- *Você discorda de algum ou de alguns comportamentos da geração de seus pais ou avós? Quais? Explique.*
- *Que costumes ou comportamentos você acha que deveriam ter-se mantido e que você gostaria de colocar em prática na sua vida?*
- *No passado, as relações de intimidade eram baseadas em muito compromisso; hoje, as pessoas parecem ter medo de compromisso. Você concorda com essa afirmativa? Explique.*
- *Você gostaria que alguma coisa fosse diferente nas suas relações de intimidade sexual ou afetiva? Pense nas suas relações de amizade, de paquera, de namoro, nas suas relações com seus pais e irmãos.*

Vivência

Segredos de Adolescente

Convidar o grupo a assistir ao vídeo educativo *Segredos de Adolescente*, em que jovens conversam sobre auto-estima, namoro, transa, e algumas adolescentes que se tornaram mães, sem o terem planejado, dão depoimentos sobre sua história.

Discussão e reflexão

Gravidez não planejada

1. Iniciar a conversa sobre o vídeo, solicitando que os participantes identifiquem a cena que mais lhes tenha chamado a atenção e que expliquem por quê.
2. Propor a realização de uma discussão dialógica em torno da seguinte questão: *O que pode levar um casal de jovens a se tornarem pais sem terem planejado?*
3. Antes de iniciar a discussão, retomar os critérios estabelecidos anteriormente pelo grupo, combinar a duração do debate, identificar voluntários para apoiar a coordenação, controlando o tempo e a ordem das inscrições.

Aplicação

Ser assertivo

1. Sintetizar e, se necessário, complementar as falas dos participantes, discorrendo sobre os fatores que podem levar um jovem ou uma jovem a praticar sexo inseguro: o pensamento de que tem a cabeça feita e pode se controlar; o pensamento mágico de que isso não vai acontecer com eles; o desejo de afirmação; a baixa auto-estima; o medo de ser abandonado; a intenção, consciente ou inconsciente, de manipular ou segurar o parceiro ou a parceira; a incapacidade de resistir às pressões...
2. Discutir com o grupo, com o apoio de cartazes ou transparências, o conceito de vulnerabilidade e as formas de se empoderar, de se tornar menos vulnerável. Mostrar que uma das formas de estar menos vulnerável é ter consciência dos próprios limites e saber colocar limites às pressões do parceiro, da parceira ou do grupo.
3. Propor a seguinte atividade de reforço da assertividade, ou seja, da capacidade de colocar limites com firmeza:
   - Apresentar para a turma a seguinte situação: *Ciça e Roberto estão namorando há três meses, e ele está a fim de transar com ela. Mas Ciça tem medo, diz que não está pronta, quer esperar.*
   - Dividir a turma em dois subgrupos por sexo.
   - Solicitar que o subgrupo dos rapazes se reúna e discuta argumentos que seriam usados na situação para convencer a moça a transar.
   - Solicitar que as moças criem táticas para resistir à pressão.
4. Propor que um rapaz e uma moça encenem o encontro do casal, começando com a seguinte frase: *"Tô a fim de você, gata!"* A partir daí, as falas devem ser improvisadas. Os integrantes do grupo podem se revezar no papel, dando livre continuidade ao diálogo. O grupo — ou mesmo o facilitador — pode também sugerir a quem está representando frases que seriam ditas na situação, como: *"Você não gosta de mim, não está a fim? "Qual é, você não confia em mim?","Ninguém vai sabe, vai!", "Mas você tem até camisinha!".*
5. Para concluir a atividade, o grupo discute a situação encenada a partir dos seguintes pontos:
   - *Situações como essa acontecem?*
   - *Como costuma ser a negociação sexual entre meninos e meninas?*
   - *Qual a influência dos papéis de gênero nessa negociação?*

Metacognição

O que aprendi de significativo?

1. Solicitar que cada participante registre em seu caderno pelo menos uma complementação pessoal para a seguinte frase:
   - *Eu fico vulnerável à gravidez não-planejada quando...*
2. Compartilhar e comentar as complementações no grupo.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

\Abrir espaço para que a equipe responsável pela avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 12

Cuidar da Vida

Objetivos

- Ampliar a percepção sobre o que é cuidar, as diferentes formas de cuidar, e sua importância no cotidiano.
- Incentivar o grupo a refletir sobre as atitudes de homens e mulheres no que se refere ao cuidado consigo mesmos, com os outros e com o ambiente.
- Relacionar paternidade e maternidade à capacidade de cuidar altruisticamente de outras pessoas.
- Compreender como as diferenças de gênero afetam a forma de cuidar e os objetos dos cuidados.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Balões de cores variadas (1 para cada participante).

- Um balão branco.
- Canetas hicrocor, etiquetas coloridas, fita crepe (para identificação dos balões).
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Vendas de tecido preto para metade dos participantes.
- Fotos representando pessoas, plantas, animais, objetos, ambientes (rios, jardins, ruas, escolas), em situações que exijam diferentes tipos de cuidados.
- Duas caixas, uma identificada como masculina e outra, como feminina.
- Papeizinhos com os nomes dos participantes.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Dizer o nome na roda de forma criativa.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Cuidar do grupo

1. Entregar balões de cores variadas, um para cada participante.
2. Solicitar que cada pessoa sopre seu balão e o identifique, usando canetas coloridas ou outros recursos disponíveis (etiquetas adesivas, fitas coloridas, etc.).
3. Explicar que, quando a brincadeira se iniciar, cada um terá de rebater seu balão, mantendo-o sempre no alto.
4. O dono ou a dona do balão que cair no chão sairá do jogo e ficará observando os demais.
5. Combinar que o balão branco representará o grupo e que ele também deverá ser rebatido para o alto.
6. Explicar que todos terão de cuidar do balão branco, evitando que ele caia no chão e voltando a jogá-lo para o alto quando ele cair.
7. Dar o sinal de início da brincadeira e rebater o balão branco para o meio do grupo.
8. Terminada a brincadeira (ou porque muitos já deixaram seus balões caírem ou porque o tempo previsto se esgotou), provocar a reflexão dos participantes: Foi difícil manter o próprio balão no alto? Alguém o ajudou a “salvar” seu balão? Você ajudou a “salvar” o balão de alguém? O que aconteceu com o balão branco?
9. Solicitar que o grupo faça registros no caderno ou comente o que sentiu e observou.

Vivência

Caminhar cego

1. Fazer uma roda e pedir que cada participante escolha um colega ou uma colega para viverem juntos a experiência de cuidar e de ser cuidado.
2. Explicar que uma das pessoas da dupla vai ter os olhos vendados e que a outra vai guiá-la pelo mundo, cuidadosamente, mostrando caminhos, texturas, odores. Ressaltar que quem cuida olha, fica atento para atender às necessidades do outro; quem é cuidado se entrega e confia.
3. Dizer que será colocada uma música e que, enquanto ela estiver tocando, a dupla deve caminhar, explorando o espaço disponível. Quando a música terminar, o "guia" deve tirar a venda de seu par e voltar com ele ao centro da sala.
4. Repetir a atividade, trocando os papéis dentro da dupla.
5. Terminada a vivência, solicitar que cada um registre no caderno como se sentiu, se foi difícil confiar, se sentiu medo, se foi difícil cuidar, etc.
6. Dar oportunidade para que o grupo compartilhe sentimentos e percepções.

Reflexão dialógica

Quem e o que precisam de cuidados?

1. Selecionar previamente fotos que representem pessoas, plantas, animais, objetos, ambientes (rios, jardins, ruas, escolas), em situações que exijam diferentes tipos de cuidados. Incluir fotos que representem pessoas que necessitam de cuidados especiais (por exemplo, um bebê recém-nascido; um cachorro machucado, uma pessoa idosa, um jovem numa cadeira de rodas, etc.)
2. Colocar as gravuras em um envelope e solicitar que cada participante retire uma, aleatoriamente.
3. Incentivar cada participante a imaginar que o que está representado na gravura realmente existe.
4. Dizer que cada um agora é responsável por cuidar de "seu ser" e solicitar que encene para o grupo como cuidaria dele.
5. Apresentar duas caixas e dizer que o ser representado na foto será dado a um homem ou a uma mulher. Pedir que cada participante coloque a figura na caixa que corresponde à situação em que o ser representado seria mais bem cuidado.
6. Solicitar que todos falem de "seu ser" e compartilhem no grupo percepções,

sentimentos e idéias.

7. No quadro a seguir, apresentamos sugestões de perguntas para incentivar a reflexão prévia do facilitador e a discussão do grupo.

Sugestões de perguntas para discussão

- *O que você imaginou em relação ao seu ser?*
- *De que tipos de cuidado ele precisou?*
- *Que cuidado você representou na mímica?*
- *Foi fácil cuidar?*
- *É mais fácil cuidar de quê? Explique.*
- *É mais difícil cuidar de quê? Explique.*
- *O que aconteceria se o ser representado na figura não recebesse cuidados?*
- *Que imagens foram colocadas na caixa dos homens? E na caixa das mulheres?*
- *Algum tipo de imagem foi colocado com mais freq•ência na caixa do homem ou na caixa da mulher? Por que será?*
- *Homens e mulheres cuidam do mesmo modo e das mesmas coisas? Por que será?*
- *Os homens e as mulheres cuidam igualmente de si mesmos? Explique.*

Aplicação

Cuidar e ser cuidado

1. Propor ao grupo a seguinte atividade para exercitar a capacidade de cuidar e de ser cuidado:
   - Cada um sorteia o nome de um ou uma colega do grupo e mantém segredo do nome sorteado.
   - Durante duas semanas, a pessoa vai cuidar desse ou dessa colega como se fosse o "anjo da guarda" dele ou dela.
   - Caberá ao "anjo" imaginar formas criativas de cuidar de seu protegido (mandar mensagens anônimas pelo correio ou telefone, surpresas entregues por um mensageiro, ajudar o protegido em alguma tarefa, encorajá-lo a lutar por seus objetivos, etc.), mantendo sempre encoberta a sua identidade.
2. Fazer o sorteio dos nomes e combinar o período para a realização da atividade.
3. Recomendar que todos guardem os "sinais" dos cuidados recebidos para compartilhar

no grupo no dia combinado para o término da atividade. Explicar que somente nesse dia serão reveladas as identidades.

Metacognição

Muitas formas de cuidar

1. Solicitar que cada participante registre em seu caderno respostas pessoais para as seguintes perguntas:
   - Podemos cuidar sozinhos de muitas coisas, mas existem coisas que só podem ser cuidadas por todos, coletivamente. Você concorda com essa afirmativa? Explique.
   - Você acha que os cuidados que os homens dispensam à família são poucos ou são apenas pouco visíveis e valorizados?
   - Você acha que os meninos e as meninas são educados igualmente para cuidar? Explique.
2. Convidar os participantes a compartilhar e comentar os registros no grupo.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe responsável pela avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 13

Identidade Sexual e Orientação do Desejo

Objetivos

- Compreender a diferença entre identidade sexual e orientação do desejo.
- Rever estereótipos e preconceitos, especialmente em relação aos papéis de gênero e à orientação do desejo.
- Compreender o que se entende por homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e transexualidade.
- Refletir sobre a espetacularização dos modelos de gênero nas manifestações atuais de travestis e *drag queens*.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Etiquetas adesivas (1 para cada participante).
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Cartazes ou transparências com a definição de estereótipo, preconceito e discriminação.
- Folha impressa com história *Os cinco macacos*.
- Cartaz como as perguntas para a discussão dialógica.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Mímica do picadeiro.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Estereótipo, preconceito e discriminação

1. Propor ao grupo a vivência de uma situação de discriminação.
2. Explicar que cada participante receberá na testa uma etiqueta adesiva com uma palavra que represente um rótulo discriminatório que circula na sociedade. Dar um exemplo para que o grupo compreenda do que se trata.

Sugestões de rótulos: *negão, bicha, boiola, sapatão, loira burra, galinha, vagabundo, puta, boazuda, solteirona, filho único, filha única, pivete, caipira, favelado, mãe solteira, viciado, filhinho de papai, beata, menino de rua, bobão, etc.*

3. Deixar que a discussão se prolongue por tempo suficiente para que as pessoas sintam o efeito do rótulo ou até deduzam que rótulo receberam.
4. Solicitar que todos retirem os rótulos e abrir espaço para que os participantes expressem o que sentiram e perceberam.

Informação e reflexão

Estereótipo, preconceito, discriminação

1. Explicar, com o apoio de transparências ou cartazes, o sentido dos termos *estereótipo, preconceito e discriminação.*
2. Contar a história *Os cinco macacos*, para mostrar ao grupo como os estereótipos e os preconceitos se reproduzem ao longo do tempo e vão se distanciando cada vez mais dos fatos, levando as pessoas a assumir, inconscientemente, atitudes discriminatórias.
3. Fazer uma exposição breve sobre o tratamento que a homossexualidade recebeu ao longo dos tempos: primeiro, foi considerada pecado pela religião; depois, quando a sexualidade passou a ser controlada pela ciência, em especial pela medicina, passou a ser vista como doença, anormalidade e, por fim, na década de 1970, a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da classificação das enfermidades. Apesar dessa mudança, existem muitos preconceitos em relação às pessoas que têm orientação homossexual ou bissexual.
4. Esclarecer também o significado dos vários termos relacionados às identidades de gênero: *transexualidade* (fenômeno de formação da identidade, que leva a pessoa de um sexo biológico a se sentir como do outro e a desejar apagar no próprio corpo os sinais do sexo biológico); *hermafroditismo* (fenômeno biológico, que determina a coexistência de características anatômicas dos dois sexos em um mesmo indivíduo por razões genéticas); *travestismo* (compulsão e prazer em se vestir e comportar de acordo com os modelos estabelecidos para o sexo que não lhe é próprio do ponto de vista biológico); *drag queens* e *drag kings* ou transformistas, que parodiam atualmente o estereótipo do gênero com intenções artísticas.
5. Ressaltar que nem todo homem homossexual tem trejeitos femininos e nem toda mulher homossexual tem trejeitos masculinos. Por outro lado, esclarecer que existem rapazes heterossexuais que são meigos e sensíveis, características consideradas femininas, e moças heterossexuais que são agressivas e decididas, características consideradas masculinas. Enfatizar que, excetuadas as funções biológicas de cada sexo (ejacular, fecundar, gestar, amamentar), o papel de gênero (atividades profissionais, comportamentos, atitudes) é construído socialmente.

Discussão dialógica

Por uma ética sexual

- Apresentar ao grupo um conjunto de afirmativas ou perguntas para que o grupo escolha uma como tema de discussão (debate regulado).

Sugestões de perguntas e afirmativas

- *Alguém já disse que o comportamento e a moral sexual são controlados pela língua do povo, a autoridade dos especialistas (médicos, psicólogos, sexólogos) e os slogans da mídia. Você concorda com essa afirmativa? Se concorda, acha que deveria ser diferente? Como?*
- *As pessoas vivem obcecadas pelo desejo de definir o que é normal em matéria de sexo. Todo mundo morre de medo de ser anormal. O que você pensa sobre isso? Para você, o que significa ser normal? Com que critério se define a normalidade?*
- *Você acha que as pessoas têm direito de ser elas mesmas, de viver de acordo com suas próprias inclinações sexuais? Há algum limite para isso? Que comportamentos sexuais você considera inadmissíveis?*
- *O objetivo da educação sexual é promover a vivência de uma sexualidade que favoreça e proteja a vida, seja livre de culpa no plano pessoal e livre de opressão no plano social. O que significa para você essa afirmativa? Você concorda com ela?*
- *Muitas vezes, a avaliação moral das mulheres se reduz ao julgamento de seu comportamento sexual. Você acha que isso de fato acontece? Acha que deveria ser diferente? Por quê?*

Aplicação

Revendo o que aprendi

Convidar os participantes a trazer as discussões para o plano pessoal e cotidiano, respondendo e compartilhando com o grupo a sua resposta para a seguinte pergunta:

- *Você já se sentiu agredido (agressão física, crítica verbal, exposição ao ridículo, tratamento não igualitário, exclusão silenciosa) por causa de alguma característica pessoal? Compartilhe no grupo o que aconteceu, como, onde, por quê e como você reagiu. Explique também como gostaria de ter sido tratado na situação.*

Metacognição

Além de saber, o que é preciso para mudar?

1. Explicar que mudar de atitude e comportamento não é fácil, mesmo quando já sabemos nossa maneira de sentir, pensar e agir não é adequada ou justa. Dizer que uma forma de mudar a nós mesmos é ouvir os outros, pensar coletivamente em alternativas de transformação, a começar no "nosso próprio quintal".
2. Propor que os participantes identifiquem comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias que eles mesmos adotam na convivência do dia-a-dia, dentro e fora do grupo.
3. Sugerir que façam um pacto de se ajudarem mutuamente sempre que algum membro do grupo adotar tais comportamentos.
4. Dar tempo para que todos anotem no Caderno de Registros o pacto feito.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe responsável pela avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 14

Métodos contraceptivos

Objetivos

- Saber o que são métodos anticonceptivos.
- Identificar os métodos anticonceptivos disponíveis.
- Conhecer o modo correto de usar os diferentes métodos anticonceptivos e os cuidados necessários.
- Reconhecer como direito de todos o acesso à informação, à escolha e ao uso de métodos anticonceptivos.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Etiquetas adesivas (1 para cada participante).
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Painel de papel pardo.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- "Caixinha de Grilos".
- Cartazes e modelos para explicar o uso de métodos anticonceptivos.
- Exemplares de métodos (pílulas, espermicidas, DIU, etc.).
- Tarefas dos subgrupos impressas.
- Etiquetas adesivas circulares nas cores verde, amarela e vermelha.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Pêndulo.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

O que sei e o que quero saber sobre métodos anticonceptivos?

1. Colar um painel de papel pardo na parede com o título Métodos Anticonceptivos.
2. Solicitar que os participantes listem no painel, abaixo do título, os nomes dos métodos que conhecem.
3. Distribuir tiras de papel e solicitar que os participantes registrem perguntas sobre o que gostariam de saber sobre os métodos e as coloquem na "Caixinha de Grilos".
4. Explicar que, depois das explicações gerais sobre os métodos, serão lidas as perguntas da "Caixinha de Grilos" para verificar se alguma delas ainda ficou sem resposta.
5. Estimular os participantes a dizerem o que entendem por *método anticonceptivo*.
6. Retificar, ratificar ou complementar as informações, completando a lista feita no painel, caso ela esteja incompleta, e classificando os métodos anticonceptivos (métodos de barreira, comportamentais, hormonais, dispositivos intra-uterinos e métodos cirúrgicos).

7. Usar desenhos dos órgãos reprodutores para mostrar como atuam os diferentes tipos de métodos.

Observação *— Com certeza, os adolescentes perguntarão sobre "a pílula do dia seguinte". Procure atualizar suas informações a respeito do assunto com um profissional de saúde ou mesmo convidá-lo para coordenar a oficina junto com você.*

Informação

Alinhando conhecimentos sobre os métodos anticonceptivos

1. Apresentar os métodos um a um, mostrando em desenhos e modelos tridimensionais como devem ser usados, os cuidados necessários, a eficácia no uso correto. Levar amostras dos vários métodos para que os participantes possam manipulá-los e se familiarizar com eles.
2. Demonstrar, usando modelos tridimensionais (pênis e pélvis), como são colocadas as camisinhas masculina e feminina.
3. Ao final da exposição, abrir a "Caixinha de Grilos", ler as perguntas e, se necessário, responder àquelas que não tiverem sido respondidas com as explicações anteriores.
4. Dar oportunidade para que o grupo tire outras dúvidas que, eventualmente, tenham surgido durante a exposição.

Aplicação

Passe para frente o que você sabe

1. Dividir o grupo em quatro subgrupos, distribuir textos explicativos sobre os métodos anticoncepcionais e amostras desses métodos, e solicitar que cada subgrupo se prepare para apresentar um ou alguns dos métodos de acordo com as técnicas abaixo.

   Grupo 1– Você é um Agente de Saúde e foi convidado para ir a um programa de entrevistas na televisão para esclarecer o público sobre o **DIU** e os **métodos cirúrgicos de anticoncepção**. Trata-se de um programa ao vivo e, além do apresentador, o público (serão os adolescentes dos demais grupos) poderá fazer perguntas sobre os métodos.

   Grupo 2 – Você é representante de um laboratório que produz **diafragmas, espermicidas** e métodos contraceptivos hormonais. Prepare um cartaz explicativo sobre seus produtos e apresente-o para seus colegas.

   Grupo 3 – Em sua escola você é um APPeas e, semanalmente, é encarregado de promover um bate-papo com adolescentes sobre métodos anticonceptivos. Esta semana o

tema deste bate-papo será a **tabelinha,** o **Billings** e a **temperatura basal.** Prepare-se para conduzir esse bate-papo.

Grupo 4 – Você foi convidado para promover um debate sobre o **coito interrompido** e os **preservativos** ou **camisinhas** (masculina e feminina). Prepare uma introdução para o debate, explicando as características de cada método. Depois convide dois adolescentes da platéia (um que seja contra e outro que seja a favor de cada método) para apresentar suas razões. Em seguida, entreviste um especialista para que ele dê seu parecer acerca dos argumentos dos adolescentes.

2. Esclarecer que cada grupo deverá incluir na apresentação informações sobre
   - o que é o método e como impede a gravidez;
   - como se usa;
   - acompanhamentos necessários;
   - eficácia no uso correto e no uso irregular ou incorreto.
3. Organizar as apresentações dos grupos, deixando tempo depois de cada uma delas para que dúvidas e equívocos sejam esclarecidos pelos espectadores ou pelo facilitador, quando ninguém do grupo puder fazê-lo.

Metacognição

Informação

1. Fazer uma exposição breve sobre os direitos sexuais e reprodutivos, mostrando que, dentre esses direitos, está o de escolher se queremos ter filhos, quantos filhos queremos ter e quando. Por isso, o acesso à informação e aos métodos tem de ser assegurado a todos, inclusive aos adolescentes.
2. Levar o grupo a perceber que deve fazer parte do conhecimento a compreensão dos cuidados a serem tomados em relação a cada método.
3. Apresentar aos participantes etiquetas coloridas circulares e solicitar que colem uma das etiquetas no painel de papel pardo ao lado do nome do método, de acordo com o seguinte código:
   - verde – o método é de livre uso para (o) adolescente;
   - vermelho – não recomendável para adolescentes em geral;
   - amarelo – algumas restrições; tem de ser usado com monitoramento de profissional de saúde.

4. Fazer as correções e comentários que forem necessários.
5. Solicitar que cada participante registre em seu Caderno respostas pessoais para as seguintes perguntas:
   - *Que fatores podem facilitar o uso de métodos anticoncepcionais pelos adolescentes?*
   - *E que fatores podem dificultar o uso desses métodos?*
   - *Que serviços a Unidade de Saúde Pública de seu bairro oferece aos adolescentes em relação à anticoncepção?*
6. Convidar os participantes a compartilhar e comentar os registros no grupo.

Observação *— Caso não haja profissionais de saúde locais trabalhando no Programa, encarregar a equipe de Pesquisa e Comunicação de ir até a Unidade de Saúde mais próxima para se informar sobre os serviços oferecidos aos adolescentes (palestras, cadastramento para recebimento de camisinha, grupos de apoio, etc.) ou até mesmo para convidar um profissional de saúde a visitar o grupo e prestar-lhe diretamente as informações. Fazer contato prévio com a Unidade de Saúde para preparar a visita dos adolescentes.*

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 15

Projeto de trabalho

Objetivos

- Identificar, expressar e qualificar os próprios desejos e sonhos.
- Desenvolver a coragem e a iniciativa para agir em direção a propósitos pessoais.
- Aprender a formular objetivos e a planejar ações para alcançá-los.
- Conhecer os passos para o desenvolvimento de um projeto de trabalho.
- Aprender a trabalhar cooperativamente em equipe.
- Aprender a julgar a relevância e viabilidade de projetos e ações planejadas.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Cartaz com pergunta-chave para atividade Salto para o sonho.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Painel de papel pardo.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).
- Cartazes ou transparências com roteiro de Projeto de Trabalho.

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Um, dois, três.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Salto para o sonho

1. Expor, em painéis de papel pardo colados nas paredes das salas, as necessidades dos adolescentes, identificadas na segunda oficina e as perguntas do Banco de Perguntas.
2. Solicitar que os participantes caminhem pela sala revendo as perguntas do Banco e pensando como o grupo APPeas pode contribuir para satisfazer as necessidades dos adolescentes (os jovens do próprio grupo e os da comunidade) e o que precisa aprender para fazer isso. Apresentar a pergunta-chave em um painel para facilitar a focalização do grupo:
   - *De que forma os Adolescentes Protagonistas do PEAS podem contribuir para atender às necessidades dos adolescentes da comunidade?*
3. Preparar o grupo para uma visualização dirigida, desenvolvendo as seguintes atividades:
   - ***Roda ao som de música alegre, vitalizante.*** Comando do facilitador: *para realizar, temos que despertar a energia que existe em cada um de nós.*
   - ***Deslocamento com saltos sinérgicos.*** Comando do facilitador: *para realizar, é preciso sonhar, tirar o pé do chão, mas usar o chão para dar impulso.* Coletivamente e, em seguida, individualmente, passando pelo centro da roda, os participantes experimentam saltar com ímpeto, com movimentos sinérgicos de braços e pernas.

- **Segmentar de pescoço.** Ao som de música suave, fazer rotação de pescoço, com os ombros, e braços relaxados, maxilar e língua soltos, olhos fechados. Comando do facilitador: *ser capaz de relaxar, de entregar-se*.

Vivência

Viagem ao futuro

1. Conduzir o grupo numa visualização dirigida, de acordo com os seguintes passos:
   - Convidar os participantes a se deitar em colchonetes ou a se assentar confortavelmente, respirar fundo, relaxar e fechar os olhos.
   - Relembrar as necessidades dos adolescentes anteriormente identificadas, a caminhada do grupo, os temas trabalhados nas oficinas.
   - Conduzir o grupo a se imaginar em um lugar onde lê e os demais jovens da comunidade encontram tudo de que necessitam para ter uma vida de qualidade.
   - Sugerir que cada um se transporte a esse lugar e que o visualize: *Como é esse lugar? O que está acontecendo? Quem está lá? O que as pessoas estão fazendo? O que você costuma fazer nesse lugar? Como se sente?*
   - Conduzir o grupo de volta da viagem: espreguiçar, abrir os olhos lentamente, ficar de pé, espreguiçar novamente.
2. Estimular os participantes a compartilhar livremente o que imaginaram.
3. Anotar, em um painel de papel pardo, os pontos principais da visualização.
4. Levar o grupo a refletir sobre o objetivo do APPeas (construção de espaços de promoção e prevenção em saúde e cidadania *para* e *com* os adolescentes) e a visualização feita.
5. Escolher, dentre as necessidades ou temas listados, três considerados prioritários pelo grupo, por meio de votação e exposição de argumentos.

Informação e reflexão dialogada

Elaborando um projeto de trabalho

1. Explicar, com o apoio de cartazes ou transparências, o que é um projeto de trabalho e os passos para sua elaboração. Ter o cuidado de apresentar exemplos de ações exeqüíveis pelos adolescentes em seu espaço de vivência e convivência.
2. Distribuir cópias do impresso que servirá de roteiro para a elaboração dos projetos.
3. Dividir os participantes em três equipes a partir da escolha de uma das três necessidades ou problemas anteriormente priorizados.

4. Ressaltar que o projeto deve ter como resultado tanto a ampliação de determinados conhecimentos e habilidades quanto a execução de uma ação educativa com os adolescentes e para os adolescentes da comunidade.
5. Esclarecer que a equipe deverá apresentar no grupo o primeiro esboço do projeto para discussão e que, depois de aprovado e detalhado, ele dará origem a um Plano de Ação.
6. Apoiar o trabalho das equipes, esclarecendo dúvidas, discutindo a viabilidade das idéias, a clareza da redação, etc.
7. Oferecer a cada equipe papel pardo ou transparências para que a apresentação do projeto elaborado seja feita com apoio visual adequado.
8. Depois do trabalho das equipes, organizar a apresentação em plenário, combinando com o grupo que, durante cada exposição, todos vão anotar os pontos que não tenham ficado claros para pedir esclarecimentos ao final da apresentação (o facilitador também tem de fazer anotações).
9. Esclarecer que o esboço de cronograma do projeto (duração em semanas, atividades específicas, recursos, prazos e responsáveis) será transformado posteriormente em um Plano de Ação.

Metacognição

Para que fazer projetos?

1. Solicitar que os participantes registrem em seus cadernos os nomes e justificativas dos projetos apresentados pelas três equipes.
2. Em seguida, solicitar que registrem e compartilhem no grupo sua resposta pessoal para a seguinte questão:
   - *O que aprendi de significativo ao elaborar meu projeto de trabalho?*

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 16

Plano de ação

Objetivos

- Aprender a fazer escolhas e a resolver problemas coletivamente.
- Elaborar um plano de ação organizado.
- Reconhecer a importância da solidariedade e da parceria na execução de ações.
- Compreender que bens coletivos só podem ser alcançados com a participação de todos.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Cartaz ou transparência com roteiro do Plano de Ação.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Folhas de papel pardo ou transparências para a apresentação dos planos em plenário.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Tique, tique-taque, pom-pom.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema e vivência

Trilha da solidariedade

1. Convidar o grupo a participar de um jogo de solução de problema.
2. Solicitar que todos tirem os sapatos e coloquem um dos pés em fila, formando uma trilha no centro da sala.
3. Dividir o grupo em duas equipes e posicionar cada equipe em uma das pontas da trilha.
4. Explicar o código do jogo: cada equipe terá de passar para o outro lado pela trilha (fileira de sapatos) sem cair. De um lado da trilha existe uma montanha, e do outro, um precipício.
5. Deixar que as equipes façam suas combinações e dar o sinal para que uma de cada vez passe de um lado a outro pela trilha.
6. Terminada essa etapa, o facilitador lembra ao grupo que a caminhada foi fácil, mas que na vida não é bem assim, pois encontramos obstáculos no caminho. Às vezes, os obstáculos são outras pessoas, que vêm no sentido contrário.
7. Dar o novo código: agora, os dois grupos passarão juntos pela trilha. Durante a travessia, incentivar os participantes a ter cuidado, calma, a olhar a trilha, os companheiros, a se apoiar mutuamente.
8. Terminada a atividade, solicitar que os participantes façam registros pessoais e compartilhem sentimentos e percepções. No momento do compartilhar, provocar o estabelecimento de relações entre o jogo e a vida: *O que é a trilha? As pessoas se ajudaram? Você pediu ajuda? Ajudou sem preconceito? Como a equipe funcionou? E o grupo como um todo? O que significa ser solidário? Pessoas de times ou equipes diferentes podem ser parceiras?*

Informação e reflexão dialógica

Elaborando Planos de Ação

1. Expor, com o apoio de cartazes ou transparências, os procedimentos para elaborar o Plano de Ação. Apresentar exemplos relacionados aos projetos de trabalho elaborados anteriormente pelo grupo.
2. Entregar aos participantes cópias do formulário para elaboração do Plano de Ação.
3. Solicitar que as equipes formadas na oficina anterior se reúnam, elaborem o Plano de Ação e se preparem para apresentar o resultado do trabalho para o grupo.

4. Oferecer aos participantes papel pardo ou transparências para apresentação do Plano no plenário com apoio visual adequado.
5. Combinar com o grupo que todos vão anotar os pontos que não ficarem claros, as sugestões e críticas para apresentar depois de cada exposição.

Aplicação

Ajustando os Planos de Ação

Solicitar que as equipes se reúnam para, a partir das sugestões e críticas, fazer os acertos necessários no plano. Apoiar os grupos durante o trabalho, cuidando para que definam, com clareza, responsáveis, ações específicas e prazos.

Metacognição

Por que e como me incluo neste grupo?

1. Solicitar que cada participante, individualmente, responda às seguintes perguntas no Caderno de Registro:
   - *Por que estou aqui, fazendo parte deste grupo?*
   - *Como vou contribuir para a realização do Plano de Ação?*
2. Formar uma grande roda e explicar que cada pessoa da roda vai dar um passo à frente, dizer ao grupo as respostas que deu às perguntas e se colocar no centro da roda em uma posição específica. Explicar que a segunda, a terceira, a quarta e todas as pessoas que sucessivamente forem se dirigindo ao centro da roda, poderão escolher também a posição em que querem se colocar, mas deverão sempre tocar, de alguma forma, um ou mais companheiros que já estejam ao centro.
3. Depois que todos tiverem se incorporado à "construção humana", colocar uma música celebrante e dizer que a construção vai se mover ao ritmo e que cada um vai dar a mão a uma pessoa que esteja próxima e ir formando uma grande roda de celebração.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 17

Vulnerabilidade e empoderamento

Objetivos

- Construir os conceitos de vulnerabilidade, *empoderamento* e resiliência.
- Identificar fatores que propiciam a vulnerabilidade e o *empoderamento* de pessoas e grupos.
- Relacionar Direitos Humanos, Democracia e o *empoderamento*.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Capuz de pano ou papel preto (um para cada participante).
- Cartazes ou transparências com os conceitos e os fatores de vulnerabilidade e *empoderamento*.
- Três cartazes em folha de papel pardo com a pergunta-chave para a atividade:
- O que torna uma pessoa vulnerável?
- Folha impressa com teste sobre resiliência (1 folha para cada participante).
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Grito do nome.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema e vivência

Jogo do fantasma

1. Propor ao grupo o "jogo do fantasma".
2. Distribuir a todos um capuz de pano ou de papel preto e dizer que o capuz será a fantasia de fantasma.
3. Explicar o código do jogo: todos vão se deslocar pela sala ao ritmo de uma música de fundo; ao ouvir a palavra *fantasma*, cada um vai colocar o capuz na cabeça e continuar se deslocando; ao ouvir a expressão *livre do fantasma*, cada um vai tirar o capuz, continuar se deslocando e, ao encontrar um(a) companheiro(a), dirá a ele ou ela o que está sentindo.
4. Depois de repetir os mesmos comandos algumas vezes e observar as reações dos participantes, interromper o jogo, e estabelecer com o grupo um novo código: quando estiverem com a cabeça tapada e trombarem em alguém, vão explodir, fazendo BUM!
5. Recolocar a música e reiniciar o jogo, dentro das novas regras. Ir orientando os participantes para que se protejam, façam silêncio, escutem, percebam a aproximação do outro.
6. Levar o grupo a compartilhar sentimentos e percepções: *Como as pessoas se comportaram? Fizeram questão de se proteger ou de explodir? O grupo conseguiu fazer silêncio? Era importante fazer silêncio? O que o silêncio representa? Por que algumas pessoas têm dificuldade de fazer silêncio? Você se protegeu ou quis "brincar de explodir"?*

Informação

Vulnerabilidade... O que significa isso?

1. Introduzir os conceitos de *vulnerabilidade* e *empoderamento*, escrevendo as palavras no flipchart e solicitando que os participantes digam que significados atribuem a essas palavras.
2. A partir das falas dos participantes, levar o grupo a ampliar os conceitos de vulnerabilidade e *empoderamento*, apoiando a exposição com cartazes ou transparências. Apresentar exemplos de pessoas que saíram de uma situação de vulnerabilidade e se empoderaram (por exemplo, o Presidente Lula). Relembrar a atividade realizada anteriormente sobre as redes de apoio afetivo e social. Mostrar que nem tudo pode ser alcançado pelas pessoas individualmente. Há bens que, por sua natureza, só podem ser construídos coletivamente. A saúde pública, por exemplo. Posso comprar uma camisa, um carro, uma casa, um iate, mas não posso me livrar sozinho, por exemplo, da epidemia da dengue. Retomar também a diferença, já trabalhada, entre poder advin-

do de vantagens prévias (posição social, dinheiro, força física, etc.) e *empoderamento* (poder construído e legitimado em relações de reciprocidade com os outros). Levar o grupo a identificar organizações associativas que buscam fortalecer determinados grupos e defender seus direitos (associações, sindicatos, organizações da sociedade civil). Mostrar que o próprio o APPeas é uma proposta de associativismo juvenil, que procura contribuir para o *empoderamento* dos adolescentes — fortalecimento pessoal e capacidade de intervenção nas circunstâncias sociais.

3. Ainda com o apoio de cartazes ou transparências, mostrar que os fatores de vulnerabilidade e *empoderamento* costumam ser agrupados em três dimensões: a pessoal, a social e a institucional. Explicar o que significa cada uma dessas dimensões (pessoal: características e escolhas individuais; social: interação entre as pessoas, formas como elas organizam suas relações de convivência; institucional: iniciativas dos governos). Por exemplo: a Constituição Brasileira estabelece que as crianças e adolescentes têm prioridade no atendimento aos direitos básicos de saúde, habitação, educação, cultura, lazer. Se uma criança vive em um local sem saneamento básico ou sem posto de saúde pública, por exemplo, ela está em situação de vulnerabilidade devido a fatores institucionais, já que alguns de seus direitos básicos estão sendo desrespeitados por falta de iniciativas governamentais adequadas.

Reflexão dialógica

O que torna uma pessoa vulnerável?

1. Propor que o grupo reflita sobre os fatores que tornam uma pessoa mais vulnerável a tudo que pode colocar em risco ou prejudicar sua vida (por exemplo, morte prematura, doenças, abuso de drogas, violência, etc.).
2. Dividir o grupo em três subgrupos e colocar, no chão, cartazes com a mesma pergunta e, em cada um, especificar a dimensão em que a vulnerabilidade será discutida:

   • ***O que torna uma pessoa mais ou menos vulnerável?***

Cartaz 1: Nível pessoal ***Cartaz 2: Nível social*** ***Cartaz 3: Nível institucional***

3. Posicionar cada grupo junto a um dos cartazes e combinar que será marcado um tempo (20 minutos) para a discussão da dimensão especificada e o registro das respostas no próprio cartaz. Explicar que, terminado o tempo, os grupos vão se deslocar de um cartaz para outro e discutir a nova dimensão, complementando ou questionando as respostas dadas pelo grupo anterior.

4. Quando todos os grupos tiverem passado pelos três cartazes, solicitar que três participantes leiam e expliquem em plenário os tópicos de cada um dos cartazes, com a ajuda dos demais.
5. Esclarecer e complementar o que for necessário após a apresentação de cada cartaz.

Aplicação

Cultura da resiliência

1. Explicar que pesquisadores observaram que pessoas fortes e determinadas, capazes de superar obstáculos e enfrentar desafios, tinham certas características em comum. A partir dessa constatação, esses pesquisadores formularam o conceito de *resiliência.* Originalmente, essa palavra é empregada para falar de materiais que têm a propriedade de resistir à pressão sem perder a forma e características originais (a borracha de pneus, por exemplo). Por analogia, passou-se a usar o termo para falar das pessoas que têm a capacidade de superar dificuldades e problemas e de transformá-los em desafios para o próprio crescimento.
2. Propor que os participantes respondam individualmente a um teste para avaliar em que medida cada um tem cultivado os comportamentos e atitudes que os pesquisadores consideram favoráveis ao desenvolvimento da resiliência.
3. Distribuir a folha impressa com o teste, esclarecer o modo de responder e dar tempo para que cada participante marque suas respostas individualmente.
4. Apresentar ao grupo a escala de avaliação e, em seguida, um cartaz ou transparência sintetizando os comportamentos e atitudes que devem ser cultivados para criamos uma cultura de resiliência. Ressaltar que os pesquisadores constataram que os comportamentos e atitudes resilientes podem ser aprendidos e cultivados não só pelas pessoas individualmente, mas também pelos grupos e instituições. Podemos nos tornar resilientes.

Metacognição

Democracia e empoderamento

1. Solicitar que os participantes pensem e respondam, no Caderno de Registro, às seguintes perguntas:
   - *Que relação você vê entre empoderamento e resiliência?*
   - *A Democracia prega a justiça e a igualdade entre as pessoas. O que isso tem a ver com empoderamento?*

2. Incentivar os participantes a compartilhar os registros, provocando-os a estabelecer e ampliar relações de sentido entre os tópicos trabalhados.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 18

Paradeiro

Objetivos

- (Des)construir o conceito de droga.
- Refletir sobre os "ganhos" do uso/abuso de drogas, especialmente as psicoativas.
- Ter acesso a informações científicas sobre as drogas e desfazer mitos relacionados ao tema.
- Perceber a importância de colocar limites para si e para os outros.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Folhas papel pardo com frase para complementação.
- Canção *Paradeiro*, de Marisa Monte (letra e música).
- Pequenos cartazes com afirmativas sobre o tema *drogas*.
- Bolinha de borracha ou de meia.
- Folha impressa com informações sobre o tema *drogas*.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Harmonização da força em par.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável

Aquecimento para o tema

Gosto muito, porque...

1. Escrever no *flipchart* a seguinte frase para complementação *Eu gosto muito de... porque...*
2. Estimular a complementação rápida do grupo e registrar cada complementação em uma linha diferente.
3. Distribuir a letra da música *Paradeiro* e provocar os comentários dos participantes. Explorar especialmente as palavras *desejo, vício, paradeiro, paraíso, precipício*. Retomar o conceito de vulnerabilidade.

Vivência

Como saber a hora de parar?

1. Convidar o grupo a participar da seguinte experiência:
   - O grupo vai formar uma roda, todos vão fechar os olhos e uma das pessoas vai falar ou cantar o próprio nome alto.
   - O grupo vai repetir o nome, falando, cantando em vários tons até que o participante se sinta satisfeito e peça ao grupo que pare de repetir seu nome.
2. Deixar que a primeira pessoa se ofereça voluntariamente.
3. Escolher mais 3 ou 4 pessoas e repetir a atividade.
4. Compartilhar sentimentos e percepções: *Quando cada um se sentiu satisfeito? Foi por timidez? Foi difícil ouvir o nome? É difícil tomar uma decisão diante do grupo? Quando saber a hora de parar? Quando saber a hora de fazer o outro parar, de informá-lo sobre seus próprios limites? Provocar o relacionamento entre a atividade e o tema drogas.*

Informação e reflexão dialógica

Desconstrução/construção do conceito de droga

1. Convidar os participantes a se assentarem em círculo e falar da necessidade de discutir abertamente o tema “drogas”.

2. Colocar, no centro do círculo, pequenos cartazes com o verso para cima, de forma que cada participante possa pegar um quando for sua vez.
3. Jogar uma bola para um dos participantes e pedir que ele pegue um dos cartazes, leia a afirmativa em voz alta, diga se concorda ou não com ela e por quê. Os outros participantes podem dar também suas opiniões.
4. O primeiro participante joga a bola para outro, que lê uma segunda afirmativa e assim sucessivamente até esgotar todas as afirmativas.
5. Após a leitura e discussão de cada afirmativa, anotar no *flipchart* os pontos consensados pelo grupo. Quando não houver consenso, transformar o tópico em uma pergunta, que será registrada no Banco de Perguntas.
6. Depois que todas as afirmativas tiverem sido lidas, voltar ao cartaz em que foram registradas as diferentes complementações para as frases. Substituir a primeira parte da frase pelo nome de uma droga psicoativa. Por exemplo: *Eu gosto de fumar maconha porque...*, de forma que o grupo perceba que as pessoas buscam a droga porque ela lhes traz algum prazer ou ganho.
7. Falar da necessidade de ter informações sobre as drogas psicoativas e sobre os processos emocionais, sociais e econômicos envolvidos na produção e circulação das drogas psicoativas na sociedade atual.
8. Distribuir para o grupo uma folha impressa com alguns dados relacionados às afirmativas discutidas.
9. Ler o texto em voz alta no grupo, verificar o entendimento do texto, voltar às anotações e questões anteriormente feitas e verificar que conceitos mudaram depois da leitura e por quê. Verificar também se alguma pergunta ficou sem resposta. Caso isso tenha acontecido, incorporar a pergunta ao trabalho de pesquisa a ser realizado pela equipe de Pesquisa e Comunicação.

Aplicação

Investigar para compreender

1. Dividir o grupo em 5 subgrupos e solicitar que pensem em uma atividade a ser incluída no trabalho de pesquisa:
   - *O que queremos saber?*
   - *Onde (como, com quem) vamos buscar essas informações?*
   - *Como vamos organizar e apresentar as informações ao grupo?*

2. Lembrar que pode ser incluído nesse plano o convite para um especialista conversar com o grupo sobre o tema.
3. Fazer o levantamento e o esclarecimento das sugestões dos subgrupos em plenário e passar os registros para a equipe de Pesquisa e Comunicação. Caberá a ela decidir sobre o plano e executá-lo.
4. Combinar datas e prazos para a realização da atividade. Decidir também, junto com o grupo, se outros adolescentes da escola ou da comunidade serão convidados a participar.

Metacognição

Como saber a hora de parar?

1. Solicitar que os participantes registrem, no caderno, respostas pessoais para as seguintes perguntas:
   - *O que você não sabia ou nunca tinha pensado antes e passou a saber ou pensar após a oficina?*
   - *Como uma pessoa pode saber a hora em que deve parar com algo que faz repetidamente?*
2. Incentivar os participantes a compartilhar suas respostas no grupo. Procurar provocar o grupo com perguntas: *Qual a importância do que você percebeu ou aprendeu? O que faz uma pessoa perder o controle? Por que as pessoas continuam fazendo coisas que elas mesmas gostariam de deixar de fazer? O que torna as pessoas dependentes? O que podemos fazer para não depender do que não nos faz bem?*

Oficina 19

Drogas... Como lidamos com isso?

Objetivos

- Propiciar a explicitação e discussão de situações cotidianas relacionadas ao uso, abuso ou tráfico de drogas.
- Refletir sobre a melhor forma de agir com usuários ou traficantes de drogas.
- Refletir sobre as formas de proteger-se, individual e coletivamente, das situações de vulnerabilidade ao abuso ou tráfico de drogas.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Mesinha, cama e cédula de dinheiro de brinquedo (ou gravuras representando esses objetos).
- Folhas de *flip* ou papel pardo para registros.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Folhas impressas com as situações para atividade *Pensando sobre as justificativas*.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Girafa e elefante.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável

Vivência

Cotidiano

1. Propor que o grupo se assente em círculo, no chão.
2. Assentar-se também no círculo e colocar à frente (do facilitador) três brinquedos: uma mesa, uma cama e uma cédula de dinheiro (os brinquedos podem ser substituídos por gravuras que representem esses objetos).

3. Explicar ao grupo o código do jogo: o objeto será passado de mão em mão e serão feitas duas perguntas, sempre as mesmas. A pessoa que pegar o objeto responderá à pergunta, dizendo o que o objeto lhe lembra em relação ao cotidiano e à vida familiar.
4. Iniciar, então, a primeira rodada, passando a "mesa" para o participante do grupo que estiver à direita e perguntando-lhe:
   - *Na sua casa tem mesa?*
   - *O que essa mesa lhe lembra?*
5. O mesmo procedimento se repete até que a "mesa" tenha passado por toda a roda.
6. Fazer o mesmo com os dois outros objetos. Ir anotando em folhas de *flip* as palavras ou expressões ditas pelo grupo.
7. Levar o grupo a focalizar os registros feitos e perguntar se o que foi falado representa a realidade das famílias da comunidade. Deixar que os participantes se manifestem por cerca de 10 minutos.
8. Mostrar uma foto de dois jovens, uma adolescente e um adolescente, ambos chorando, pensativos ou tristes. Dizer que os jovens representados nas fotos são da comunidade e não parecem bem.
9. Passar as fotos pela roda e pedir que cada um diga ou faça com o colega da direita o que diria ou faria para ajudar o(a) jovem a se sentir melhor.
10. Perguntar, aos participantes: *E você? De que você precisa para estar bem? De carinho? De sossego? De respeito? De colo? Como você pode dar a você mesmo aquilo de que precisa para estar bem?*
11. Convidar todos a se deitar no chão, bem próximos uns dos outros, formando um ninho.
12. Colocar uma canção de ninar e deixar que o grupo descanse junto.
13. Quando a música terminar, conduzir os participantes a virar-se de lado, se espreguiçar, abrir os olhos e voltar a sentar-se devagar.
14. Solicitar que cada um faça um registro pessoal no caderno e dar oportunidade para que aqueles que quiserem digam o que sentiram, pensaram ou observaram.

Reflexão dialógica

Pensando sobre justificativas...

1. Propor ao grupo uma atividade de tomada de decisão. Será apresentada uma situação e feita uma pergunta relacionada à situação. Aqueles que escolherem a resposta SIM deverão se encaminhar para o lado da sala onde está o cartaz com a palavra SIM. Os

que responderem NÃO deverão se encaminhar para o lado oposto, onde está o cartaz com a palavra NÃO.

2. Explicar que os membros de cada subgrupo (os que responderam SIM e os que responderam NÃO) vão conversar sobre as razões da resposta dada e se preparar para apresentar essas razões ao outro grupo.
3. Dar a palavra a cada subgrupo, e o direito de contra-argumentar uma segunda vez. Perguntar se algum dos componentes do grupo, depois de ouvir as razões do outro lado, gostaria de mudar de posição e por quê. Se alguém quiser mudar de lado, permitir (e até encorajar) que o faça.
4. Abrir para o debate em plenário. Provocar a reflexão do grupo a partir de perguntas: *Alguém mudou de lado? Por que será? Você costuma admitir que se enganou? Ou acha que isso é vergonhoso? Você já se comportou como a personagem de uma das situações em relação a alguma coisa em sua vida? Já negou algum problema ou acreditou que determinada coisa nunca iria acontecer com você? Já justificou seu comportamento dizendo que a culpa é de seus pais, de sua família, da falta de dinheiro, da má qualidade da escola, dos professores, etc.? Já se considerou um sabe-tudo, que não precisa ouvir ninguém?*
5. Explicar que todos nós, quando temos dificuldades de encarar os problemas, utilizamos justificativas, que parecem razoáveis, mas que são, na verdade, "muletas", para não enfrentar os problemas e assumir responsabilidades. As "muletas" podem tomar a forma de negação ("Isso não acontece comigo"), racionalização ("Estou assim por causa de tais e tais problemas"), projeção ("Estou assim porque meu pai não me apóia").

Aplicação

Encenando o cotidiano

1. Dividir o grupo em dois subgrupos e solicitar que preparem a dramatização de uma cena que envolva o uso de drogas psicoativas e que tenha ocorrido ou ocorra habitualmente em sua comunidade.
2. Cada grupo apresenta a cena e, após as encenações, o grupo é solicitado a avaliar o comportamento das personagens envolvidas com o usuário ou o traficante: *As pessoas de sua comunidade lidam com o usuário da forma como aconteceu na representação? Você acha que elas poderiam ou deveriam fazer diferente?*

Metacognição

O que podemos fazer?

1. Solicitar que cada um registre, no Caderno de Registro, respostas pessoais para as seguintes perguntas:
   - *O que você espera que os adultos façam para ajudá-lo a proteger-se das drogas?*
   - *O que você pode fazer para proteger-se do uso indevido de drogas?*
   - *O que os Adolescentes Agentes Voluntários de Saúde podem fazer juntos para proteger os jovens do uso indevido de drogas?*
   - *O que você acha que o poder público pode fazer para proteger os jovens do uso indevido e do tráfico de drogas?*
2. Incentivar os participantes a compartilhar suas respostas no grupo.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 20

Prevenção de DST/AIDS

Objetivos

- Compreender como se dá a transmissão das DSTs e do HIV.
- Corrigir e ampliar informações sobre as DSTs e a Aids.
- Refletir sobre a importância de negociar com o(a) parceiro(a) o uso do preservativo.
- Dispor-se a adotar práticas de sexo protegido.

- Refletir sobre as razões que tornam os jovens mais vulneráveis às DSTs e à Aids.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Conjunto de cartões com desenhos de figuras para a atividade *Rede de contaminação*
- Folhas de *flip* ou papel pardo para registros.
- Fichas com afirmativas sobre DSTs e HIV/Aids.
- Caixa ou envelope para reunir as fichas.
- Modelo de pélvis e preservativo feminino.
- Modelo de pênis e preservativo masculino.
- Bananas prata em número correspondente à metade dos participantes.
- Preservativos masculinos (1 para cada participante).
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Roda alegre.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema e vivência

Rede de contaminação

1. Convidar o grupo a participar de uma atividade de aquecimento e integração.
2. Distribuir cartões com desenhos de figuras geométricas, considerando para cada conjunto de dez participantes a seguinte proporção:
   - 1 com o desenho de um triângulo;
   - 2 com desenhos de pequenos quadrados;
   - 7 com desenhos de círculos;

- 2 com desenhos de pequenos quadrados;
- 7 com desenhos de círculos.
- 3 com desenhos de círculos e estrelas.

3. Entregar aleatoriamente a um dos participantes um cartão com a instrução: *Não participe. Permaneça sentado até o final da atividade.*
4. Explicar que será colocada uma música e que todos dançarão livremente pela sala, integrando-se à vontade com os colegas e que, sempre que a música parar, cada um deverá copiar rapidamente em seu cartão o desenho original dos(as) colegas mais próximos(as). Assim que a música reiniciar, todos voltarão a dançar.
5. Os desenhos têm os significados a seguir, o que não deve ser revelado aos participantes até o final da atividade.
   - Círculo = pessoa sadia
   - Quadrado = portador de DST
   - Triângulo = portador de HIV
   - Estrela = camisinha
6. Repetir o processo de interromper e reiniciar a música pelo menos 4 vezes.
7. Solicitar que todos os participantes se assentem em círculo, perguntar-lhes se têm idéia do significado das figuras e pedir que observem quantas figuras têm nesse momento em seu cartão.
8. Pedir que se levantem todas as pessoas que tiverem triângulos desenhados em seus cartões. Revelar o significado do triângulo. Fazer o mesmo com relação aos que têm quadrados. Revelar o significado da estrela e pedir que se assentem aqueles cujo cartão tinha originalmente o círculo e a estrela. Explicar que esses, por terem usado a camisinha, não contraíram nenhuma doença sexualmente transmissível. Pedir que se manifeste também quem recebeu o cartão com a frase com a indicação de que deveria permanecer sentado.
9. Levar o grupo a refletir sobre o que aconteceu: *Como se sentiu quem recebeu o comando de ficar fora da brincadeira? E os outros, como se comportaram em relação a essa pessoa? Quando ficaram sabendo o significado do triângulo, como se sentiram as pessoas que tinham no cartão inicial esse desenho? Como as outras pessoas se sentiram em relação às pessoas que tinham o triângulo? As pessoas que tinham triângulos não sabiam que estavam contaminadas. Como poderiam saber? Qual foi o sentimento experimentado quando ficaram sabendo que a estrela significava uso do preservati-*

vo? Quantos participantes começaram o jogo com círculos? Quantos terminaram sem triângulo e sem quadrado? O que significa ter mais de um quadrado ou mais de um triângulo no cartão? Como se dá a rede de transmissão sexual do HIV e das DSTs? É possível saber, pela aparência, quem é portador de DST ou de HIV? Como fazer para se proteger da transmissão sexual?

Informação

Ampliando conhecimentos sobre as DSTs e a Aids

1. Explicar que o grupo vai ter oportunidade de corrigir e completar informações e desfazer preconceitos em relação às DSTs e à Aids.
2. Preparar previamente para a atividade fichas com afirmativas sobre as DSTs e a Aids e colocá-las em uma caixa.
3. Explicar ao grupo o código do jogo: será colocada uma música e a caixa passará de mão em mão pela roda; quando a música parar, a pessoa que estiver com a caixa vai tirar uma ficha, ler em voz alta a afirmativa, dizer se concorda ou não com ela e justificar. A pessoa da direita deverá dizer se concorda ou discorda do que foi dito pelo(a) colega ao lado e também justificar.
4. Ir retirando da caixa as fichas que forem sendo discutidas. Anotar todos os pontos que precisarem de esclarecimento ou complementação.
5. Fazer uma síntese final, com ênfase nos pontos em que houver necessidade de esclarecimento e reforço.

Reflexão dialógica

Quero, não quero...

1. Ressaltar a importância do preservativo na prevenção das DSTs e da Aids. Chamar atenção para o fato de que o preservativo é a única forma de proteção contra a transmissão sexual. Provocar o grupo a dizer rapidamente por que muita gente, apesar de saber disso, deixa de usar o preservativo.
2. Propor que se formem 4 subgrupos (2 de rapazes e 2 de moças), para discutir as justificativas que homens e mulheres costumam apresentar para usar ou não o preservativo.
3. Distribuir as tarefas dos grupos de acordo com o seguinte esquema:

Grupo 1: listar as razões por que os homens querem usar preservativos.

Grupo 2: listar as razões por que os homens ***não*** querem usar preservativos.

Grupo 3: listar as razões por que as mulheres querem usar preservativos.

Grupo 4: listar as razões por que as mulheres ***não*** querem usar preservativos.

4. Terminada a tarefa, explicar que os grupos vão escolher um representante para negociar o uso do preservativo com o representante de outro grupo, supondo que sejam um casal e que queiram transar. O grupo 1 vai fazer a negociação com o grupo 4 (homem quer e mulher não quer); o grupo 2 com o grupo 3 (homem não quer e mulher quer). Os grupos vão usar os argumentos anteriormente levantados.
5. Organizar os desempenhos de papéis e, em seguida, abrir o debate no grupo: *Como você se sentiu durante a negociação? E quem estava assistindo o que sentiu e observou? Esse tipo de negociação acontece na vida real? Se acontece, de que maneira se dá? O que pode levar uma negociação a não dar certo? Quais são as possíveis conseqüências de uma negociação que não dá certo? Que características das pessoas entram em jogo em uma negociação desse tipo? Qual o melhor momento de negociar?*

Aplicação

Usando corretamente o preservativo

1. Explicar ao grupo que, se o preservativo é a forma mais importante de praticar sexo protegido, então temos de saber que cuidados tomar antes, na hora e depois de usá-lo, especialmente o preservativo masculino.
2. Demonstrar, usando um modelo de pélvis, como é usada a camisinha feminina. Deixar que a camisinha passe pela roda para que todos a manuseiem.
3. Conversar com o grupo sobre os cuidados ao comprar o preservativo (escolher produto com garantia de qualidade do Inmetro, que esteja dentro do prazo de validade e seja de tamanho adequado) e ao guardar o preservativo (não deixá-lo em lugar onde sofra atrito, que seja muito quente).
4. Usando um modelo de pênis, demonstrar e explicar como usar corretamente o preservativo masculino (como retirar da embalagem, colocar no pênis, retirar do pênis e descartar).
5. Propor que todos treinem em dupla o uso do preservativo, usando uma banana. Uma pessoa da dupla segura a banana e a outra coloca e retira a camisinha. Depois, os papéis se invertem com uma nova camisinha.
6. Depois que todos tiverem feito a simulação, incentivar o grupo a brincar com as camisinhas, vestindo a mão, soprando-a como um balão, etc.

Metacognição

Como posso me proteger?

1. Solicitar que os participantes registrem respostas pessoais para a seguinte pergunta:
   - O que posso fazer para me tornar menos vulnerável às DSTs e à Aids?
2. Incentivar os participantes a compartilhar as respostas no grupo.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 21

Projeto de vida

Objetivos

- Reforçar a auto-estima, o autoconceito e a autodeterminação.
- Refletir sobre valores e projetos pessoais.
- Relacionar metas de longo e médio prazo com as pequenas ações cotidianas.
- Desenvolver a disposição para pensar a longo prazo e para projetar o futuro
- Relacionar realização com oportunidade, escolha e compromisso.

Material necessário

Tempo previsto: Entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Folhas de papel A4 (1 por participante).
- Folhas de *flip* ou papel pardo para registros.
- Folhas impressas com a história *A águia e a galinha*.
- Cartaz com perguntas para discussão dialógica.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Grito do nome.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Vivência

Aprender a voar

1. Conduzir um relaxamento dirigido, de forma a preparar os participantes para ouvir a história A águia e a galinha.
2. Depois de contar a história pausadamente, convidar os participantes para realizar um vôo imaginário até o futuro.
   - *Imagine-se daqui a 10 ou quinze anos. Você despertou a águia que existe em você. Onde você está? Que tipo de pessoa você é? Que sonhos já realizou? Você está casado? Tem filhos? Como se sente na sua vida afetiva? Que tipo de profissão você tem? O que realiza no seu trabalho? Desenvolveu algum dom ou potencial em especial? Em que tipo de comunidade você vive? Você participa de algum projeto social? De alguma associação, igreja ou partido? Como vive seu tempo livre? Que contribuição você dá para sua comunidade?*
3. Reconduzir o grupo à realidade e solicitar que cada um escreva rapidamente em uma folha suas metas de longo prazo para as diferentes áreas de sua vida: pessoal, profissional, social, espiritual.
4. Reconduzir o grupo à realidade e solicitar que cada um escreva rapidamente em uma folha suas metas de longo prazo para as diferentes áreas de sua vida: pessoal, profissional, social, espiritual.
5. Solicitar que todos formem uma roda e escolham um par com quem tenham maior convivência para compartilhar sonhos e metas.
6. Orientar as duas pessoas a se assentarem em frente uma da outra e explicar que cada uma terá cinco minutos para falar com a outra sobre o que visualizou e registrou. O par deve ouvir, sem interromper, prestando atenção ao tom de voz, à expressão fisionômica e aos movimentos corporais. Ao final do tempo, deve dizer ao companheiro ou companheira o que compreendeu e de que sonhos e metas ele ou ela falou com mais energia e entusiasmo.

7. Voltar a formar o círculo e conversar com o grupo sobre a relação entre sonhos, metas e valores pessoais e sobre sua importância para a realização pessoal. Explicar, com exemplos, a diferença entre metas de longo, médio e curto prazo.
8. Solicitar que os participantes retomem individualmente as metas registradas e priorizem uma delas. Orientá-los para que identifiquem se é uma meta de meta de longo, médio ou curto prazo. Caso seja de longo ou médio prazo, solicitar que formulem e registrem uma meta ou metas de curto prazo, isto é, os primeiros passos a serem dados na direção desejada.
9. Dar tempo para que os pares voltem a se reunir, compartilhem a meta priorizada e combinem formas de se apoiarem mutuamente na realização do que desejam.

Reflexão dialógica

Uma questão de sorte?

1. Retomar com os participantes os princípios da discussão dialógica, levá-los a relembrar como avaliaram a última discussão, a rever os critérios anteriormente estabelecidos e os pontos que precisam ser melhorados pelo grupo.
2. Apresentar um conjunto de perguntas relacionadas ao tema sonhos e metas e levar o grupo a escolher uma delas para a discussão, por votação e apresentação de argumentos. Oferecer oportunidade para que o grupo, caso deseje, acrescente novas perguntas à lista.

Sugestões de perguntas

- *É importante ter sonhos?*
- *Por que algumas pessoas atingem as suas metas e outras não?*
- *O que dificulta ou facilita a realização das metas?*
- *O que precisamos fazer para conseguir realizar nossos sonhos?*
- *Realizar sonhos e atingir metas depende de quê? De sorte? De oportunidade? De esforço pessoal? De circunstâncias sociais? De circunstâncias econômicas?*
- *Todas as pessoas têm oportunidades iguais de realizar seus sonhos?*
- *Existe relação entre realização pessoal e condição social?*
- *Existe relação entre realização pessoal e educação?*

3. Identificar dois voluntários, um para controlar a duração do debate e outro para apoiar o coordenador na ordem de distribuição da palavra.
4. Avaliar a discussão de acordo com os critérios estabelecidos pelo grupo.

5. Dar tempo para que os participantes façam registros individuais e encerrar colocando no *flip* o seguinte pensamento relacionado ao tema discutido:

- *Uma visão sem uma tarefa é apenas um sonho. Uma tarefa sem visão é somente trabalho árduo. Mas uma visão com uma tarefa pode mudar o mundo.*

Aplicação

Oportunidade, liberdade e compromisso

1. Solicitar que cada participante, individualmente, escreva no caderno a meta priorizada na atividade anterior e que liste abaixo dela todas as condições ou requisitos necessários à realização da meta. Desenvolver um exemplo coletivamente para que o grupo compreenda a tarefa.

   Exemplo

   Meta: *Ser jornalista de um grande jornal diário.*

   Requisitos: *desfrutar de boa saúde, ter acesso a uma educação de qualidade, saber ler e escrever bem, ter acesso a informações, desenvolver a habilidade de comunicação, formar opiniões críticas sobre a realidade, etc.*
2. Feita a listagem, explicar ao grupo que cada um dos requisitos identificados depende, em parte, de *oportunidade*, em parte, de *escolha pessoal* e, em parte, de compromisso. Por exemplo: desfrutar de boa saúde depende da *oportunidade* de alimentar-se bem, ter boas condições de habitação e higiene, ter acesso a serviços médicos de qualidade, mas depende também de escolhas e compromissos pessoais, como buscar informação, proteger-se de situações de risco, levar um estilo de vida saudável, associar-se com outras para reivindicar direitos.
3. Levar o grupo a perceber que o destino de cada um depende da combinação de oportunidade, liberdade de escolha e compromisso pessoal. Ressaltar também a importância de nos associarmos a outras pessoas que tenham objetivos semelhantes para apoio mútuo.

Metacognição

Compromisso com o Sol

1. Solicitar que cada um registre no Caderno respostas pessoais para as seguintes perguntas:

- *De que preciso para ser águia e voar em direção ao Sol?*

- *O que posso fazer aqui e agora para obter o que preciso?*

2. Incentivar os participantes a compartilhar no grupo as respostas pessoais.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 22

Direitos humanos e cidadania

Objetivos

- Refletir sobre os processos de inclusão e exclusão das pessoas em grupos.
- Vivenciar o processo de decidir quem tem direito a ter direito.
- Refletir sobre o sentido e a origem do que entendemos por direito.
- Compreender a violência como desrespeito ao direito.
- Conhecer a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Material necessário

Tempo previsto: Entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Folhas de papel A4 (1 por participante).
- Folhas de *flip* ou papel pardo para registros.
- Folhas impressas com a história *A águia e a galinha.*
- Cartaz com perguntas para discussão dialógica.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Encontros de solidariedade.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema

Como nos agrupamos?

1. Espalhar três tipos de figuras geométricas (retângulo, triângulo, círculo) de três cores (vermelho, azul e amarelo) no centro da sala e mais duas ou três figuras diferentes das demais (por exemplo, o recorte de uma rosa, de um barco, de um pássaro voando).
2. Pedir que cada participante escolha uma figura e que o grupo se subdivida em três subgrupos, considerando as figuras e critérios que serão decididos e negociados pelos participantes.
3. Refazer o grande círculo e provocar a reflexão sobre o que aconteceu: *Como se formaram os agrupamentos? Com base em que critérios? O grupo negociou os critérios? Foi fácil negociar? O que aconteceu com quem escolheu figuras diferentes? Algum grupo se formou a partir das diferenças? O que perdemos e o que ganhamos ao agrupar pela diferença? E pela semelhança? Sempre procuramos os iguais? Que relações você estabelece entre o que aconteceu aqui e o seu dia-a-dia?*
4. Levar o grupo a perceber que são as próprias pessoas que decidem como vão se organizar em sociedade e que, a partir do estabelecimento de critérios, que podem ser negociados ou impostos por alguns, começam a surgir questões do tipo *quem pode fazer parte de determinado grupo e quem não pode, quem pertence e quem não pertence, quem tem direito e quem não tem direito de participar e decidir. Introduzir, então, a pergunta O que é ter direito?*

Reflexão dialógica

O que são direitos e de onde vêm os direitos?

1. Propor que o grupo discuta o tema direitos, usando a técnica dos círculos concêntricos: o grupo se organiza em duas rodas uma dentro da outra; as pessoas da roda de dentro ficam de frente para as da roda de fora, formando pares.
2. Combinar com o grupo o código da atividade: quando for dita a palavra circular, as

duas rodas vão girar para a direita; quando for dita a palavra parar, as duas rodas vão parar, e as pessoas da roda de fora ou de dentro, conforme instruções do facilitador, vão responder rapidamente a uma pergunta que será feita em voz alta. Explicar que o processo se repetirá várias vezes, com perguntas diferentes, e que ora os participantes da roda de fora vão responder e os da roda de dentro vão ouvir, ora o inverso. Ressaltar que quem estiver ouvindo só pode fazer perguntas de esclarecimento. Não pode opinar sobre a resposta do par.

3. Refazer o grande círculo e solicitar que os participantes comentem as respostas que ouviram e deram às perguntas.

Sugestão de perguntas

- *O que é um direito?*
- *Por que os seres humanos estabelecem direitos?*
- *Quem define os direitos?*
- *Quem tem direito a ter direito?*
- *O que faz um direito valer de fato como direito, isto é, ser respeitado?*
- *Quem é responsável por garantir os direitos das pessoas?*
- *É possível viver em grupo sem estabelecer os direitos de cada um?*
- *Quais são os direitos dos adolescentes?*
- *Quais são os direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes?*
- *Os direitos dos adolescentes estão sendo respeitados?*
- *Uma pessoa sozinha pode garantir o respeito pelos direitos?*
- *Todo mundo que tem direitos tem também responsabilidades?*
- *Quais são os deveres e responsabilidades dos adolescentes?*
- *Quem tem o dever de garantir que os direitos dos adolescentes sejam respeitados?*

4. Finalizar esta etapa do trabalho, explicando ao grupo que a definição dos direitos e sua distribuição entre as pessoas e grupos são construções humanas, históricas, instituídas no próprio processo de convivência e organização social. Por isso, variam, não só no tempo, mas também no espaço, entre as culturas. Apresentar exemplos de conhecimento comum para que os participantes entendam a idéia do processo sociocultural de construção dos direitos: a escravidão, até o século XIX, não era considerada crime porque se acreditava que os negros não eram iguais aos brancos; portanto, era "natural" que não tivessem os mesmos direitos que estes últimos. Em muitos países do mundo, ainda hoje se considera que as mulheres não podem ter os mesmos direitos que os homens. Convidar, então, o grupo a conhecer um pouco da história dos Direitos Humanos na cultura ocidental.

Informação

A construção histórica dos Direitos Humanos

1. Fazer uma exposição sobre a evolução histórica dos Direitos Humanos, desde a instituição dos direitos civis no século XVIII, passando pelos direitos políticos, no século XIX, e chegando aos direitos políticos, nos século XX. Fazer referência à Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Assembléia Geral da ONU em 1948, como o primeiro grande Projeto de Humanidade que expressa valores e crenças elementares, em torno dos quais povos do mundo inteiro estabeleceram consenso. Relacionar a cidadania como acesso pleno ao conjunto de direitos fundamentais por parte da pessoa de uma dada sociedade e como liberdade, autonomia e responsabilidade de exercer esses direitos em busca do bem comum.
2. Apresentar, em transparências ou cartazes, os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ou a síntese desses artigos), identificando aqueles que se referem aos direitos conhecidos como *civis* (direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei), políticos (direitos relacionados à participação do cidadão no governo da sociedade) e *sociais* (direitos de participação na riqueza coletiva).
3. Apresentar e explicar os Artigos 1º, 3º e 227 da Constituição Federal de 1988, ressaltando que a Constituição corresponde ao projeto ético e político do país e que nesse projeto está claramente presente o espírito da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Explicar que o artigo 227 deu origem ao uma Lei, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, que todos os cidadãos, em especial os jovens do APPeas, precisam conhecer e compreender.

Aplicação

Que direitos estão sendo desrespeitados?

1. Apresentar, em cartazes ou transparências, charges ou tirinhas que denunciem criticamente situações de desrespeito aos Direitos Humanos.
2. Estimular o grupo a interpretar as charges apresentadas, compartilhando no coletivo sentimentos e percepções.
3. Levar o grupo a estabelecer relações entre os objetivos do APPeas e a promoção dos Direitos Humanos.

Metacognição

E nossas responsabilidades?

1. Solicitar que os participantes registrem no Caderno uma resposta pessoal para as seguintes perguntas:
   - *De que forma o APPeas está contribuindo e pode contribuir para que os direitos dos adolescentes sejam respeitados?*
   - *O que eu posso fazer como integrante do APPeas?*
2. Estimular os participantes a compartilhar no grupo os registros feitos.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 23

Direitos da criança e do adolescente

Objetivos

- Desenvolver a competência para expressar-se e trabalhar, criativa e cooperativamente, em equipe.
- Propiciar o auto-reconhecimento do jovem como sujeito de direitos e responsabilidades.
- Divulgar o conteúdo e o sentido do Estatuto da Criança e do Adolescente entre os jovens.
- Desenvolver a percepção crítica do entorno social.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Canções populares de denúncia da situação social de crianças e jovens brasileiros (letra e música).
- Letras das canções reproduzidas para os participantes.

- Objetos e adereços diversos para encenação improvisada.
- Folhas de papel pardo para registros.
- Tarjas de papel branco com 80cm de comprimento e 20cm de largura (1 para cada participante).
- Cartazes com tarefas a serem desenvolvidas pelas equipes.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Dança das cadeiras cooperativas.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema e vivência

Flash

1. Propor uma atividade de encenação improvisada de canções populares brasileiras, explicando que o grupo vai se dividir em três equipes. Selecionar previamente quatro canções que denunciem problemas sociais vividos por crianças e adolescentes (podem ser raps).
2. Formar as equipes e solicitar que cada uma escolhe um nome. Explicar os passos da atividade:
   - Todos vão se assentar de costas para o local que será usado como palco das encenações.
   - Uma das equipes, ao ser chamada pelo nome, deverá levantar-se imediatamente e ir para o palco.
   - Logo após a chamada, será colocada uma canção e a equipe deverá encenar, de improviso, a situação apresentada pela letra.
   - Quando o facilitador disser flash, os que estão no palco vão parar na posição em que estiverem, congelando a imagem.
   - No mesmo momento, a platéia, que até então estava de costas, vai se virar para ver a cena.

Observações — (1) *Enquanto os adolescentes estiverem de costas, espalhar pelo palco um conjunto diversificado de objetos sem conexão uns com os outros, mas todos familiares ao*

grupo: chapéus, máscaras e adereços de todo tipo, ferramentas e utensílios diversos, peças de vestuário, jornais velhos, papel pardo, marcadores de papel, pincéis, tinta à base de água, etc. ***(2)*** *É interessante que o facilitador fique atrás do grupo, de frente para o palco e que tire todos das cenas congeladas.*

Informação e reflexão dialógica

Conhecendo o ECA

1. Propor que as equipes que encenaram cada uma das canções analisem a letra à luz de alguns dos artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Antes de dividir o grupo, fazer referência à origem e significado do Estatuto.
2. Dividir o grupo em quatro subgrupos, distribuir uma seleção de artigos do ECA que se relacionem às situações representadas nas letras das canções e solicitar que cada equipe

- leia e comente a letra;
- leia e comente os artigos do ECA, localizando no texto os direitos que estão sendo desrespeitados na situação representada na canção;
- escolha uma das quatro formas sugeridas a seguir para apresentar no plenário as conclusões do grupo.

1 - Imaginem que vocês estão criando uma associação de jovens em seu bairro para defender esses direitos. Definam quais seriam os objetivos dessa associação e que ações vocês realizariam para alcançar esses objetivos.

2 - Produzam cartazes e faixas que expresse o que o grupo pensa sobre a concretização dos direitos que estão sendo desrespeitados e organizem uma passeata com o material produzido.

3 - Criem uma paródia da canção popular analisada ou de outra que vocês conheçam falando dos deveres e das responsabilidades da família e da escola em relação aos direitos que estão sendo desrespeitados na situação representada na canção.

4 - Criem uma dramatização curta que mostre uma situação de desrespeito à integridade física, psicológica e moral do adolescente, que costume acontecer em sua comunidade.

3. Organizar as apresentações dos grupos em plenário, sugerindo que o grupo que está apresentando introduza o tema e que o grupo de espectadores comente o que sentiu e compreendeu.

Observação *— Sugerimos a seleção dos seguintes artigos do ECA: 5º, 7º, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 53, 60, 69 (Livro I – Parte Geral) e 106 (livro II – Parte Especial).*

Aplicação

Quem cuida dos direitos dos adolescentes?

1. Perguntar quem conhece instituições governamentais e não-governamentais que trabalham na comunidade pela promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Verificar se os participantes compreendem o que são os Conselhos Municipais, seu papel e importância na consolidação da democrática participativa. Se necessário, apresentar esclarecimentos gerais sobre os conselhos municipais abaixo especificados:

- Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
- Conselho Municipal de Saúde
- Conselho Municipal de Educação
- Conselho Municipal de Assistência Social
- Conselho Tutelar

2. Dividir os participantes em quatro subgrupos e propor que cada subgrupo elabore uma carta, convidando um representante de uma dessas instituições para vir ao grupo falar de seu trabalho na comunidade. Explicar que a carta deve ser passada em uma folha de *flipchart*, com letra legível à distância, para ser apresentada em plenário.
3. Organizar a apresentação das cartas e a negociação de um só texto básico, mantendo as diferenças nos trechos em que for necessário. A proposta é enviar de fato as cartas para as autoridades e promover uma mesa redonda em data a ser negociada com os representantes dos conselhos e com o Grupo APPeas.

Metacognição

Estatuto dos deveres

1. Estimular o grupo a refletir sobre a seguinte questão:

- *O ECA estabelece os deveres da família, da sociedade e do Estado para com as crianças e os adolescentes. E os adolescentes e jovens? Eles também têm deveres?*

2. Solicitar que, em trios, os participantes elaborem e registrem, com letra grande e legível, um artigo para um Estatuto dos Deveres dos Adolescentes. Fornecer a cada participante uma tarja de papel e fita crepe.

3. Refazer o círculo e solicitar que cada um cole a tarja em um painel e leia o artigo para o grupo. Combinar que os artigos não serão contestados pelos demais no momento da apresentação, mas que devem ser compreendidos; por isso, os participantes poderão fazer perguntas de esclarecimento ao autor.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 24

Conviver, viver com

Objetivos

- Propiciar o desdobramento do conceito de violência.
- Desvelar as "violências invisíveis" do cotidiano.
- Promover a auto-análise em relação a comportamentos geradores de violência.
- Contribuir para a busca de compreensão e de soluções pacíficas para os conflitos.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Cartaz ou transparência com o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Folha impressa com teste ***Você é tolerante?*** (1 para cada participante).
- Poema "Estatuto do Homem", de Thiago de Melo, reproduzido por partes em fichas.
- Folhas de papel pardo para registros.
- Folhas de *flip* para o Banco de Perguntas.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Compartilhar o alimento.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Aquecimento para o tema e vivência

Você é tolerante?

1. Expor, em um cartaz ou transparência, o artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos e solicitar que os participantes comentem o que entendem pelas expressões *livres, iguais em dignidade e direito.* Mostrar que a segunda parte desse artigo faz um apelo ao espírito de fraternidade, considerado-o como capacidade decorrente da razão e da consciência humana. Ao comentar o que se entende por *igualdade*, mostrar que se trata do princípio de eqüidade, que começa pelo reconhecimento das diferenças entre as pessoas e, conseqüentemente, da necessidade de tratar diferentemente as pessoas, de acordo com suas necessidades, para que elas estejam em patamares eqüitativos com os demais.
2. Perguntar diretamente a sucessivas pessoas do grupo se elas se consideram preconceituosas. *Você costuma discriminar os negros? As mulheres? Os idosos? Os portadores de deficiências?* Se a resposta for negativa, perguntar se a pessoa conhece alguém que seja preconceituoso ou intolerante com os diferentes ou se já se sentiu discriminada. Mostrar que o mais difícil é reconhecer a discriminação em nós mesmos e relacionar as "pequenas violações" dos Direitos Humanos com as grandes violências que existem na sociedade.
3. Propor que os participantes respondam honestamente a um pequeno teste para avaliar o nível de tolerância de cada um, ou seja, a inclinação para resolver os conflitos sem apelar para a violência.
4. Apresentar os critérios de pontuação e abrir espaço para que os participantes façam os comentários que quiserem.

Informação e reflexão dialógica

Identificando as muitas violências

1. Apresentar, em um cartaz ou transparência, os vários sentidos da palavra *violência.*

Informação e reflexão dialógica

Identificando as muitas violências

Mostrar que tendemos a reconhecer como atos de violência apenas aqueles ligados à criminalidade, à violência fatal em que há perda da vida ou às situações em que é empregada a força física. Levar o grupo a perceber que existem violências psíquicas, difusas, que nos deixam infelizes, situações em que somos tratados como coisas, como seres insensíveis, inertes, sem vontade, razão, sentimento e liberdade. Ressaltar que há violências que permanecem invisíveis, que parecem naturais, fruto do destino ou da fatalidade.

2. Dar um ou dois exemplos de violências "invisíveis" e fazer um *brainstorming* com os participantes para que listem outros tipos de violência que não enxergamos (Exemplos: exclusão econômica, autoritarismo, racismo, sexismo, intolerância religiosa, intolerância sexual, violência do marido contra a mulher, etc.)
3. Solicitar que o grupo eleja, dentre as várias manifestações de violência citados, aquela que considera mais presente em seu cotidiano.
4. Realizar um debate regulado (discussão dialógica) para compreender melhor as causas e as possíveis soluções para o problema identificado pelo grupo.

Aplicação

Cultura de valorização da vida

Propor que o grupo elabore um projeto de trabalho e um plano de ação para contribuir para a valorização da vida e o desenvolvimento de uma cultura da paz (na escola ou na comunidade de vizinhança).

Metacognição

Estatuto do homem

1. Retomar com o grupo os temas discutidos nas oficinas anteriores e comentar que um poeta brasileiro, Thiago de Melo, escreveu, na época da ditadura, um canto à liberdade, à dignidade e ao amor, que ele chamou de Estatuto do Homem.
2. Propor que o grupo conheça o texto, fazendo uma leitura coletiva dos artigos, de acordo com os seguintes procedimentos:

- formar um grande círculo e distribuir para cada um uma tira de papel com um trecho do poema numerado;

- dar alguns minutos para que os participantes façam a leitura silenciosa de seu texto;
- combinar que cada participante vai dar um passo para dentro da roda e ler em voz alta um trecho do poema, seguindo a ordem crescente da numeração indicada no papel.

Avaliação

Técnica de avaliação a ser desenvolvida pela equipe responsável

Abrir espaço para que a equipe de avaliação desenvolva a técnica previamente preparada para a oficina.

Oficina 25

Compreendendo processos, avaliando resultados

Objetivos

- Promover o reconhecimento e integração das experiências e aprendizagens construídas ao longo do processo.
- Reforçar a auto-estima, a autoconfiança dos participantes.
- Avaliar a autonomia do grupo no planejamento e aplicação de oficinas educativas baseadas na metodologia proposta pelo Programa.

Material necessário

Tempo previsto: entre 3 e 4 horas.

- Som e CDs.
- Fita crepe.
- Pistas do caminho percorrido no processo de formação e atuação.
- Folha impressa com perguntas de avaliação (1 para cada participante).
- Folhas A4 com o nome das etapas de uma oficina e com tarefas a serem executadas pelas equipes.

- Folhas de papel pardo para registros.
- Pincéis para papel (marcadores tipo Pilot).

Integração

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Sugestão: *Técnica da bala.*

Síntese

- Atividade a ser desenvolvida pela equipe responsável.

Vivência

Rever os próprios passos

1. Montar previamente um circuito que lembre um túnel ou trilha, dispondo, no chão, nas paredes ou em painéis, fotos, objetos, mensagens, desenhos que estimulem os participantes a lembrar-se dos momentos e atividades mais significativos vividos pelo grupo.
2. Conduzir cada participante a percorrer o circuito e, no final, solicitar que ele registre sua resposta pessoal para as seguintes perguntas:
   - *Registre três mudanças que este grupo ajudou você a fazer em você mesmo.*
   - *O que você aprendeu neste grupo e gostaria de lembrar para sempre?*
   - *Que contribuição você acredita ter dado para este grupo?*
   - *E para a comunidade?*

Observação — O material de "reconstituição do caminho percorrido" pode ser feito com a participação prévia dos próprios adolescentes, que se utilizarão para isso de seus registros pessoais. É importante, porém, não revelar o que será feito com o material, para não quebrar o impacto da atividade.

Reflexão dialógica e metacognição

Aprendizagem vivencial, reflexiva, dialógica, metacognitiva, proativa

1. Propor que os participantes explicitem o que aprenderam sobre o que é uma oficina e como fazer oficinas, seja participando do grupo de formação e atuação, seja nas oficinas que fizeram com outros adolescentes.
2. Escrever previamente em folhas de papel A4, uma em cada folha, as palavras e expressões *integração, síntese, reflexão, diálogo, pensar sobre a aprendizagem, aplicar na ação.* Explicar que cada uma delas representa procedimentos ou etapas que com-

põem uma oficina e que correspondem a um jeito de aprender e ensinar que procura valorizar a cooperação, a participação e integração entre o sentir, o pensar e o agir. Estimular o grupo a explicar, com exemplo, o que entende de cada palavra e a que tipo de atividade ela corresponde em uma oficina.

3. Propor que o grupo se divida em equipes, uma para cada palavra ou expressão, e que cada equipe realize as seguintes tarefas para apresentação no plenário:
   - Que tipo de atividade se faz na etapa?
   - Com que objetivo?
   - Crie ou reproduza uma atividade apropriada para a etapa e que poderia compor uma oficina sobre o tema *Valorização da vida*. Considere que essa atividade fará parte da oficina final deste programa de formação e atuação.
4. Apoiar as equipes durante a elaboração das atividades e solicitar que cada uma escolha um representante para negociar o ajuste entre a atividade planejada por sua equipe e a planejada para a etapa seguinte por outra equipe.
5. Junto com o grupo de representantes, fazer os ajustes finais para a execução das atividades planejadas.

Aplicação

Nossas aprendizagens

Apoiar as equipes no desenvolvimento das atividades planejadas para cada etapa da oficina.

Avaliação

Roda de positivação

1. Preparar previamente, com a ajuda dos próprios adolescentes, textos que descrevam positivamente a contribuição de cada membro do grupo, ressaltando suas características pessoais, uma ação, um aspecto ou situação em que ele fez diferença.
2. Fazer uma grande roda e, depois de falar da importância de cada um dentro do grupo, explicar que, nesse momento, será lida para cada pessoa uma mensagem que foi elaborada por alguns de seus colegas.
3. Chamar cada pessoa do grupo pelo nome, solicitar que dê alguns passos para dentro da roda e, colocando-se em frente à pessoa, falar, em voz alta, o texto de “positivação” especialmente elaborado para ela.

4. Fazer a leitura de um texto final de sensibilização e terminar com abraços de despedida e celebração.

IV - Anexos

1 - Atividades de Integração

Acróstico com o nome e qualidades

Consigna: importância de cada um reconhecer e mostrar as próprias qualidades.

Distribuir uma folha de papel A4 e propor que cada participante escreva o nome na vertical, com letras grandes e, usando as letras do nome, identifique e registre pelo menos três qualidades que reconhece em si mesmo. Formar um círculo e convidar cada participante a apresentar seu acróstico no grupo.

Caminhar a dois

Consigna: na vida, estamos sempre caminhando juntos. Caminhar com o outro, exige considerar o ritmo do outro, buscar criar um ritmo em conjunto com ele. Caminhar a dois, de mãos dadas, com sincronicidade ao ritmo de uma música; trocar de par a um sinal do facilitador.

Caminhar com a bolha

Consigna: caminhar com leveza e cuidado pelo mundo. Mantendo a leveza, andar em câmera lenta, como se estivesse carregando uma bolha de sabão. Imaginar que a bolha está aumentando e que você está entrando dentro dela, flutuando no espaço. De novo, a bolha vai diminuindo, diminuindo. Tomá-la nas mãos. Identificar a bolha com a vida, que é ao mesmo tempo frágil e resistente. Identificar a bolha com a própria vida, que precisa ser cuidada amorosamente. Compartilhar a vida com o outro, oferecendo o melhor de si. Abraçar o par e, depois trocar abraços com todos.

Caminhar com sucessivos encontros a dois

Consigna: encontrar as pessoas, conhecê-las e dar-se a conhecer. Os participantes caminham pela sala ao som de uma música. Quando a música pára, cada um pára em frente a outra pessoa

e o par faz o que o facilitador sugere. Sugestões: dizer o nome, falar uma qualidade que reconhece em si; um lugar que gostaria de conhecer, algo que quer mudar em sua vida; uma coisa que adora fazer; uma pessoa que admira; falar o nome bem baixinho no ouvido do outro; fazer uma careta; dar um abraço, etc.

Caminhada de inclusão

Consigna: todo o grupo se posiciona de um lado da sala. Uma pessoa é convidada a caminhar pela sala ao ritmo de uma música, a voltar e tomar dois colegas pela cintura. Os três juntos repetem o mesmo movimento e convidam mais dois colegas. O mesmo movimento se repete até que todos tenham formado uma grande corrente, que se movimenta de forma sincronizada.

Criação em dupla

Consigna: entrar em sintonia com o outro, criar em conjunto. Os participantes formam duplas de trabalho. Cada dupla recebe uma folha de papel em branco e um lápis. Do início até o fim da atividade, as pessoas não podem conversar nem pedir explicações ao facilitador, que vai dando, passo a passo, as seguintes instruções: as duas pessoas de cada dupla vão, ao mesmo tempo, pegar no lápis e desenhar uma fruta de um lado da folha de papel; em seguida, vão virar a folha e fazer, no verso, o desenho de um animal; finalmente, ambas vão assinar a obra que produziram. Terminada a atividade, a palavra é liberada para que as pessoas falem sobre o que experimentaram: *Foi difícil? Foi fácil? Por quê? Uma pessoa comandou, e a outra desistiu de se expressar? A dupla encontrou alguma forma de se comunicar sem conversar?As pessoas ficaram lutando para levar o lápis em direções diferentes? Que analogias você estabelece entre a situação vivida aqui e o que acontece com as pessoas no dia-a-dia? Em que situações ou espaços você domina ou se deixa dominar, expressa-se ou silencia, impõe sua vontade ou cede para evitar conflitos? Como foi a experiência de assinar a obra? Você se reconhece nos desenhos, assume "a obra" como sua? É importante estimular os participantes a relacionar a maneira como atuaram à sua forma de ser e de agir no dia-a-dia.*

Cumprimentos originais

Consigna: colocar uma música alegre e pedir que os participantes, andando pela sala ao ritmo, cumprimentem-se de várias formas, segundo o comando do facilitador: mão com mão, pé com pé, quadril com quadril, costas com costas, bumbum com bumbum, olho com olho, etc.

Dança das cadeiras cooperativas

Consigna: importância de cooperar, ser criativo e compartilhar os recursos disponíveis. Colocar, em círculo, um número de cadeiras menor que o de participantes. As cadeiras devem ficar com as costas para dentro do círculo. O objetivo é terminar o jogo com todos os participantes sentados nas cadeiras disponíveis. Ao som de música, os participantes dançam e, quando a música pára, todos devem sentar usando os recursos que estão no jogo: cadeiras e pessoas. É permitido sentar nas cadeiras, no colo, ou de outra maneira criada pelos participantes. Em seguida, todos se levantam e são tiradas algumas cadeiras. Ninguém sai do jogo e a dança recomeça. O jogo prossegue com um número cada vez menor de cadeiras, de forma que os participantes tenham que usar de cooperação e criatividade para alcançar o objetivo: conseguir que todos se sentem, que ninguém seja excluído ou saia perdedor.

Dançar de forma diferente, sem medo do ridículo

Consigna: dançar de forma diferente, cômica, sem medo de parecer ridículo aos olhos dos outros. Usar música de jazz com variações.

Dançar expressivamente no centro da roda

Consigna: aprender a dançar a própria dança, a viver a própria vida. A cada momento um participante vai ao centro da roda e dança do seu jeito, mostrando-se ao grupo.

Dançar tocando partes do corpo

Consigna: os participantes dançam ao ritmo de uma música alegre, ora individualmente, ora aos pares, ocupando o espaço disponível, conforme instruções do facilitador. Alternar as ordens para dançar individualmente e aos pares. Quando aos pares, indicar como as pessoas deverão se tocar: mão direita na cabeça do outro, ombro com ombro, costas com costas, etc. Terminar a atividade com troca de abraços.

Encontros de solidariedade

Consigna: encontrar o outro como um igual, demonstrar nossa solidariedade. Participantes caminham pela sala ao som de uma música suave e, ao cruzar com um companheiro ou companhei-

ra, colocam a mão direita em seu ombro direito, acolhem-no(na) com o olhar e, depois, continuam a caminhar e a encontrar outras pessoas.

Extensão harmônica individual

Consigna: experimentar todas as possibilidades do corpo e da vida, aprender a flexibilidade. Ao som de música, os participantes experimentam distender o corpo e flexioná-lo em todas as direções, de forma prazerosa e harmoniosa.

Fluidez

Consigna: flexibilidade, capacidade de adaptação. Em pé, braços soltos, joelhos destravados, pés paralelos, ligeiramente afastados um do outro, movimentar, vagarosamente, com leveza e continuidade, os braços paralelamente e alternadamente, sem dobrar o tronco.

Fluidez individual com deslocamento

Consigna: flexibilidade, capacidade de adaptação. De olhos fechados, mover-se pela sala vagarosamente e com leveza. Fazer analogia com o movimento de astronautas movendo-se na lua.

Grito do nome

Consigna: possibilidade de caminhar pela vida, de confiar em si mesmo; ímpeto, firmeza e valorização pessoal. Em uma etapa preparatória, todos caminham ao som de uma música, em várias direções, com os braços soltos, a cabeça erguida, o olhar na altura do horizonte, ocupando todo o espaço disponível. (Sugestão de música: “Hello good bye”, dos Beatles). Em uma segunda etapa, os participantes formam filas paralelas, dispostas em lados opostos do espaço disponível, uma pessoa de frente para outra. A um sinal do facilitador, cada pessoa vai correr com ímpeto na direção do companheiro ou companheira que está à sua frente, passar por ele ou ela, gritando o nome do outro. Esse mesmo movimento é feito por três vezes consecutivas, mas, na terceira vez, em lugar de passar pelo par, uma pessoa abraça a outra e continua gritando o nome do outro. Em uma terceira etapa, todos descansam numa grande roda de embalo junto com os companheiros, tomados pela cintura. Ao propor a formação da roda, o facilitador deve marcar a idéia de que cada um é diante do outro e junto com o outro, que não existimos sozinhos e só sabemos quem somos no encontro com o outro.

Harmonização da força em par

Consigna: experimentar harmonizar a força e o movimento com o outro, aprender a flexibilidade. Ao som de música, os participantes, em duplas, palmas das mãos com palmas das mãos, dançam harmonizando a força e os movimentos em par, experimentando distender o corpo e flexioná-lo em todas as direções, de forma prazerosa e harmoniosa.

Mímica do picadeiro

Consigna: aprender a criar, a inovar, a fazer muitos papéis na vida. Cada um vai ao centro da roda e, ao som de uma música, sem dizer nada, faz a mímica de uma personagem de circo: equilibrista, palhaço, malabarista, animais amestrados, etc.

Ocupar o lugar com o outro na roda

Consigna: importância de trocar de lugar com o outro, de ver o mundo da perspectiva dele. É feita uma grande roda, e os participantes são convidados a escolher uma pessoa pelo olhar. As duas pessoas vão caminhar uma em direção à outra, lentamente, se olhando e vão passar uma pela outra e, sem se dar as costas, andando para trás, uma vai ocupar o lugar da outra na roda.

Pêndulo

Consigna: aprender a cuidar e a ser cuidado. Formar grupos de três, de pé. Duas pessoas ficam de frente uma para outra e a terceira ao centro, entre as duas primeiras, com o rosto voltado para uma delas, os olhos fechados e os braços soltos. A pessoa que está ao centro vai se entregar, deixando o corpo cair para frente e para trás, com um movimento semelhante ao de um pêndulo, sem dobrar os joelhos e a cintura. As pessoas que estão à frente e atrás dela devem ampará-la e dar-lhe um impulso suave, movimentando, assim, o pêndulo. Lembrar ao grupo que quem cuida deve estar atento e transmitir segurança ao outro, e quem está sendo cuidado deve se entregar. Dar oportunidade para que as três pessoas de cada grupo passem pela situação de ser cuidado. Depois da experiência, estimular o grupo a compartilhar percepções e sentimentos.

Roda alegre

Consigna: a roda como lugar de encontro e criação coletiva. A roda se desloca ao som da mú-

sica alegre, muda de forma, fazendo com que os participantes se aproximem ou se afastem, mas não se desfaz.

Roda de nomes

Consigna: a importância de se mostrar na sua singularidade; escolher um jeito e um tom para falar o próprio nome na roda, acompanhado de gestos e movimentos corporais.

Roda de embalo

Consigna: apoiar-se uns nos outros. Tomados pela cintura, os participantes formam uma roda, fecham os olhos e se deixam embalar por uma música suave.

Roda entrelaçada

Consigna: buscar o contato com sincronicidade. Fazer uma roda e, em seguida, formar pares, uma pessoa de frente para outra, dando-se as mãos em diagonal, mão direita com mão direita, mantendo o alinhamento da roda. Fazer a roda girar ao ritmo de uma música alegre, de forma que as pessoas passem umas pelas outras, cumprimentando-se: mão direita de uma com mão direita de outra, mão esquerda de uma com mão esquerda de outra, passando ora por dentro, ora por fora da roda.O movimento termina quando cada participante reencontrar a pessoa a quem deu a mão inicialmente.

Roda em caracol com abraço coletivo

Consigna: formar um grupo que seja um lugar nutritivo, de crescimento e aprendizagem. Os participantes colocam-se em roda, um voluntário solta a mão do companheiro que está de um dos lados, gira sobre si mesmo, de forma a que todo o grupo se movimente em espiral. O movimento termina como um abraço coletivo.

Salve-se com um abraço

Consigna: contato, ajuda mútua. Entregar a um voluntário, que será o pegador, um balão de borracha cheio. Explicar que, para pegar um companheiro ou companheira, o pegador terá de tocar o peito dele ou dela com o balão. Para evitar ser apanhado pelo pegador, cada um terá de proteger

o próprio corpo, abraçando rapidamente outra pessoa do grupo. Torna-se o novo pegador quem for tocado pelo balão.

Segmentar de pescoço

Consigna: em pé, braços soltos, joelhos destravados, pés paralelos, ligeiramente afastados um do outro, fazer a rotação de pescoço, lenta e suavemente. Relaxar, permitir a integração entre o pensar e o sentir.

Segmentar de ombros individual

Consigna: relaxar, deixar cair o peso e a tensão que carregamos no corpo.

Fazer a rotação de ombros, da frente para trás, soltando os braços, o pescoço e o maxilar, os ombros e abrindo o peito.

Técnica da bala

Consigna: compartilhar, fazer junto, aprender a pedir ajuda e a ajudar. As pessoas ficam em círculo, com o braço direito estendido e a mão aberta, com a palma para cima. O braço esquerdo deve ser colocado atrás do corpo. Não é permitido fletir o braço direito nem tirar o braço esquerdo das costas. O facilitador pede que todos fechem os olhos, coloca uma bala na palma da mão de cada um e dá ao grupo, então, a seguinte instrução: abram os olhos, desembrulhem a bala e a coloquem na boca, mantendo os braços na mesma posição. Os participantes levam algum tempo para descobrir que uma pessoa pode desembrulhar a bala que está na mão da outra e que ambas poderão ter acesso a uma das balas, se atuarem solidariamente.

Tique, tique-taque, pom-pom

Consigna: aprender a estar presente no que se faz, a estar atento, a coordenar ações com os outros. Em roda, cada participante na sua vez, repete a seqüência de palavras de forma cadenciada, acompanhando o som tique com um estalar dos dedos médio e polegar das duas mãos, o som tique-taque com outro estalar de dedos (coincidindo com a sílaba tônica “ta”) e o som pom-pom com outro estalar de dedos (coincidindo com o segundo “pom”, que é tônico). Na primeira rodada, todos os participantes da roda fazem esse movimento de forma cadenciada. Na segunda rodada, em vez de esperar o companheiro terminar toda a seqüência, a pessoa que está à direita

começa o movimento no segundo compasso, na sílaba “ta”* e quem estava fazendo o movimento coordena o som com o movimento de dedos.

Um, dois, três

Consigna: aprender a estar presente no que se faz, a estar atento, a coordenar ações com os outros. Formam-se pares, uma pessoa em frente à outra, de olhos fechados. A atividade consiste em cada pessoa do par dizer um dos números da seqüência, sempre na ordem 1, 2, 3. Em uma segunda etapa, a pessoa terá de coordenar a ação de dizer o número um com o movimento de bater uma palma; em uma terceira, quem diz dois tem de bater as duas mãos na coxa; e, na quarta e última etapa, quem diz três faz um movimento de erguer e baixar os ombros.

2 - Letras de Músicas

Comida

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer viver como a vida quer.

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer,
A gente quer comer e fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

Arnaldo Antunes, Marcelo Frommer
e Sérgio Brito

Paradeiro

Haverá paradeiro
Para nosso desejo
Dentro ou fora de um vício?

Uns preferem dinheiro
Outros querem um passeio
Perto do precipício

Haverá paraíso
Sem perder o juízo e sem morrer?

Haverá pára-raio
Para o nosso desmaio
No momento preciso?
Uns vão de pára-quedas
Outros juntam moedas
Antes do prejuízo

Num momento propício
Haverá paradeiro para isso?

Haverá paradeiro
Para o nosso desejo dentro ou fora de nós?

Arnaldo Antunes, Marisa Monte, Carlinhos Brown

3 - Textos de Apoio

O que é voluntariado?

Nos últimos anos, vem-se construindo no Brasil a concepção do voluntariado como forma de participação social aberta a todos os cidadãos. As antigas concepções do voluntariado como ação caritativa, assistencialismo ou militância política estão sendo substituídas pela concepção do voluntariado como forma de ação cívica, cujo objetivo é mobilizar pessoas, empresas e instituições da sociedade civil para resolver seus próprios problemas, tanto pela articulação de iniciativas e recursos quanto pela reivindicação de políticas públicas satisfatórias. Tal concepção parte do pressuposto de que a participação direta dos cidadão na organização da sociedade pode contribuir para a consolidação da cidadania participativa, capaz de fazer face aos problemas da marginalização e das desigualdades sociais.

Segundo essa nova concepção, o voluntariado tem como objetivo assegurar os direitos humanos e sociais por meio da ação da sociedade civil, representada pelos cidadãos, organizações sem fins lucrativos, fundações e empresas. Concebido como empreendimento social, o voluntariado busca, além de competência humana e espírito de solidariedade, eficiência dos serviços, qualificação técnica dos voluntários e das instituições. Deixa de ser visto como forma de preenchimento do tempo daqueles que não têm ocupação profissional e passa a definir-se como possibilidade de exercício da cidadania aberta a todos os cidadãos, independentemente da condição social ou ocupação profissional.

O Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária definiu "o voluntário como o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário". Aída Blasco, consultora da Unesco para o Programa Voluntários, assinala que, "além de bem informado e consciente da complexidade dos problemas sociais, o voluntário trabalha considerando o horizonte da emancipação, ou seja, estimulando o crescimento da pessoa e da comunidade para resolver seus próprios problemas". Um programa de voluntários "é uma iniciativa solidária de um grupo de indivíduos para ajudar outros grupos a melhorar a qualidade de vida de seus integrantes. A visão dos desequilíbrios sociais como problema ético e a atitude solidária de enfrentá-los são parte dos valores, interesses e expectativas comuns aos envolvidos em projetos sociais". Contribuem para os resultados propostos "a capacidade de compreender o outro ser humano considerando seu próprio marco de referência individual, a capacidade de reconhecer e respeitar os valores sociais dos demais e a crença de que todas as pessoas podem se tornar agentes de seu próprio desenvolvimento".'

A necessidade de reconhecer em lei e identificar administrativamente as organizações públicas não-estatais que, voltadas Sociedades com para o interesse público, não visam ao lucro nem agem exclusivamente segundo critérios de mercado, tem dado origem a organização novas definições jurídicas, uma das quais é a Lei no 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, que regulamenta o serviço voluntário.

SOUSA, Vilma. Juventude, solidariedade e voluntariado. Salvador: Fundação Odebrecht; Brasília: Ministério do Trabalho e emprego e Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. p.29-30.

Autonomia, Protagonismo e Educação para a Cidadania

As sociedades enfrentam, hoje, o desafio de oferecer às gerações jovens princípios éticos de convivência e ideais humanos que possam ser compartilhados por pessoas com diferentes antecedentes e formações. Uma representação convincente da democracia parece ser o caminho para o desenvolvimento de identidades autônomas, prontas para adaptar-se e responder a rápidas mudanças sociais, culturais e econômicas. Tal representação enfatiza a liberdade e a interdependência, a tolerância e o respeito mútuo, a iniciativa e a competência para o trabalho construtivo e cooperativo.

Se a democracia exige a formação de identidades autônomas, é preciso ter clareza do que significa autonomia e de qual tipo de educação favorece a autonomia e, portanto, a participação cidadã.

Etimologicamente, autonomia significa ter o governo de si próprio. Seu oposto é a heteronomia, que significa ser governado por outrem. Todos nós nascemos em situação de anomia, ou seja, sem referenciais de organização da identidade, a não ser os padrões biológicos da espécie. Como na espécie humana a maioria dos comportamentos são aprendidos na convivência, a criança passa do estado de anomia para o de heteronomia, ou seja, toma como ponto de referência para a estruturação de sua identidade os outros com os quais convive. Gradativamente, ao longo do desenvolvimento, à medida que ganha autodomínio sobre suas funções físicas e psíquicas, o indivíduo vai construindo sua autonomia, processo que coincide com o completo desenvolvimento da identidade.

Entregue a si mesma, sem os cuidados e as referências dos adultos, a criança não se constitui como identidade humana e, portanto, não tem condições de se tornar autônoma. Quando experimenta as primeiras formas de controle das funções motoras básicas de seu corpo (dar e receber objetos, reter a urina e as fezes, caminhar etc), a criança vive os rudimentos da autonomia. Daí em diante, ao longo de todo o desenvolvimento, ela precisará de limites, referências e identificações para construir-se como pessoa – será, portanto, em larga medida, heterônoma e dependente dos adultos. Gradativamente, à medida que amadurece, o indivíduo deverá ir crescendo em autonomia, uma vez que essa parece ser a meta maior do desenvolvimento humano.

Para Piaget, a finalidade última da educação é dotar a pessoa de autonomia moral e intelectual. Controles excessivos e uso de punições e recompensas para obter obediência e

conformidade tendem a reforçar a heteronomia de crianças e adolescentes. Para Piaget, a finalidade última da educação é dotar a pessoa de autonomia moral e intelectual. Controles excessivos e uso de punições e recompensas para obter obediência e conformidade tendem a reforçar a heteronomia de crianças e adolescentes. Em contrapartida, controles baseados na reciprocidade e no respeito mútuo tendem a encorajar crianças e adolescentes a construir por si mesmos seus próprios valores morais. Nesse último caso, os adultos reduzem seu poder em relação aos mais jovens e abstêm-se de dar-lhes castigos e recompensas arbitrários, sem relação com o ato que desejam sancionar. Uma sanção arbitrária seria, por exemplo, proibir uma criança de jogar futebol por ter tirado notas baixas na escola. De forma análoga, recompensa arbitrária seria dar-lhe de presente uma bola por ter tirado boas notas. As sanções baseadas na reciprocidade estão diretamente relacionadas com o ato que se deseja sancionar e com o ponto de vista dos adultos. Exigir que um adolescente pinte uma parede que ele pichou seria exemplo de sanção por reciprocidade, uma vez que é a reparação do ato praticado, e não algo arbitrário, sem relação com a falta. Sanções desse tipo não desqualificam a pessoa, mas o ato que ela praticou. Mostram claramente qual é o ponto de vista do adulto ou dos outros que se viram prejudicados e têm, por isso, o efeito de motivar a criança ou o adolescente a construir regras de conduta a partir da coordenação entre o seu ponto de vista e o ponto de vista dos demais. Além de tornar claro por que é preciso evitar o ato praticado, as sanções devem ter como base uma relação de afeto e de respeito mútuo. Quem se sente respeitado em sua maneira de pensar e agir tende a aprender a respeitar a maneira de pensar e agir dos demais.

Como se pode perceber, autonomia não significa onipotência ou auto-suficiência. Pelo contrário, autonomia é a capacidade de considerar tanto a si quanto aos demais como centros de decisão e iniciativa, é ser capaz de levar em consideração todos os fatos relevantes para agir da melhor maneira para todos. Implica, pois, o reconhecimento do outro, da responsabilidade e da moralidade.

Defendendo a necessidade de uma pedagogia que considere o jovem como fonte de liberdade, iniciativa e compromisso, Antônio Carlos Gomes da Costa vem desenvolvendo o conceito de protagonismo juvenil como base de uma prática pedagógica que busca a participação autêntica e não-manipulada dos jovens nos processos que interessam ao seu próprio desenvolvimento pessoal e social, e que cria espaços para que aprendam a pensar por si mesmos,

tomar decisões, planejar, realizar e avaliar ações, e responsabilizar-se pelos resultados dessas ações.[1]

Nessa perspectiva, a meta do educador e da instituição que incentivam o protagonismo juvenil é alcançar o que se considera o mais alto nível de participação, que corresponde ao maior grau de autonomia em todas as etapas de desenvolvimento de uma ação. Quando os jovens atingem esse grau de autonomia, a iniciativa da ação parte deles próprios, que são capazes também de planejar, executar, avaliar e se apropriar dos resultados dessa ação e até de orientar a participação dos adultos.

Para avaliar os níveis de protagonismo atingidos em cada ação e o crescimento dos jovens e em direção à autonomia, Costa propõe a matriz apresentada abaixo.

Autonomia e heteronomia, dependência e protagonismo são estados relativos e complementares: quanto mais heterononia e dependência, menos autonomia e protagonismo. Tal como a democracia, o protagonismo exige opções éticas e aprendizagem cotidiana. A passagem do estado de dependência para graus cada vez mais altos de autonomia requer o desejo consciente de mudança numa certa direção e o movimento constante de ação-reflexão-ação, que envolve tanto os jovens quanto seus parceiros adultos.

1 Antônio Carlos Gomes da Costa, Protagonismo juvenil, p. 178-179.

Etapas de uma ação protagonista

Relação Educador-educando
A relação entre Educadores e Jovens

ETAPAS	DEPENDÊNCIA	COLABORAÇÃO[2]	AUTONOMIA[3]
1. A iniciativa da ação	Iniciativa unilateral dos educadores.	Os educadores e os jovens discutem se devem ou não assumir uma iniciativa.	A iniciativa da ação parte dos próprios jovens.
2. O planejamento da ação	Os educadores planejam sem a participação dos jovens.	Os educadores e os jovens planejam juntos a ação.	Os jovens planejam o que vai ser feito.
3. A execução da ação	Os educadores executam e os jovens recebem a ação.	Os educadores e os jovens executam juntos a ação planejada.	Os jovens executam o que foi planejado.
4. A avaliação da ação	Os educadores avaliam os jovens.	Os educadores e os jovens discutem o que e como avaliar a ação realizada.	Os próprios jovens avaliam a ação realizada.
5. A apropriação dos resultados da ação	Os resultados da ação são inteiramente apropriados pelos educadores.	Os educadores e os jovens compartilham os resultados da ação desenvolvida.	Os jovens se apropriam dos resultados.

SOUSA, Vilma. Juventude, solidariedade e voluntariado. Salvador: Fundação Odebrecht; Brasília: Ministério do Trabalho e emprego e Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. p. 25-28.

2 O principal padrão de relacionamento na adolescência e juventude é a colaboração.
3 A autonomia não elimina o papel do educador como facilitador

Capital Social e Desenvolvimento

Durante muito tempo, acreditamos que só existia um tipo de capital, o capital produtivo, relacionado à capacidade de gerar bens, serviços e renda. Hoje reconhecemos que, além da propriedade produtiva, da riqueza, existem outros tipos de capital, que também são decisivos no processo de desenvolvimento:

- **o capital natural** — condições ambientais e físico-territoriais;
- **o capital humano** — conhecimento, o know how e a capacidade de criá-lo e recriá-lo;
- **o capital socia**l — grau de confiança mútua e de disposição para a cooperação e a solidariedade.

Para promover o desenvolvimento, temos de conservar dinamicamente o capital natural e aumentar os demais tipos de capital, ou seja, temos de aumentar a produção e democratizar o acesso à riqueza, ao conhecimento e ao poder. Baixos valores de alguma ou algumas dessas variáveis podem ser compensados pelos altos valores das outras. Por exemplo: a escassez de capital natural pode ser compensada pelos conhecimentos (tecnologia, know how) e pelo capital social (organização social, capacidade de cooperação).

Uma comunidade se desenvolve quando torna dinâmicas suas potencialidades naturais, econômicas, produtivas, humanas e sociais, gerando um círculo virtuoso em que o capital humano gera mais capital social, que gera mais capital produtivo, que gera mais renda, etc.

O desenvolvimento econômico, medido freqüentemente pela elevação do PIB (Produto Interno Bruto) per capta é um objetivo desejável e muito importante para uma nação. Não deve ser buscado, porém, como um fim em si mesmo, mas como um meio para se atingir outros fins, como a elevação dos índices de saúde, educação, bem-estar e respeito à dignidade das pessoas.

O ser humano não pode ser visto como um meio ou um recurso, mas como o fim último do desenvolvimento. O desenvolvimento deve significar melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável). O crescimento econômico é, na maioria dos casos, tão necessário quanto insuficiente para a obtenção deste objetivo. Não se trata, portanto, sempre, de crescer mais, mas de crescer mais quando isso for melhor para os seres humanos que vivem numa determinada localidade.

Por que o capital social é importante? Porque ele á a base da coesão social, da qual depen-

de a capacidade de uma sociedade de estabelecer objetivos de médio e de longo prazo e de perseverar na busca desses objetivos. Há relação entre os níveis de organização associativa de uma sociedade democrática, a boa governança e a prosperidade econômica. Os lugares, regiões e países dotados de mais capital social tendem a ser mais ricos e a ter administrações governos mais legítimos, transparentes e eficientes.

Algumas informações sobre drogas

1. Todas as substâncias químicas ("drogas" no sentido amplo) alteram o funcionamento do organismo. Os medicamentos são, portanto, drogas. Quando indicados e bem usados, podem ser úteis para o organismo pelas alterações bioquímicas que provocam. Este é o sentido científico ou positivo de "droga".
2. O sentido que prevalece popularmente na palavra "droga" (ou tóxico) refere-se a substâncias naturais ou sintéticas especiais chamadas de psicoativas ou psicotrópicas, que produzem no organismo alterações psíquicas e de comportamento, uma vez que exercem efeitos sobre o cérebro e o sistema nervoso central (afetam a percepção, a inteligência, a memória, o raciocínio, as motivações e o autocontrole). Em geral tais efeitos são prazerosos (sensações de sedação, tranqüilização, de excitação, de prazer, de alucinações ou de "barato").
3. A intensidade do descontrole na vida da pessoa que abusa das drogas depende de uma série de fatores: tipo de droga, dosagem e administração, intervalos, contexto de consumo, influência do ambiente, pressões sofridas, estado de saúde físico e mental, personalidade e história pregressa do usuário, família, razões. (motivações) para recorrer a tóxicos.
4. Em caso de abuso, isto é, de dosagens excessivas ou continuadas, as substâncias psicoativas produzem "intoxicações" no organismo, com uma série de danos de gravidade variável. Outros produtos químicos – como agrotóxicos, resíduos industriais ou gases oriundos de queimadas – também podem provocar intoxicações, mas como não são prazerosos, não são considerados como psicoativos. Eles não induzem abuso e não criam dependências.
5. Existe muita desinformação a respeito das drogas psicoativas. A simples distinção entre drogas lícitas e ilícitas é normalmente enganadora: as primeiras não são benignas, nem as segundas automaticamente "pesadas", levando inevitavelmente à dependên-

cia. Embora lícitas (regulamentadas), drogas como o álcool e o fumo são responsáveis por gravíssimos problemas de saúde pública. Elas criam dependências muito sérias, e pesam tanto pelo elevado custo social que acarretam (acidentes, absenteísmo no trabalho, hospitalizações, etc.) quanto pelo sofrimento pessoal e familiar. Apesar disso, o consumo das drogas consideradas lícitas é abertamente incentivado pela publicidade.

6. É importante notar que não é a natureza da droga em si que faz a pessoa tornar-se dependente, mas o modo como ela é utilizada. Qualquer uso impulsivo, leviano ou descontrolado pode levar ao abuso e, em seguida, à dependência. O usuário está se tornando um dependente quando perde o controle sobre o uso da droga. Como conseqüência, tende a perder aos poucos os contatos e as trocas com outras pessoas, bem como a capacidade de levar uma vida saudável.
7. A OMS considera mais propensa ao uso de drogas a pessoa sem informações sobre seus efeitos, com uma saúde deficiente, insatisfeita com sua qualidade de vida, com personalidade vulnerável ou mal integrada, com fácil acesso às drogas. Quando surge um "problema de drogas", assiste-se de fato a um encontro infeliz entre três fatores básicos: a droga ("o produto") e seus efeitos; o indivíduo e seus problemas pessoais; a sociedade, o meio sociocultural e econômico e suas contradições e pressões. Nenhum desses fatores pode por si só ser responsabilizado pelo "problema". Mas o prazer sempre participa como elemento instigador ou coadjuvante.
8. As drogas psicoativas podem provocar três tipos principais de efeitos:
   a) A pessoa fica mais relaxada e calma, podendo até, conforme a dose, sentir-se sonolenta ou mole. Seus movimentos ficam mais lentos e ela reage pouco a estimulações. Esse efeito é chamado depressor, pois diminui, retarda ou reduz o funcionamento mental. A pessoa fica grogue, dopada ou chapada. Além do comprometimento da conduta e da atuação, altera-se a percepção, o raciocínio e a memória. São exemplos de drogas depressoras as bebidas alcoólicas, os calmantes, os xaropes contendo codeína, o cheirinho-da-loló, a cola de sapateiro.
   b) A pessoa fica mais alerta, atenta, com tendência a falar muito ou rapidamente.. Sente-se animada, bem disposta e mais apta, momentaneamente, a fazer coisas tidas como difíceis ou desgastantes. Esse efeito é chamado estimulante, porque a substância aumenta, estimula ou acelera o funcionamento do cérebro e do sistema nervoso central. Na gíria se diz que a pessoa "fica ligadona". São drogas estimulantes as anfetaminas, a cocaína, a cafeína, a nicotina.

c) A pessoa passa a perceber as coisas deformadas, coloridas, grandes ou pequenas, distorcidas. Seus pensamentos e percepções podem ficar parecidos com imagens de sonhos, esquisitos e sem nexo aparente. Drogas que provocam esse efeito são chamadas alucinógenas ou psicodélicas. Seus usuários costumam descrever essas experiências como "viagem", enquanto a percepção distorcida é chamada de "visual". São drogas perturbadoras a maconha, o ácido lisérgico (LSD), o cogumelo.

9. Tolerar o álcool é uma situação de risco, pois significa que o cérebro está se acostumando com a droga. Quando ela é usada em quantidade e freqüência elevadas, o organismo se defende estabelecendo um novo equilíbrio em seu funcionamento. Após alguns anos de uso regular de bebidas alcoólicas, certas pessoas não conseguem mais parar de beber e tornam-se dependentes. Se não tomam álcool, começam a apresentar sintomas como tremores, ansiedade, suores, dores musculares e mal-estar generalizado.

Mitos e Verdades Sobre DST/AIDS

Sugestões

1. Se eu transar com uma pessoa virgem, não corro o risco de pegar Aids.
2. Usar mais de um preservativo na relação sexual aumenta a proteção.
3. No sexo oral sem ejaculação não há risco de contágio.
4. Fazer sexo bêbado aumenta o risco de transmissão do vírus HIV.
5. Fantasias sexuais de qualquer espécie aumentam a possibilidade de transmissão de DSTs.
6. A masturbação mútua não oferece risco de transmissão de DSTs nem de Aids.
7. Nenhuma DST é tão grave quanto a Aids.
8. Transar debaixo do chuveiro aumenta o risco de transmissão de DSTs.
9. Não acontece a transmissão do vírus HIV da mãe portadora para o filho na amamentação.
10. Também se transmite Aids fazendo sexo anal sem usar preservativo.
11. Ter hábitos de higiene diminui os riscos de transmissão das DSTs/ Aids.
12. Ter informações corretas sobre as DSTs/Aids garante a prevenção.
13. A camisinha é o único método de proteção contra a gravidez e as DSTs/Aids.
14. Se uma pessoa dormir num quarto cheio de pernilongos com alguém portador de HIV, corre muito risco de contrarir o vírus.
15. A Aids não tem cura.
16. Quem ainda é virgem não precisa de informações nem de educação sexual.

17. Quem é usuário de drogas injetáveis é muito vulnerável à Aids.
18. Uma pessoa que é portadora do vírus da Aids pode continuar trabalhando e freqüentando lugares públicos.
19. A sigla DST significa Doença Sexualmente Transmissível, isto é, doença que é transmitida e adquirida por meio de relação social com parceiros(as) infectados(as).
20. HIV é a sigla para o vírus da imunodeficiência humana, que leva à síndrome da Aids.
21. Portadores de HIV têm seu sistema de defesa enfraquecido e gradativamente destruído, o que os torna alvo fácil de muitas outras doenças.
22. O HIV e algumas DSTs, como a sífilis e a hepatite, podem ser transmitidos por meio do sangue contaminado.
23. A transmissão do HIV pode ocorrer da mãe para o filho, durante a gravidez e na hora do parto.
24. A idéia de que tem a cabeça feita, de que sabe se controlar costuma levar os jovens a praticar sexo sem proteção.
25. Quem vê cara não vê Aids.
26. Todos os portadores de HIV mostram pela aparência física que estão doentes.
27. Está crescendo a proporção de jovens e de mulheres portadoras do HIV.
28. Muitas mulheres casadas têm contraído o HIV na relação sexual com seus maridos.
29. Pessoas que têm um exame positivo para o HIV sempre desenvolvem a Aids.
30. Aids é doença de bicha e de prostituta.
31. Todo portador de HIV é doente de Aids.
32. Usuários de drogas injetáveis são mais vulneráveis às doenças transmissíveis por meio de sangue contaminado.
33. Os jovens são um grupo vulnerável às DSTs e à Aids.

A águia e a galinha

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

— Esse pássaro aí não é galinha. É uma águia.

— De fato disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

— Não retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.

— Não, não insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

— Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não a terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

— Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

— Não tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

— Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

— Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

— Não respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

— Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não a terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto.Voou...voou...até confundir-se com o azul do firmamento...

Do livro A águia e a galinha, de Leonardo Boff, Editora Vozes.

O casamento de Sir Gawain

Espero, meu garoto, que você acredite que possa fazer seu destino, moldá-lo na forma desejada, como um ferreiro faz o metal. Mas é a vida que nos faz, e não o contrário. Tão claramente quanto lhe conto aqui esta história e as outras que conto a mim mesmo, vejo agora que foram elas que me trouxeram a esta tenda. Ora, se o próprio rei teve de se contentar com o que a vida lhe ofereceu e nada pôde modificar...

Vou contar uma história que lhe mostrará como a vida nos pega, nos sacode e nos faz obedecer.

Uma vez o rei viajava pelo norte de seu reino, quando teve o caminho bloqueado por um enorme homem, cabeludo que empunhava um porrete.

—Saia do meu caminho e deixe-me passar - disse o rei.

—Passe se puder - disse o grandalhão cabeludo.

“Vou dar uma lição nesse palerma”, pensou o rei. Levantou a espada, mas o porrete desceu. Num piscar de olhos o rei da Inglaterra estava caído no meio da sujeira; ele sim, e não o outro, aprendeu a lição. O grandalhão cabeludo bateu. no rei Arthur até ele ficar roxo, depois amarrou seus pés e suas mãos por baixo da barriga do cavalo e levou-o embora.

Na manhã seguinte, o rei Arthur acordou num canto do salão do seu raptor, exatamente no

lugar onde havia sido jogado na véspera. O grandalhão cutucou-o com um pedaço de pau.

— Ainda está vivo, hein?

Desembainhou da cinta uma asquerosa faca engordurada e cortou as amarras do rei. Arthur tentou espreguiçar-se, mas estava todo enrijecido, como um cavalo velho.

— De agora em diante você será meu criado. Fará tudo que eu mandar - disse o grandalhão cabeludo.

Então, durante semanas o rei virou um trabalhador braçal escravizado, num vaivém incessante sob as ordens daquele tirânico patrão intratável. Por fim, não estava mais agüentando esse tipo de vida, mas não tinha escapatória. Então humilhou-se: ajoelhado, embora um rei não se ajoelhe ante ninguém, implorou para ser dispensado do trabalho forçado, dizendo:

—Aceite uma soma em dinheiro como resgate, e diga se quer alguma outra coisa de mim. Se estiver ao meu alcance, você a terá. Mas deixe-me partir.

O grande cabeludo riu com sua lenta e irregular risada, quase um rosnado, e disse:

—Deixo-o ir, "rei", mas com uma condição. Que em um ano e um dia me decifre um enigma. Se não trouxer uma resposta, responderá com sua própria vida.

As adivinhações eram muito populares na corte, e o rei Arthur era mesmo muito bom em matar charadas, portanto aceitou a condição com entusiasmo.

— Agora diga-me, o que tenho de decifrar?

— Simplesmente o seguinte — disse o grandalhão — o que é que as mulheres mais desejam?

— Trarei a resposta em um ano e um dia — prometeu o rei.

Enquanto cavalgava de volta para a corte, o rei Arthur ia perguntando a todos que encontrava o que era que as mulheres mais desejavam. Alguns diziam que era "um bom marido", outros "um marido rico". Também disseram que eram "filhos bonitos" , "lindas filhas", "roupas caras", "jóias", "elogios" e "'atenção". Alguns homens casados falaram em "ociosidade". Mas nenhuma resposta pareceu ao rei que satisfaria o barbudão cabeludo que o capturara.

Tampouco na corte a solução do enigma foi encontrada. Foi aí que ele me pediu ajuda. Resolvemos ir em busca da resposta por lados diferentes, ele foi para o leste eu para o oeste, perguntando, questionando. Decorrido algum tempo cada um de nós tinha escrito um livro de respostas, mas nenhuma era de nosso agrado.

Quando chegou a hora de o rei Arthur cumprir a promessa, ele pegou os dois livros de respostas, mas estava desanimado em fazer a quem quer que fosse a pergunta que lhe parecera ser tão difícil um ano atrás. Cavalgou sozinho e silencioso pelas florestas escuras e tenebrosas. Numa trilha estreita e sinuosa seu cavalo tropeçou. Erguendo os olhos, o rei Arthur viu uma clareira cheia de luz e muitas pessoas, é melhor não dizer de que tipo, dançando. Apressou o cavalo e os dançarinos desapareceram. Então restou apenas uma figura feminina escura e detestável, enrolada em um manto negro, sentada numa pedra no meio da clareira. Parecia tão feia, tão velha e tão maligna que Arthur estremeceu e passou ao largo com seu cavalo.

Um grito que mais parecia um coaxar fez com que ele parasse. A figura levantou-se e falou. Arthur podia ver que ela realmente parecia uma velha bruxa. Dirigiu-se a ela para ouvir o que ela tinha a lhe dizer. Ao se aproximar, uma neblina enrolou e cobriu as pernas de seu cavalo.

— Rei Arthur é o seu nome — disse a mulher — e está indo em direção ao seu fim se não responder à pergunta mais difícil jamais feita. Responda se é verdade.

— É verdade, embora eu não consiga imaginar como você sabe disso.

— O que é, então, rei Arthur, que as mulheres mais desejam? — indagou a bruxa.

Arthur gastou mais um pouco de sua massa cinzenta procurando uma resposta que fosse comum a todas a mulheres, e falhou novamente.

— Não tenho condição de lhe responder - disse.

— Mas eu posso lhe dizer — retrucou a velha enrugada — se você atender ao meu pedido.

— Concordo — disse Arthur sem pensar. – Agora dê-me a resposta da charada.

A bruxa cochichou a resposta em seu ouvido, e Arthur, vendo de imediato que era a resposta correta, deu um profundo suspiro de alivio.

— E agora, boa senhora — disse — o que quer de mim? Ouro, jóias, títulos de nobreza, terras? Tudo isso será seu, é só pedir.

— Não quero ouro, jóias ou títulos ou terras — ela respondeu — mas simplesmente isto: que no prazo de um mês, quando for à sua corte, você me case com um de seus cavaleiros.

A resposta do rei Arthur morreu em sua garganta. Nenhum de seus cavaleiros se casaria com uma noiva daquelas. Antes que pudesse falar, ela desapareceu na neblina e ele ficou só.

Quando o rei Arthur chegou à casa onde havia sido feito de criado e até se ajoelhara para um senhor, não sabia o que fazer. Ele disse todas as respostas que havíamos recolhido, mas a cada uma o grandalhão cabeludo somente ria ou balançava a cabeço. Finalmente, Arthur terminou de dizer todas as respostas e ficou mudo. Ele preferia morrer a dar a solução da velha e condenar um de seus cavaleiros a se casar com semelhante criatura.

— Então,você não conseguiu achar a solução. Nesse caso, terei a sua cabeça.

O gigante deu uma gargalhada ensurdecedora.

— Seus famosos guerreiros são obviamente tão mirrados da cabeça quanto dos braços.

O rei Arthur não tinha mais como ajudar a si mesmo. Ele olhou fixamente o seu debochado interlocutor nos olhos e, calma e deliberadamente, recitou:

É desejo de Eva e sempre / foi desde a mais tenra idade.

E em atitudes provou querer / ser dona de sua vontade.

Virou-se e foi embora, e o enorme cabeludo não tentou impedi-lo.

Quando o rei Arthur chegou em casa e contou sua história, na corte inteira não houve mulher - solteira, casada ou viúva – que contradissesse a resposta da bruxa. Todos nos regozijamos porque o rei estava salvo. Só ele não sorria. Contou-nos que, para conseguir a resposta, prometera à velha bruxa a mão de um de seus guerreiros em casamento.

— E — disse ele — ela é a mulher de aparência mais asquerosa que já vi...

Eu já tinha sido feito prisioneiro da beleza no castelo do Cavaleiro Bertilak. Sabia que o prazer que sentia ao ver um rosto é principalmente o reflexo da nossa vaidade. Essa mulher parecia ser a companhia perfeita para meus dias e noites de vergonha. Disse ao rei que me casaria com ela com prazer e que me casaria quantas vezes fossem necessárias, embora ela fosse perversa e nojenta como Belzebu. Então a data do casamento foi marcada, e os preparativos para a festa foram iniciados.

O dia finalmente chegou, a corte foi para as ruas para dar boas-vindas e receber a velha que salvou o rei. Minha noiva chegou a Camelot num burro estropiado e velhinho. Ao vê-la, a multidão recuou horrorizada. Desde o seu cabelo imundo e emaranhado, meio falhado aqui e ali, dando para ver o couro cabeludo cheio de caspa, até os pés, que mais pareciam garras, não havia uma parte, um traço nela que não fosse disforme e horroroso. Seu corpo esquelético

e sem formas era terrivelmente feio, mas foi seu rosto que fez os espectadores estremecerem. Sua pele era áspera e enrugada, seus olhos embaçados, seu nariz gotejava e tinha verrugas, sua boca era um mero rasgão, os lábios enrugados sobre dentes amarelos e cariados. Usando um vestido branco de renda, ela parecia uma imitação grotesca de uma noiva.

Foi, na verdade, uma cerimônia horrível. Na festa de casamento, enquanto todos comiam, minha noiva ignorou tanto os pratos quanto os talheres. Com suas unhas sujas ela puxava o pão e a carne, enchendo a boca até o molho escorrer pelo rosto. Ela comeu por seis e bebeu por nove.

Quando ficamos a sós no quarto nupcial, eu não podia controlar o tremor de minhas mãos. O sangue desapareceu de meu rosto. Aquela mulher horrível puxou-me pelo braço:

— O que é, meu queridinho? — ela perguntou. Venha cá e me dê um beijo.

Comecei a sentir náuseas. Mas juro que quando me virei para beijá-la, tive tanta pena dela por todos a tratarem como um vil animal, que o seu toque não me revoltou mais, mesmo feia daquele jeito. Fechei os olhos e beijei aquela boca velha e molhada.

— Olhe para mim, meu esposo, porque agora nós dois somos um só.

Abri os olhos. E ali estava ela, uma linda moça de não mais de dezoito invernos, com uma beleza tamanha que caí de joelhos. O quarto estava cheio de luz.

Sou a sua noiva — disse ela. — Fui encantada naquela forma horrível pelo meu diabólico pai, o grandalhão que derrotou o rei Arthur. Seu beijo acabou de me libertar, mas não completamente. Agora você tem duas escolhas: pode ter-me nesta forma de dia ou de noite, mas não as duas. Por doze horas de cada vinte e quatro, devo aparecer feia como quando você se casou comigo. Pense bem, Sir Gawain, antes de escolher. Imagine como me sentirei de dia quando estiver entre as damas da corte; ou como você irá sentir-se quando eu o saudar naquela forma toda noite. Pense bem, e escolha o menor dos dois males.

Eu estava tão possuído por sua graça e beleza que nem precisei pensar muito.

— É você, minha noiva — eu disse — que carrega o peso desse terrível feitiço. Escolha por nós dois e estarei contente. Qualquer que for o seu desejo, será o meu também.

Ela sorriu e disse:

— Seu amor resolveu a charada de meu pai. Você me deu o que a mulher mais deseja: meu próprio desejo, e por isso o encantamento agora está completamente dissolvido. Esta será agora minha forma para sempre, e serei bela tanto de dia como à noite.

Sim, meu amigo, nós pensamos que tomamos nossas próprias decisões, mas na realidade elas são tomadas por nós. Pelo menos assim é para os homens deste mundo, pobres criaturas que somos. Mesmo para o rei. E mesmo, embora eu o xingue a cada dolorosa respiração, mesmo para Sir Lancelot.

Os cinco macacos

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula, no centro da jaula uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato de água fria nos que estavam no chão.

Depois de algum tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros o enchiam de pancadas. Passado mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo rapidamente retirado pelos outros, que o surraram.

Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não mais subia a escada. Um segundo macaco foi substituído, e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado, com entusiasmo, da surra ao novato. Um terceiro foi trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse chegar às bananas.

Se fosse possível perguntar a algum deles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: “Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui...”

Texto citado na publicação Pode ser diferente; cadernos sobre violência e discriminação, produzida por iniciativa do Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Ministério da Justiça, Projeto Alvorada, Plano Nacional de Segurança Pública.

Declaração Universal dos Direitos Humanos

ARTIGO 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados que

são de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros.

O que é violência?

Violência

- é qualquer ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém;
- caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror;
- opõe-se à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis e passivos.
- é todo ato de força que vai contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coação, constrangimento, tortura, brutalização)
- é todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (violar) é todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como direito.

4 - Sugestões de situações para desenvolvimento da atividade

- **Pensando nas justificativas**

Situação 1

Adoro beber cerveja com meus amigos. Todos os dias, bebo pelo menos três ou quatro. É a hora em que eu relaxo, solto as tensões e o cansaço. Chego em casa e vou direto para a cama. Viciado? De jeito nenhum. Esse problema não é meu e nunca será. Isso nunca vai acontecer comigo. Eu paro a hora que quiser.

Pergunta: Você acha que a pessoa representada na situação é dependente de álcool?

Situação 2

Tenho 15 anos e estou namorando um rapaz de 21. Ele me curte muito e eu também estou apaixonada. Só que ele usa maconha e eu quero ajudá-lo a sair dessa. Ele me diz que fuma

porque não combina com o padrasto, tem muito problema em casa, não tem ninguém que o apóie. Até parou de estudar por causa dos problemas.

Pergunta: *Você acha que devo continuar com ele e tentar ajudá-lo?*

Situação 3

Primeiro, foi maconha, de brincadeira, na roda de amigos. Depois, um cara lá de perto de casa me ofereceu crack. No começo, tudo é fácil, não falta amigo para oferecer. Depois tem que batalhar para comprar... Outro dia, vendi meu skate para pagar uma dívida. Medo? Eu sei, eu sei. Já li tudo sobre isso! Mas não é bem assim, as pessoas fazem muito terrorismo. Estão surgindo muitas discussões novas sobre o assunto.

Pergunta: *Você acha que essa pessoa está encarando o problema de frente?*

Situação 4

Há seis meses Juca, o segundo filho de uma família de seis, vem se tornando agressivo, irreverente, invadindo o espaço dos irmãos, desrespeitando o pai, que está desempregado e vive de bicos. Magda, a irmã mais velha de Juca, tem um emprego fixo e é ela que leva dinheiro regularmente para casa. Todos estão se sentido mal com o comportamento do irmão, mas toleram o que ele faz.

Pergunta: *Você acha que a família de Juca está agindo certo?*

Métodos contraceptivos

GRUPO 1

Você é um Agente de Saúde e foi convidado para ir a um programa de entrevistas na televisão local para esclarecer o público sobre o DIU e os métodos cirúrgicos de contracepção. Suas respostas devem esclarecer

- o que é o método (como ele impede a gravidez);
- como se usa;
- acompanhamentos necessários;
- eficácia no uso correto.

Trata-se de um programa ao vivo e tanto o apresentador quanto os telespectadores poderão lhe fazer perguntas.

Junto com seu grupo, estude o tema, prepare as perguntas que serão feitas pelo apresentador e as respostas do entrevistado. Pense também nas perguntas que poderão ser feitas pelos telespectadores. Organize o cenário do programa, escolha quem fará o papel de entrevistador e de entrevistado, quem ficará no apoio recebendo as perguntas dos telespectadores e quem ficará na platéia. Seus colegas dos outros grupos também terão direito de fazer perguntas.

GRUPO 2

Você é representante de um laboratório que produz Diafragmas, Espermicidas e Métodos Contraceptivos Hormonais. Prepare um cartaz explicativo sobre seus produtos. O cartaz deve ser atraente do ponto de vista visual, claro e conter as seguintes informações básicas sobre cada um dos métodos:

- o que é o método (como ele impede a gravidez);
- como se usa;
- acompanhamentos necessários;
- eficácia no uso correto.

Exponha seu cartaz para seus colegas. Planeje uma técnica para verificar se os leitores do cartaz compreenderam as informações e se o consideraram atraente.

GRUPO 3

Você e seus colegas de grupo trabalham em uma Unidade de Saúde como Agentes Voluntários e, semanalmente, estão encarregados de promover um bate-papo sobre métodos contraceptivos em um grupo de adolescentes. Esta semana o tema do bate-papo será a Tabelinha, o Billings e a Temperatura Basal. Pensem nas técnicas que vão usar para conduzir o bate-papo e garantir que os adolescentes fiquem sabendo

- o que é o método (como ele impede a gravidez);
- como se usa;
- acompanhamentos necessários;
- eficácia no uso correto.

Seus colegas serão os participantes do bate-papo.

GRUPO 4

Você e seus colegas foram convidados para promover um debate sobre o Coito Interrompido e as camisinhas masculina e feminina. Prepare uma introdução para o debate, explicando as características de cada método. Essa explicação deve esclarecer

- o que é o método (como ele impede a gravidez);
- como se usa;
- acompanhamentos necessários;
- eficácia no uso correto.

Depois convide dois adolescentes da platéia, um que seja contra e outro que seja a favor de cada método, para apresentar suas razões. Convide também os demais para opinar.

Pensem em como organizar o debate para que todos tenham chance de falar e de ouvir.

Conversa entre gerações

COMPORTAMENTO	GERAÇÃO DOS PAIS	GERAÇÃO DOS AVÓS	GERAÇÃO ATUAL
Moda			
Relacionamento com os pais			
Relacionamento com os irmãos			
Relacionamentos com os professores			
Relacionamento com os colegas			
Gírias			
Estilo de música			
Estilo de dança			

Direitos do adolescente			
Deveres do adolescente			
Namoro			
Horário de saída para as festas			
Horário de chegada das festas			

Direitos e Deveres

1. O que é um direito?
2. Por que os seres humanos estabelecem direitos?
3. Quem define os direitos?
4. Quem tem direito a ter direito?
5. O que faz um direito valer de fato como direito, isto é, ser respeitado?
6. Quem é responsável por garantir os direitos das pessoas?
7. É possível viver em grupo sem estabelecer os direitos de cada um?
8. Quais são os direitos dos adolescentes?
9. Quais são os direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes?
10. Os direitos dos adolescentes estão sendo respeitados?
11. Uma pessoa sozinha pode garantir o respeito pelos direitos?
12. Todo mundo que tem direitos tem também deveres?
13. Quais são os deveres dos adolescentes?

Quem tem o dever de garantir que os direitos dos adolescentes sejam respeitados?

V - Bibliografia

ARATANGY, Lídia Rosemberg. *Doces venenos*: conversas e desconversas sobre drogas. 5.ed.São Paulo: Olho d´Água. 1991.175p.

ATUCHA, Luis Maráia Aller. *Sexualidad Humana*: una aproximación ideológica e metodológica. Lima: Luciana Biseo, 1988. 201p.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. 309p.

BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). *Conversando sobre o corpo*. 5.ed. Campinas: Papirus, 1994.107p.

CAVALCANTI, Ricardo C. (Coord.) *Saúde sexual e reprodutiva*: ensinando a ensinar.[s.n.t]. 434p.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da, DUARTE, Cláudio Nunes. *Educação para os direitos humanos*. Salvador: Ministério da Justiça, Secretaria dos Direitos Humanos, Serviço Civil Voluntário, 2003. 148p.

GAYARSA, José A. *O que é corpo*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.85p. (Primeiros passos; 170).

GRANDINO, Adilson et al. *Macho, masculino, homem*. 5.ed. Porto Alegre:L&PM, 1986. 110p.

HIGHWATER, Jamake. Mito e sexualidade. São Paulo: Saraiva, 1992.200p.

MANUAL DO MULTIPLICADOR: adolescente. Brasília: Ministério da Saúde, 1997. 160p.

PODE SER DIFERENTE: caderno sobre violência e discriminação. Brasília: Secretaria de Estado de Assistência Social, [s.d.].127p.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. *Sexualidade e adolescência*: as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte:Autêntica, 2001. 248p. (Trajetóira;5).

SOUSA, Vilma de. *Juventude, solidariedade e voluntariado*. Salvador: Fundação Odebrecht; Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego e Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.458p.

SOUSA, Vilma de. *Sexualidade do adolescente*: fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht, 1999. 320p.

TUCKER, Patrícia, MONEY, John. *Os papéis sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.203p.

Anotações

Anotações

GOVERNO DE MINAS

EDUCAÇÃO